

PEDRO II

321



D. Pedro II
(1889)

SERIE 5.^a - BRASILIANA - VOL. 15
BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

VISCONDE DE TAUNAY

PEDRO II

2.^a edição



1938

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Porto Alegre

Índice

	PAG.
Prefacio	XI
Pedro II e os seus censores	1
Allocuções ao Imperador e á Princeza Imperial	25
Excerptos do Diário Intimo	47
Cartas do Visconde de Taunay a D. Pedro II	177
Fé de Officio de Imperador do Brazil	191
Nota	204
Cartas de D. Pedro II, exilado, ao Visconde de Taunay	219

Prefacio

Pela pessoa de Pedro II professava o Visconde de Taunay a mais profunda admiração, sentimento que lhe vinha da infancia e constantemente acendrado desde os primeiros contactos com o monarcha.

Era-lhe esta feição bastante de procedencia atavica pois seu Pae, um dos preceptores do Imperador, passara durante quarenta annos a ser o constante e fiel amigo do Soberano, seu antigo alumno, e de varias disciplinas. E igualmente dedicara as veras de um apreço extraordinario ás faculdades intellectuaes e ao character do augusto discipulo que, aliás, numerosas vezes, e publicamente, lhe retribuiu esta expressão de elevadissima estima, nos termos do mais alevantado apreço e reconhecimento de meritos.

Em Pedro II via o Visconde de Taunay não só o homem de rara cultura, servida por larga intelligencia e prodigiosa memoria. O que nelle de mais notavel envergava vinha a ser a estatura moral.

No Bragança magnanimo percebia um dos mais acabados typos representativos da grandeza humana. Tinha-o como a encarnação, a mais eminente do patriotismo, da

honestidade, da rectidão e do amor a tudo quanto considerava nobre e bello.

Jamais de sua parte houve cortezania na exteriorisação destes sentimentos e sim apenas a expansão do enthusiasmo e da sinceridade.

Se a Pedro II, reinante, frequentes vezes se dirigira, em laudatoria phrase, de Dom Pedro de Alcantara, des-thronado pobre, semi solitario e exilado, muito mais arroubarlamente falou numa época em que o dynasta deposto contava restricto numero de amigos.

Poucos destes houve tão constantes e pertinazes quanto o cortezão da desgraça, autor deste volume.

As noticias da superioridade immensa com que Pedro II supportava "o rigor da iniqua sorte", e a perda "do throno e da magestade quando a dous passos só se sentia da Morte" commoviam ao ultimo ponto e deslumbravam o seu já tão arroubado admirador. E este sentimento provocava a sua continua proclamação de um espanto causado pelo spectaculo de tamanha grandeza d'alma muito acima de qualquer expectativa.

A morte do grande Bragança causou-lhe a maior e a mais violenta dor. Ouvi-o soluçar longo e longo tempo á tarde de 5 de dezembro. E viveu immerso dias e dias a fio, na mais negra melancolia.

Pouco antes de sua morte disse-me no tom da mais profunda convicção : "Não sei se te caberá a grande felicidade que alcancei : a convivencia proxima, e prolongada, com homens de immensa elevação como o Imperador e Rio Branco, typos verdadeiramente grandiosos."

Neste novo volume da posthuma de meu Pai reuni os seus discursos de saudação a D. Pedro II, esparsos na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, algumas paginas por elle publicadas sobre o soberano, pouco antes de 15 de novembro, paginas aliás de errada psychologia em que se affirma da robustez do throno brasileiro, condições já então inexistentes. E addicionei-lhes os excerptos ineditos do *Diario intimo*, relativos á convivencia do Senador por Santa Catharina com o monarcha, em 1889 e a uma serie de factos referentes ao soberano desthronado até a sua morte, a 5 de dezembro de 1891. Como appenso estampej a *Fé de officio de Imperador do Brasil*, documento nobilissimo da lavra do imperante deposto e hoje quasi inteiramente esquecido e as *Cartas do exilio*, endereçadas pelo magnanimo principe ao seu fiel partidario.

Pelo tom de diversos topicos destas paginas intimas verá o leitor que quem as redigiu não era um cortezão do poder. Discutia com o seu monarcha e delle ás vezes discordava e divergia, largamente, com toda a franqueza e convicção. Não era aliás dos que confiavam na persistencia da instituição monarchica no Brasil, após a morte do segundo Imperador, como diversos topicos de seu *Diario intimo* documentam.

A largueza da visão bem lhe permittia divisar quanto o prazo do imperio brasileiro estava intimamente ligado ao da vida do filho de Pedro I.

Em outro volume espero completar este depoimento das relações do autor de *Inocencia* com Dom Pedro II, por meio da publicação de novos trechos ineditos seus e

de outros do punho do Imperador, colleccionados e divulgados pelo amigo dos dias de fastigio e sobretudo dos da adversidade e solidão.

S. Paulo, 10 de março de 1933

AFFONSO DE E. TAUNAY



D. Pedro II e suas irmãs, D. Januária, condessa d'Aquila
e D. Francisca, Princesa de Joinville.

(Quadro do Barão de Taunay (1835))

Pedro II e os seus censores

O que me causa hoje pasmo (1) e ha de um dia merecer a admiração e a homenagem da historia imparcial e serena, na justa apreciação dos factos e no estudo dos caracteres, é a inesgotavel paciencia com que o Imperador, a labutar, ha quasi meio seculo completo, no meio de irresoluções, fraquezas e procrastinações, falta de methodo e de systema, indolencia e desorientação, tudo supportou, procurando, em alguns casos, dar remedio mais ou menos prompto e bem indicado, em outros estimular, apressar, dirigir, ainda que peado e muito pela sua posição e restringimento constitucional, attenuando os efeitos de causas que de todo escapavam á sua acção, mas sentindo a cada momento o gravame e os espinhos da responsabilidade de erros, culpas e faltas, que tinha de compartilhar, embora de todo innocente.

(1) Trecho das *Cartas Politicas* dirigidas ao Partido Conservador pouco após a sua queda do governo a 7 de junho de 1889.

Que existencia laboriosa! Que vida de diarias canseiras e incessantes esforços, empregados em todos os sentidos, desde a contenção de espirito nas mais altas questões de Estado até á fiscalisação dos depositos e almoxarifados!...

Foram os europeis de que elle cercou aqui a monarchia e que lhe valeram tambem esse immenso prestigio, esse entranhado affecto, assentes na consciencia publica e firmados no indestructivel sentimento de justiça do povo brasileiro, que são e serão sempre a barreira mais forte á propaganda republicana e que fazem com que muitissimo mais habil, geitoso e diplomata, em sua sinceridade, se mostre o Sr. Quintino Bocayuva, pregando o respeito e nobilitante veneração ao monarcha americano, ao nosso *great old Emperor*, do que o Sr. Silva Jardim, no arrebatamento da sua ardente propaganda, com sua demasia de linguagem e impropriedade de epithetos.

I

A affeição ao Imperador é um sentimento profundamente brasileiro.

Nelle nada ha convencional; nada desses intuitos que na velha Europa prendem o soberano á nação; nada dos deslumbramentos do poder supremo; nada dos habitos de servilismo ou das praxes tão caras á indole dos cortezãos, de que temos ainda uma duzia ou duzia e meia, simplesmente para a conservação da especie; nada interesseiro a bem da distincção em casta ou classes, tão accentuada e vexatoria nos paizes mais adiantados e até em muitas republicas.

E' cousa intima, sincera, leal e que a um tempo exaltam o Brasil e o monarcha.

Pela nossa indole, naturalmente calma, um tanto fria e pausada, pesada, se quizerem, mas sensata — e esse foi tambem precioso legado portuguez, certo *sanchopansismo*, que dá sempre tempo ao tempo e furta o corpo aos impetos, desvarios e arrebatamentos da imaginação, em sua avidéz de novidades; — as manifestações daquelle affecto são raramente ruidosas e custam a apparecer; mas o Imperador, na elevação do seu pensamento, nunca fez dellas cabedal, pois sabe que entre o seu coração e o do povo ha uma ligação estreita, valente e mysteriosa.

Muitas causas para isto concorrem.

Primeiro, o rasgo de cavalheirismo, com que D. Pedro I, com admiravel intuição, entregou o filho pequeno, nos primeiros dias da infancia, filho que elle nunca mais devcra ver nem beijar, á nação brasileira, dizendo-lhe nessa cessão de todos os direitos do coração: “Guardai-o; elle é vosso; fazei desta criança um homem, um soberano que honre o nome de seu pai e a terra em que nasceu”.

E no intimo, pois era um principe bizarro e de impulsos grandiosos, havia de reconhecer que, na sua vida de vai-vens e aventuras, o povo, em quem tanto confiava, fóra digno e justo na energia e altivez com que respondera aos seus actos de precipitação e leviandade...

Depois, aquella meninice embalada ao sopro das revoluções; o cuidado com que os maiores vultos brasileiros cercaram a pessoa e educação do principe; o zelo carinhoso e commovente com que cerraram as portas de S. Christovão a todos os alarmas das conflagrações politicas e sociaes; a sinceridade com que elles, os mais illustres do tempo, com o mais acendrado amor á patria e á dignidade, serviram a idéa e a causa monarchicas, antepoendo a quaesquer calculos de ambição e

aos arrastamentos do pretendido americanismo a conveniencia do Imperio, fazendo d'elle, não um centro de bajulações e imitação baixa das côrtes européas e de velhas e impossiveis tradições, absolutamente intoleraveis a todos nós, porém, sim o fundamento em que se deviam firmar a grandeza e indivisibilidade de um paiz immenso, que tem 1.200 leguas de costa maritima e, no mais reduzido mappa-mundi, attrae logo as vistas do simples principiante de geographia — tudo contribuiu para aquelle resultado.

Porventura, ha algum republicano de hoje, que se supponha superior em largueza de vistas e patriotismo aos homens da nossa grande geração passada? Houve por acaso miserias de character nacional, razões transcendentés que nos levem a mudar de rumo? Alguma mancha que para sempre mareou o nossò nome, alguma transacção indigna, vergonhosa, humilhante, que salpicou de lama o throno e a bandeira do Brasil?

Era, entretanto, aos políticos de 1830 e 1840 tão facil acabarem de uma vez com a monarchia!... Que lhes custava? Não tinham elles tido coragem e civismo bastantes para fazerem

descer do solio um soberano voluntarioso, ardente e violento?

Que lhes custava arredar uma criança, que não teria sequer forças para protestar, e de quem a Europa monarchica pouco se importaria, ella, que não pôde, num dos periodos de maior pujança dos reis, senão lamentar e chorar o fuzilamento do infeliz Maximiliano, contentando-se com discutir, lacrimosa e prolixamente, se Juarez tinha ou não direito de mandar espingardear a quem viera perturbar ainda mais o revolto seio da sua patria, e tentar, contra a vontade do povo, fazer alluir as suas instituições?!...

E perguntaremos sem receio: Frustrou o Imperador as esperanças daquelles que o haviam guardado para honra e proveito deste paiz?

Respondam factos bem recentes; respondam a despedida que teve ao partir para a Europa, após gravissima enfermidade e as lagrimas sinceras que o acompanharam até bordo; responda a anciedade de todo o Brazil, á leitura angustiosa dos telegrammas, quando o subemos a milhares de leguas da patria, em perigo de vida; responda a attitude commovedora, a alegria espontanea, sem nenhum officialismo, de toda a população, o festivo sobre-

salto com que a nação o acolheu, abrindo-lhe os braços, estreitando-o ao peito, como ao melhor e ao mais leal dos seus servidores, ao estremecido chefe de quem ella não tem tido senão motivos de orgulho e de gloria, ao soberano que nunca derramou o sangue de ninguem, que virtualmente aboliu a pena de morte e que, após cincoenta annos de reinado, não tem um real de seu, ao passo que presidentes de republica, em poucos annos de gerencia, accumulam milhares de contos de réis e vivem em Pariz, ou alhures, como nababos . . .

Digam o que quizerem, a monarchia tem profundas raizes em todo o Brasil. Não passa pois de um dito da moda o conceito posto em circulação, segundo consta, por illustre prelado: “Os dias da monarchia estão contados” talvez sob a immediata influencia das ardentes palavras de um compa-
nheiro do clero.

De que accusam, porém, a monarchia?

II

Afinal, qual a mais grave e persistente das censuras feitas á monarchia, nos larguissimos de-

cenios em que tem dirigido os destinos da nação brasileira por meio dos grandes e bem ponderados elementos constitucionaes?

Alguma vez se achou ella divorciada do sentimento nacional, quando pungido este mais vehementemente por qualquer instigação do brio, do pundonor e da indignação?

Alguma vez ficou ella indifferente, alheia ás minimas dôres da patria, inerte ante as suas afflicções, no calor amornado da apathia e na commoidade do absenteismo, grato a muitos que pretendem resumir em si a quintessencia do patriotismo?

Alguma vez representou ella a prodigalidade, o gozo, o parasitismo, a locupletação, o luxo, na diminuta dotação que recebe toda a familia imperial?

E que somma fabulosa, inimaginavel, fôra necessaria para pagar e retribuir a paz e a tranquillidade deste immenso Brasil desde 1840, a dignidade do seu nome, a sua honorabilidade no conceito de todas as nações do mundo, o respeito que, sem contestação, de todas ellas merece, a firmeza das suas resoluções sempre tendentes á concordia e á benevolencia, sem nunca recuar, porêm, diante de contingencia alguma, nem das luctas armadas mais

sangrentas e prolongadas, sua politica larga e generosa para com inquietos e desconfiados visinhos e essa admiravel pratica da igualdade, virtude e aspiração, que, nas mais livres terras da civilisação, ainda não passa de simples utopia e que, entretanto, aqui provoca scenas da mais estupenda e sublime confraternidade?

Quem é, com effeito, capaz entre nós — por mais elevada que seja a sua posição na gerarchia social — de atirar á face do mais humilde dos seus concidadãos a pécha de que é filho de escrava ou até nasceu nos ferros de ignominiosa servidão?

Quem se não lembra do frémito de indignação que acolheu o acto impensado de illustre general, ao querer em um *bond* fazer levantar a chicotadas uma pobre preta?

Quem a não applaudiu, quando manteve firme e heróica o direito ao logar por havel-o pago com seu dinheiro? E de que força poderosissima emanou, a poder de continuos exemplos, esse sentimento, que decorreu de alto para baixo para todas as camadas, mantida sempre a dignidade magestática?

Vão, vão buscar essas afamadas republicas, em que de continuo se exerce vigilante e meticulo-

so reparo nas bordas das unhas, a buscar denuncia de sangue africano! E mesmo nas de maior confraternisação, quantas distincções e limites de classes, que desprezo de umas para outras, quanta aristocracia e argentarismo, quanto aprumo, por ser-se descendente de colonos antigos e não filho de imigrantes recién chegados? Quantas convenções ridiculas da velha Europa, enxertadas na arvore do republicanismo americano!

E o horror ao derramamento do sangue de irmãos nos movimentos políticos? Como teriam acabado as revoluções do Pará, Maranhão, Ceará, Minas Geraes, São Paulo e Rio Grande do Sul, a não ser o genio meigo, bondoso, philanthropico do soberano, que comprehendeu perfeitamente a indole do brasileiro e com ella se identificou? Em uma hecatombe medonha. Tanto soffreram aquellas provincias com as perturbações sediciosas, que ainda hoje é bem vivo o horror ás convulsões armadas. Que não seria com os fuzilamentos, a matança e a forza em nome da Lei vingadora?

Como é ridiculo fazerem do suplicio do grande martyr Tiradentes como que arma directa de ataque ao Sr. D. Pedro II! Pois certamente não vêem os mais exaltados tiradentistas — e todos nós

brasileiros devemos sel-o, curvando-nos respeitosa-mente ante o vulto daquelle desventurado e patriótico sonhador — não vêem que, no seculo passado, com a ordem de cousas então vigentes, o Imperador, no logar da sua ascendente D. Maria I, senhora fraca, pobre rainha, senão demente, pelo menos em vespuras da loucura, rodeada de conselheiros ferozes e obscurantistas, teria perdoado a todos os Inconfidentes de 1789, perdoado mil vezes?!...

Aliás, culpas retroactivas attingem tambem os mais alvinitentes republicanos, pois innumerous foram os que se adornavam com esse bello titulo para praticarem as maiores barbaridades e as mais estupendas e sanguinarias insanias. Mme. Roland, em poucas palavras, soube apostrophar a guilhotina!

Entretanto, cousa curiosa! essa idéa de sangue agrada até aqui, neste paca-tissimo Brasil, a não poucos. Todos nós temos ouvido da boca de intitulos caracteres puros e intemeratos reformadores dos costumes publicos este violento remedio aos males e inquietações sociaes: “E’ preciso fazer-se correr sangue, mas muito!” a sonharem com os homens de 1793 e as scenas da Revolução,

como que promptos e decididos a serem outros tantos Fouquier-Tinville, Marat e Robespierre. . .

Mas com tudo isto não dissemos qual a mais saliente das acusações feitas á monarchia no Brasil.

Estragar caracteres.

III

Por ahí costumam dizer — tem o Imperador inutilisado e corrompido muitos caracteres.

Primeiro que tudo, caracter que se deixa estragar e corromper já não é mais caracter; pois exactamente no choque dos acontecimentos, no embate dos factos sociologicos é que se tira a contra-prova da tempera de uma individualidade. Logo que a pedra de toque denuncia que um metal, tido por precioso, nada mais é do que pechisbeque, não ha senão agradecer a indicação de quem fez resaltar a verdade, deixando bem claro o pouco do mais fino quilate.

Depois, parece que o monarcha passou a vida a acenar para todos, corrompiveis ou não, com regalias e honras, que elle, entretanto, era o primeiro,

com philosophica despreocupação, a considerar de somenos importancia, rodeando-se, ainda mais, de validos, favoritos e baixos commensaes, cheios de regalias e abusivas prerogativas.

E, entretanto, neste ponto, a justiça popular é unanime em seu depoimento e accôrdo.

S. Christovão foi sempre um Paço triste e severo; a morada, não da alegria, mas do dever sereno e vigilante. Jámais nelle ecoaram o estrondo das festas e as acclamações de pomposas recepções.

Aberto a todos, sem o mais leve constrangimento de etiqueta, tornou-se e é o refugio de quanta queixa levantam os vexames e a oppressão dos partidos de cima, o lenitivo de immensas e innumeras dôres, o appello nos grandes desesperos, e foi, não vão longe os tempos, a consolação do misero e humilde escravo, quando ia buscar, na meiguice e no sorriso bondoso do chefe da nação, uma compensação qual'quer ás suas angustias mortaes e á sua desgraça. E isto, não por um ou dois lustros, mas sim por mais de cincoenta annos!

Nunca teve o monarcha americano conselheiros intimos; nunca se deixou dominar por arrastamentos de coração. Se sentiu affeições, jámais as

collocou mal; mas, assim mesmo, jámais lhes deu direito de ultrapassarem certos limites bem restrictos. Tão longe até levou o seu systema, aliás utilissimo ao Estado, que o seu espirito, envolvido no torvelimão das cousas publicas e no meio do tumultuar da vida agitada, deve, por vezes, achar-se como o cenobita da Thebaida, encerrado em agrestes rochas, tendo diante de si o immenso deserto, arenoso e soalhento, que o separa da convivencia dos homens e dos risonhos oasis da intimidade e da expansão, tão caros a todos nós.

Não, a grande corruptora não tem sido a monarchia. E' aqui; foi em todas as éras; é em todos os paizes; em todas as republicas está sendo; fatalmente é, irremediavelmente, a politica (e entre nós, cumpre reconhecer, não é onde faz maiores estragos moraes), a politica com suas obrigatorias transacções, suas continuas e irremediaveis exigencias das contemplações pessoaes, a appellar seductora para mil estimulos, a aguilhoar a ambição e o orgulho, a cicizar um sem numero de promessas aos ouvidos do interesse, a offerecer só felicidades e vantagens a meros actos de condescendencia em estreito e acotovelado convívio de todas as paixões, desde os mais justos até aos mais

disparatados, cada qual mais instante e avassalador.

E como deixar de ser assim?

Justamente por isso, é que merecem a aura popular e o favor publico aquelles que buscam nessa vertigem resistir um tanto á corrente e salientar-se do rol dos fracos, dos commodistas, dos maleaveis communs, dos que se contentam com pouco e estão attentos e anciosos a qualquer sorriso da sorte.

Se aquelles mesmos, porém, de repente parece se arrependarem, se elles se afundam, se arregimentam no quadro geral das medianias e mediocridades, sobressalta-se a opinião geral e busca a explicação do facto longe da verdade, quando a culpa foi toda propria e filha ou do desanimo, ou da ambição vulgar e impaciente ou até da necessidade, cuja cara de herege para elles mais se accentuára.

Em S. Christovão começou muitas vezes a surpresa sincera e quasi ingenua, que depois se estendeu por todo o Brasil, ao ver certos nomes em organizações ministeriaes ou a pleitearem logares de confiança. Que fazer nessa contingencia? Re-

pellil-os, apontal-os como reprobos á attenção publica?

Não fôra armar levemente ao escandalo e de muito melhor conselho e até decencia, acreditar ou fingir acreditar, que todos esses repentinos conversos, com o correr do tempo e aplacadas as exaltações de certo instante psychologico, entraram no caminho de Damasco e com mais prudencia e reflexão puzeram-se a julgar os homens e as cousas?

Na Inglaterra, Walpole mereceu o appellido de grande estragador das consciencias. Costumava, contudo, dizer: “Quando os corruptos não estão satisfeitos, chamam-me de corruptor”.

Mas, ainda que assim procedesse por indole, fôra elle capaz, vivo hoje, de empregar os mesmos meios, avigorada como se acha a fibra ingleza no Parlamento de Sua Magestade Britannica?

Estejam todos bem convencidos. O Imperador jámais corrompeu a ninguém. São os factos no seu seguimento. Em sua logica inflexivel, em seu travamento apertadissimo, em sua deducção mathematica, que, mais ou menos tarde, denunciam falhas sensiveis e profundas no character de políti-

cos alcandorados no galarim da fama e erguidos no mais prestigioso pedestal da popularidade.

IV

Apezar de todos os erros e culpas de que a possam acoiinar, em época e em historia alguma, jámais a monarchia teve da republica homenagem maior, nem mais estrondosa, do que aqui no Brasil; jámais o Sr. D. Pedro II conseguiu, como concretisação de toda a sua quinquagenaria existencia de soberano, elogio mais completo e eloquente do que o que lhe lavraram os republicanos sinceros.

Victor Hugo, nos seus arroubos de inexcedivel poeta, e os sabios da Europa, a apertarem com orgulho a mão do philosopho e do cultor das sciencias, ficaram, com effeito, muito áquem da transacção há pouco proposta pelo illustre redactor-chefe do *Pais*, como preito, de um lado á verdade, do outro ás idéas, de que se constituiu éco e órgão mais autorizado.

Pois bem, declarou o director da mentalidade republicana no Brasil, concordemos em um ponto:

mantenha-se e respeite-se o throno até o dia em que o Imperador fechar os olhos á luz da vida; proclame-se, porém, logo em seguida a republica.

Mas, senhores, em nome de que principio se julgam estes homens no caso de offerecer e suggerir semelhantes compromissos a nós, nós monarchistas, não por mero habito; não por indolencia de espirito; não por bajulação; não por subserviencia a tradições da historia européa, que não temos, nem podemos ter; não por dedicação a velharias que nos valem, quando muito, um levantar de hombros; não por obediencia ao *direito divino*, em que não acreditamos e que repugna á nossa índole de americanos e á nossa qualidade de filhos da Creação, todos iguaes ao nascedouro perante o Influxo eterno e immenso que rege o Universo; não pelo gosto de fazer piruetas do seculo de Luiz XIV ou dizer banalidades assucaradas, o que deixamos com prazer á rarefeita tribu dos innocuos cortezãos de meia tijela ainda existente entre nós; mas monarchistas por calculo patriotico, por um conjunto de sentimentos de lealdade, de respeito ao dever, de reconhecimento aos grandes servidores do Estado, de amor á ordem, de acatamento aos meritos e de aspirações para que este Brasil seja

sempre unido e forte, acatado como tem sido, e o asylo de intangiveis liberdades, precisando só de valente e espontanea immigração européa, de algumas reformas e sobretudo de boas medidas administrativas para angariar de todo a admiração do mundo inteiro, como hoje começa já a grangear a Republica Argentina e, de ha muito, merecem a Confederação americana e as Colonias inglezas — reparem bem — as *simples colonias* da Australasia?

Os verdadeiros republicanos — isto é, aquelles que commungam á mesa sacrosanta de uma convicção antiga, arraigada de longa data e fortalecida em leituras constantes, cujos corollarios são mais proprios para a Europa do que para aqui, ou então filha de intuitos que tambem aos nossos olhos são dignos e nobres — têm que escolher entre as pontas de um dilemma.

Ou curvarem se ante a verdade e confessarem que o Brasil tem sido, com a monarchia, uma nação de que se não podem envergonhar os seus filhos mais exigentes, que elle tem progredido, embora não tanto quanto devera, e que se collocou, ainda assim, muitissimo acima de innumeradas republicas americanas, cujo estado de decadencia, cujas

vergonhas e incapacidade de se reorganisarem, devem consternar a quantos nasceram no Novo Mundo.

E o remedio aos nossos males, ao nosso desejo, á nossa ancia, e correlata inquietação, de incremento, não está na panacéa da republica, não se acha nas dobras de uma simples palavra e de um rotulo, mas nas grandes forças novas que têm de ser infundidas no nosso organismo, está sim: no trabalho, na ordem, no methodo, na calma e reflexão — isto é — na administração.

Como prova irrecusavel, ahí estão o Texas e a California, provincias anarchisadas e miseraveis sob o regimen republicano do Mexico e, logo após sua annexação aos Estados-Unidos, centros de enorme actividade e riqueza; ahí estão em escala mais modesta os districtos peruanos de Tacna e Tarapacá, florescendo na mão dos chilenos, quando antes nada mais eram do que extensas provincias desse vastissimo estado, que se chama a Indolencia e a Desordem.

Ou então — e esta é outra ponta do dilemma — os republicanos têm que fechar os olhos aos factos, obcecar-se para obcecar os outros e atirar-se ás cegas pelo intérmimo campo de tenebrosa e cho-

calejante rhetorica, só consentindo honra, altivez, pudor, honestidade, consciencia, orientação, senso, independencia, virtudes e patriotismo em quem se adornar com o titulo de republicano e considerando infames, miseraveis, nevropathicos, insensatos, desnorteados, bajuladores, servis, estupidos, desleaes á patria e della até inimigos figadaes, quantos até agora têm sustentado e sustentam a monarchia no Brasil e, á sombra dos grandes elementos de ponderabilidade social, virão e verão crescer a terra natal, implantadas aqui todas as liberdades possiveis, até a de proclamar, em nome da propaganda, as maiores inverdades, farfalharias, futilidades e calumnias.

**Allocuções ao Imperador
e á Princesa Imperial**

**Saudação a D. Pedro II em nome do
Instituto Historico Brasileiro a 2 de
dezembro de 1888**

Senhor

Ainda quando não fôsse um dos mais gratos deveres regimentaes, não podia o Instituto Historico e Geographico Brasileiro deixar de comparecer hoje ante a augusta presença de Vossa Magestade Imperial, afim de lhe offerecer a homenagem de seus respeitossimos cumprimentos e ardentes felicitações pelo anniversario natalicio, que o Brasil inteiro festeja na expansão do mais entranhado affecto e cordial sinceridade.

No volver do tempo, apresenta-se com effeito esta solemne commemoração em condições tão excepçionaes, depois das angustiosas vicissitudes por que todos nós passamos, que ella adquire valor inestimavel e nos impelle á manifestação de

caracter especial e só proprio das grandes occasiões.

Momentosos acontecimentos já pertencem, embora bem recentes, ás mais importantes e commovedoras paginas da nossa historia e entre esses avulta, de certo, a gravissima crise a que foi sujeito o esplendido e privilegiado organismo de Vossa Magestade e que pôde ser por elle quasi milagrosamente salvo.

Tanto precisa o Brasil, tanto necessitamos todos da presença do inclito monarcha americano e do precioso influxo que decorre da illustração do seu larguissimo espirito e das luzes da sua longa e san experiencia, que alçamos exultantes graças aos Céos por termos podido alcançar este dia significativo e o momento da presente saudação.

Assim a este se juntem muitos annos ainda e certamente a Patria que já tamanhas difficuldades venceu, graças ao bom senso do povo brasileiro, identificado sempre com o seu primeiro e mais glorioso representante, marchará á conquista do futuro e aos altos destinos, que lhe são reservados com passo firme e acelerado, fugindo de aventuras e aleatorias empresas e mantendo-se adstricta ao regimen. em que todos os cidadãos er-

contraram nesta parte do mundo e ha mais de meio seculo — paz, honra e liberdade.

Taes são, Senhor, os votos que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro deposita ante o throno de Vossa Magestade como leal e intimo preito dos mais patrioticos e da estremecida e filial gratidão que consagra ao seu protector perpetuo, o egregio imperador do Brasil o Snr. D. Pedro II.

**Saudação a Dom Pedro II em nome
do Instituto Historico Brasileiro a 7
de setembro de 1889**

Senhor

Pela segunda vez, apoz a gloriosa data da abolição, que abriu para o Brasil éra nova, tem o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o intenso jubilo de comparecer ante o throno imperial, afim de se associar ás galas e triunfaes recordações do grande dia da nossa Independencia.

Quanto caminho andado, Senhor, desde a memoravel época, em que o augusto pai de V. Magestade cortou com a espada de Alexandre, isto é, com a resolução e a fé dos espiritos fortes, os laços que nos prendiam ao velho Portuga!.

E por mais que nos tenhamos adiantado, sempre havemos de ficar aquem da convicção arraigada e do admiravel optimismo, que de continuo allen

taram o vosso peito, crente no esplendido porvir reservado á Patria, que nos é tão cara!

Para vós nunca houve negros vaticínios, nem sombrias vacillações, que conturbassem essa esperança viva, e cada vez mais roborada, filha já do conhecimento intimo que tendes do Brasil, já da certeza de que caminhar vigilante pela linha recta é a garantia da victoria na orbita moral e nas contingencias physicas.

Na esphera dos maiores conseguimentos tudo vos pareceo possivel, e tudo se fez, — até o arrancar d'esse pungente e venenoso espinho, profundamente cravado nas carnes, que nos empecia a marcha, e nos ameaçava, quiçá, de morte ingloria e cruel.

Hoje, novo leão de Andrócles, caminha o Brasil a largos passos e seguros, e de certo a gratidão, quando não outros sentimentos mais calculados e menos impressionistas, jámais consentirá que elle se volte, sanguinario e temeroso, contra aquelles, cujas mãos amigas e suaves lhe extirparam o doloroso e fatal aculeo, para lhe dar vida nobre, serena, digna, cheia de altiva expansão e pujante de magestatica força.

Venham, venham medidas novas, estas relativamente bem faceis, e a terra Brasileira será com a monarchia, que tanto e tão bem a tem servido, justo motivo de orgulho para as Americas e até para a humanidade em peso. Taes são, Imperial Senhor, os sentimentos e os votos do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, por nós trazidos hoje á presença do inclito soberano, que para a nossa associação tem sido, mais que zeloso e constante Protector, — um Pai, todo de meiguice e adoravel estremecimento!

**Discurso de pezames a Dom Pedro II,
pelo fallecimento de D. Luiz I rei de
Portugal, a 26 de outubro de 1889**

Senhor

Enviou-nos o Instituto Historico e Geographico Brasiliro perante Vossa Magestade Imperial, a fim de significar ao seu augusto protector o leal e sincero pezar que sente pelo fallecimento do rei de Portugal D. Luiz I, tão ligado á familia imperia! do Brasil pelos laços de proximo parentesco e extremosa amizade.

N'este doloroso transe, grato deve ser ao espirito de Vossa Magestade reconhecer que em ambos os povos, brasiliro e portuguez, permanece vivaz e intensa a scentella do sentimento monarchico, que só encontra elementos para se robustecer ao influxo da vida hodierna, quer européa quer americana.

Portugal estremece, como sempre, o seu rei, e o Brasil não tem senão motivos de admirar o soberano que possui, e de lhe ser reconhecido. Verdades estas é sempre agradável ao Instituto Histórico assignalar no estudo das cousas patrias!

Queira Vossa Magestade aceitar as nossas mais sentidas condolencias pela cruel perda que tão fundamente ferio o seo magnanimo coração.

**Saudação á Princeza Imperial Re-
gente em nome do Instituto Historico
Brasileiro, a 2 de dezembro de 1887**

Senhora

Desde os primeiros clarões da aurora, o dia de hoje alvoroça o coração de Vossa Alteza, de modo estranho e intenso, indissível mixto de alegria e de tristeza, em que predomina insistente a melancholica influença de ineffavel saudade.

Alegria — por ser mais una data assignalada na cara e gloriosa existencia de vosso Augusto Pai; e essa doce e funda emoção, a partilha da nação inteira, reconhecida aos innumerados beneficios que da sua acção sempre emanaram e á dedicação patriotica, de que elle se tornou o mais perfeito e incontestavel symbolo.

Tristeza — por vel-o longe da patria, a viajar em busca da saude fortemente combalida no

serviço constante do Brasil; e ainda ahi, Imperial Senhora, pulsa o vosso coração de pleno accôrdo com a mais sincera vibração do affecto nacional.

Mas tambem, que inexprimivel jubilo para todos nós, dos confins do Amazonas á extrema do Rio-Grande do Sul e aos mais distantes recantos de Goiaz e Mato Grosso, ao sabe-lo, em época talvez bem proxima, de volta robustecido, prompto para recommençar a conscienciosa lida da governação do estado, a que de corpo e alma se entregou ha mais de meio seculo!

Perpassará então por todo o dilatadissimo e magestoso Brasil um fêniko valente, espontaneo, incoercive!, de entusiasmo augmentado ainda pelo commovente espectaculo da admiravel soffreguidão com que a extremosa filha lhe entregará a fulgente corôa da mais sensata e liberal monarchia do mundo, e nas adestradas mãos do pai deporá o magnanimo sceptro que ella em seu logar sustenta.

Esse dia ha de chegar — tenhamos fé na vossa estrella, e tão grande, que só haverá modo condigno de o solemnizar — entregarmos ao Sr. Dom

Pedro II um Brasil para todo o sempre limpo da odiosa mancha, que nos envergonha perante a civilisação.

“Vinde (dizemos), entrai em vossa estreme-cida capital com animo em festa, despreoccupado e sem mais sombras. Dissipou-se enfim a negra e temerosa nuvem, que, por tantos e tantos annos, vos entenebrecia o largo e generoso pensamento; quebrou-se o agudo espinho que, por tão longos decennios, vos pungia o bondoso e justiceiro coração; esgotou-se para nunca mais apparecer, acerba e copiosa fonte de vexame, que cortou de amargo travo a vossa magestática existencia; findou o estigma, que vos fazia corar por todos nós, pois sois o fiel espelho da consciencia nacional!”

E então nos hymnos de ardente saudação, ouvir-se-ão vozes, que até agora faltavam, repassadas de intensissima gratidão. Serão as preces dos escravos, já então homens livres como nós e que poderão, da insignificancia da sua posição social, encarar face a face o soberano que tanto fez por elles — espirito aquilino, librado no pino do espaço, a contemplar angustiado e compassivo os soffrimentos e dôres de desgraçados e infimos

seres; estadista peado em seus impulsos e aspirações, mas a calcular de continuo os immensos damnos moraes e economicos, da humilhação de uns e da compressão de outros; philosopho e philanthropo, a seguir paciente e pertinazmente a sua idéa, a collimar o escôpo, que nas mais adiantadas e orgulhosas republicas não passa ainda de uma utopia -- a igualdade.

Quanto mais de pressa o dia da libertação geral, mais nos chegaremos ao formoso e tangivel ideal, mais rapidamente encetaremos o activo e ascendente labor da regeneração nacional, pela qual ardentemente anhela hoje a vontade firme de todo o paiz, sem mais oscillações, sem mais constrangimento, sem mais obsessão de lugubres e aterradores vaticinios; mas pelo contrario, com fé immensa no futuro e impellido pela corrente dos vehementes e nobres sentimentos, que na hora das mais terriveis difficuldades, e no meio das violentas conjuncturas, exaltam o homem e lhe centuplicam os recursos e as forças.

Essa data imminente está o Instituto Historico e Geographico Brasileiro ancioso por poder registrar nos fastos da historia patria, tendo certeza, além de tantos outros ponderosos e eleva-

dissimos motivos, de que o Sr. D. Pedro II, nosso incansavel protector, a considera o fecho mais invejavel, mais brilhante do seu longo e trabalhoso reinado.

Eis a razão, Imperial Senhora, porque, depositando ante o excelso throno, os mais leaes e fervorosos votos de prosperidade e prompto regresso do inciyto monarcha, vosso augusto pai, a esta manifestação associamos a consoladora esperança de que em breve, todos livres no imperio americano, possam acclamar o grande Brasileiro, e, no auge do enthusiasmo, bradar aos céos risonhos e recamados de fulgurantes scintillações: "Gloria! Gloria ao Sr. D. Pedro II"!

Saudação, em nome do Instituto Histórico Brasileiro, á Princeza Imperial Regente e ao Principe Conde d'Eu, a 16 de maio de 1888

Senhora

Perante a augusta presença de Vossa Alteza Imperial Regente enviou-nos o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro afim de patentarmos o intensissimo jubilo que o domina pelo advento da nova éra iniciada a 13 de Maio deste anno de 1888 com a promulgação da lei, que extinguiu no Brasil a escravidão e fez cessar todas as consequencias dessa nefanda organização.

Pelo seu character, pela indole dos seus trabalhos, pela continua indagação do passado, está o Instituto nas melhores condições para apreciar e exaltar os resultados dessa grandiosa disposição legislativa que Vossa Alteza sancionou com adoravel sofreguidão e que corôou as mais legitimas e generosas aspirações nacionaes.

A Vossa Alteza coube a ineffavel alegria e immorredoura gloria de dar soluçãõ definitiva ao temeroso problema, que tanto entenebreceu a magnanima alma de Vosso illustre pai, Sua Magestade o Senhor D. Pedro II, consternou largos annos o espirito nacional e cinpeceu o progresso do Brasil, quer na ordem moral, quer na material.

Vencido hoje está o tremendo empecilho e como que atirada aos fundos abysmos do esquecimento essa immensa rocha, que obstruia o caminho, pelo qual deve a Patria chegar aos mais altos destinos.

Completa, inexcedivel fôra a nossa exultaçãõ, se a não annuviassem os receios, que pungem o vosso coração de filha, Senhora, e ainda ahi, mais do que nenhuma Associação, identifica-se o Instituto Historico com os vossos sobresaltos e a vossa dôr, pois elle vê no egregio Monarcha, presa de penosa e insistente enfermidade, mais do que um protector, um Pae tambem, de cuja solicitude e affeição tudo espera e tudo tem alcançado.

Amparar-vos-ão os Céos, a vós, Senhora, e ao Brasil inteiro, salvando a preciosa vida do Imperador e consentindo que elle torne a pisar a terra natal, que tanto estremece e a que dedicou

todos os momentos da sua longa e admiravel carreira magestatica.

Ao manifestarmos estes sentimentos, que nos tumultuam na mente, vacillante entre o triumpho e a prostração, cumpre-nos dar execução a outra parte do nosso mandato, dirigindo-nos agora ao valoroso Principe, vosso consorte, o mais intimo participante das grandes agitações de Vossa existencia.

Senhor Principe — Como guerreiro, a escravidão encontrou em Vós um dos mais resolutos e denodados batalhadores, e quando nos campos do Paraguay vossa espada deu os ultimos golpes ao edificio da tyrannia, levantado pela insensatez de um despota e a ignorancia de um povo fanatisado, o vosso primeiro cuidado foi varrer daquella Republica a ominosa e secular instituição, que tambem a maculava.

Impossivel fôra que tão levantada e nobre iniciativa não tivesse influencia no acontecimento que ora engrandecerros, e é esta a razão que leva o Instituto a encarar na Vossa personalidade um dos valiosos factores do successo que ha de para sempre chamar as vistas da posteridade e angariar os seus applausos.

Gloria! gloria! pois, a Vós, inclytos Príncipes, que sabeis e sabereis continuar as tradições do Senhor D. Pedro II e sois do Throno Brasileiro os mais valentes esteios, as mais seguras e firmes garantias.

Saudação em nome do Instituto Histórico Brasileiro á Princesa Imperial Condessa d'Eu e ao Principe Conde d'Eu por ocasião de suas bodas de prata, a 15 de outubro de 1889

Senhora

Encarregou-nos o Instituto Histórico e Geographico do Brasil de vir á presença de VV. AA. Imperiaes trazer as suas mais sinceras homenagens e os votos de continua ventura, como complemento do faustoso periodo de cinco lustros, que hoje se ultima. Diz o illustre escriptor dinamarquez Andersen: "A felicidade é tambem um habito, que a fortuna tem escrupulo de quebrar, sobretudo quando d'ella emanam beneficios e alegrias, para grande numero de seres."

E ninguém mais do que Vossa Alteza, Senhora, merece esse favor da sorte, essa protecção meiga e misteriosa; pois desde 13 de Maio de

1888, sem falar em actos anteriores a esse, a cada romper da aurora n'este immenso Brasil, centenas de milhares de entes, que viviam na tristeza e na degradação, pronunciam o vosso nome com indizível reconhecimento e ternura e o balbuciarão tremulos e hesitantes, entre mil lagrimas de jubilo e gratidão, como um hymno aos Céos.

Feliz, sim, mil vezes feliz quem pôde tornar realidade eterna aquillo que para populações inteiras não passava de fagueiro sonho e illusoria esperança! Honroso deve ser a todos os Brasileiros, Senhor Principe, fazer tambem: justiça aos vossos constantes serviços, prestados com tamanha dedicação e bôa vontade e repassados todos elles do maior desinteresse patriotico e tendentes sempre á nobilitação e gloria d'esta terra.

Taes são, dignos e illustres filhos de D. Pedro II, o bom e grande imperador, os sentimentos em synthese expressos pela manifestação de hoje do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

Excerptos do Diario Intimo

ANNO DE 1889

MEZ DE MARÇO

- 4) Petropolis. Á noite, baile do Bragança, durante o qual muito conversou o Imperador com-migo sobre litteratura franceza e ingleza. Deitei-me ás 2 horas da madrugada.
- 5) De manhã estive com o Imperador nas duchas e elle me disse: "Creio que tenho fraqueza de cerebre, porque agora quando durmo é sem sonhos — não é como outróra. Chegava até a ser somnambulo."

Escrevi varias cartas para o Paraná e Santa Catharina e ás 2½ fui, com Christina e Alice (2), ao baile das crianças no hotel Bragança, onde conversei quasi todo o tempo com o Impera-

(2) A Viscondessa de Taunay e D. Alice de Tauray Leite Guimarães, filha do A.

dor. Passei á tarde com o Rebouças (3) e D. Pedro Augusto (4).

- 11) Á tarde, conversámos, na estação, largamente com o Imperador, sobre Uruguayana e a guerra do Paraguay, demonstrando S. M. optima memoria dos factos mais miudos.
- 14) Fui ao cortejo annunciando-me o Imperador a partida do Conde d'Eu para Santos, hoje mesmo á tarde, como de facto aconteceu.

O Principe partiu ás 3 ½ horas da tarde para Santos e Campinas, havendo na estação despedidas muito chorosas com a Princeza Imperial e filhos.

- 17) Quando a 16 de Março o Imperador me annunciou muito alegre a partida do Conde d'Eu, repliquei logo: "É muito de applaudir, pois assim se sahe do egoismo de Petropolis." Alludi, não só a immuniidade que nos tem dado o clima saudavel d'esta Cidade, como ás festas da kermesse, que sempre provei (5).

(3) André Rebouças, o illustre engenheiro, intimo amigo de A.

(4) D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo Gotha, filho da Princeza D. Leopoldina e do Duque de Saxe, e neto de D. Pedro II.

(5) Havia então formidavel surto de febre amarella no Rio de Janeiro, Santos e Campinas.

- 21) Tempo humido e chuvoso. Assim mesmo fui de manhã á ducha. O Imperador deixou de ir, por estar com grande defluxo. Não appareceu tambem á tarde na Estação.
- 25) O Imperador desceu a Côrte só. Encontrei-o de volta da ducha. Á noutinha, tendo ido visitar o principe D. Pedro Augusto tive o aborrecimento de ser recebido á porta por um criado, que me deu o mesmo recado de ante-hontem, o que considero méro pretexto, dando-me portanto por offendido. Ha de ouvir boas verdades o menino! Com o Rebouças estive commentando, em regra, o caso, e outros assumptos politicos bastante desagradaveis. Sobre elles muito me occupára de dia com o Nabuco, Rebouças, Patrocinio e Antonio Carlos.
- 26) Ducha de manhã apezar do frio e da chuva. Recepção ruidosa do Conde d'Eu, que fomos, eu e Rebouças, esperar na estação ás 2 ½ horas.

Propoz o Dr. Castro Lopes em vez de *pick-nick* o neologismo *convescote*, de *convivis* e *escote*. Em vez de *lunch* restabelece *merenda*.

Soubemos pe'lo barão de Maia Monteiro que o principe D. Pedro já estava de pé, mas nervoso. Tudo isto é muito singular acreditando o Rebou-

ças que provem da intimação feita por... de não nos receber mais, o que parece bem plausível.

- 27) Na estação, á espera do trem tivemos conversa interessante com o Imperador, a principio sobre crenças e salvação eterna. Citei a S. M. as suas palavras á Imperatriz no dia do enterro do seu estimado e antigo professor de allemão, Lietpold. "Pena que tivesse sido protestante", observou a Imperatriz. "Pois então, replicou elle, por esta razão meu bom Lietpold ha de ir para o Inferno?"

Fallámos depois em Lacordaire, Didon e Deguerry. A conversa em seguida tomou outro rumo e fallámos dos grandes mentirosos. O Imperador contou duas aneddotas engraçadas, uma do semanario... que se salvára de um naufragio agarrando-se a moringas que boiavam, outra do... que vira uma onda arrebatá-lo, por occasião de um temporal na fortaleza da Lage, uma guarita com os soldados dentro e outra repor tudo em seu lugar.

Continua o mysterioso retrahimento do principe D. Pedro Augusto que temos procurado explicar, mas a respeito do qual estou oscillante, se obediencia a quaquer ordem, se acto de propria iniciativa por causa das nossas idéas adiantadas.

A demora da publicação da acta da Sociedade Central no *Jornal do Commercio* tambem me está inquietando. Será indício de que queiram cercar-nos esse grande meio de publicidade? O momento actual é bem desagradavel e penoso com todas estas duvidas.

- 28) Escrevi ao Conde d'Eu, enviando-lhe copia da carta do Saturnino Gomes que recebi de Santos. Carta ao Sigwaldt, de Supéraguay.
- 29) Às 3½ horas da tarde, indo visitar a Condessa da Estrella, encontrei lá o Principe D. Pedro Augusto, com o qual tive explicação quasi violenta, a respeito do que se passára dias antes, quando o fomos visitar, achando recado que, por doente do ouvido, não podia receber-nos. No meio da discussão, a condessa disse-me: "Tambem agora o Sr. não se mostra delicado, etc."

Na Estação conversei largo tempo com o Imperador sobre quadros e escola franceza.

MEZ DE ABRIL.

- 6) Recebi do Luiz Guimarães o seguinte bilhete: "Meu glorioso Taunay, beijo-lhe as mãos pela gentil offerta do seu *Discurso*. É um bello trabalho

litterario, como tudo o que sáe da brilhante penna do romancista de *Mocidade de Trajano* e do extraordinario chronista da *Retirada da Laguna*. O seu juizo critico sobre Franklin Tavora é de uma concisão plutarchiana e de uma eloquencia magistral. Bravo! Lisboa, 17 de Março de 1889”.

- 8) Tive hontem grande alegria, lendo afinal os nomes, dos Snrs... entre os condecorados com o Officialato da Rosa. Fomos á tarde visitar o... muito cheio da *distincção dada pelo Governo Imperial!* Curiosa humanidade! Curiosa a existencia!

Bem exprimiu este sentimento Claude Larcher (*Mensonges*): “*Quelle comédie que la vie et quelle sottise d'en faire un drame!*” Recebi carta do... agradecendo os parabens que lhe mandei. Só os parabens?

- 10) Hontem, na estação, tivemos engraçada discussão sobre significação do que era *Communhão dos Santos*, mostrando-se o Imperador mais entendido do que todos nós. Concordou, entretanto, na necessidade da decretação do *Casamento civil*. Mostrou-se alheio a todos os artigos que tenho escripto, verificando-se mais uma vez o facto bem conhecido de que elle não lê absolutamente mais

os jornaes. No passeio habitual o principe D. Pedro Augusto fallou-nos da desordem da Mordomia da Casa Imperial.

- 19) Sexta feira Santa + — Longa conferencia com o João Alfredo sobre mil assumptos — desanimos e queixas. Li com muito interesse o opusculo que me mandou o Cantani (6), sobre *Infezione*. O Imperador cada vez mais esquecido das cousas presentes e alheio aos assumptos politicos.
- 22) O Conde de Motta Maia hontem fez valer o facto de ter lido ao Imperador o meu artigo sobre casamento civil, em que fallei da intervenção imperial desde 1855. Disse-me elle que tudo fora confirmado sem a menor hesitação.
- 28) Domingo — Faz hoje o Conde d'Eu 47 annos. Ha 19 anos (1870) estavamos a bordo do *Galgo* a chegar ao Rio de Janeiro. Nenhuma saudade d'aquelle tempo e do periodo da Campanha da Cordilheira tristemente terminado para mim, após longos mezes de decepções, aborrecimentos e verdadeiros conflictos com o Principe.

Estive de dia com o Rebouças e ficámos combinados de ir á noitinha inscrever os nossos nomes

(6) Dr. Arnaldo Cantani, celebre physiologista italiano e amigo do A.

no Paço Isabel. Como porem, a tarde ficasse chuvosa e muito humida, não sahi de casa.

- 29) Muito bella manhã. Fui á ducha e achei o Francisco (7) com bastante febre ainda. Na Estação o Imperador conversou longamente e com excellente memoria dos philosophos francezes, de sua estada em Potsdam, onde occupou o quarto habitado por Voltaire. Depois fomos com D. Pedro, tocando eu Offenbach.
- 30) De manhã entreguei ao Imperador o livro de Pierre Loti (*Japonneries d'automne*) de que lhe falara na vespera, por occasião da palestra habitual.

Nella disse elle, a mim e ao Rebouças, discutindo questões litterarias e philosophicas: "Devo o gosto que tenho aos classicos e á boa litteratura a seu pae" repetindo aliás o que em outras occasiões mais me dissera.

MEZ DE MAIO

- 1) Sahi de casa ás 7 horas, tomei o trem, almocei na barca e cheguei á Rua Larga (8), ás 10 horas menos 10.

(7) Dr. Francisco Teixeira da Silva Telles, sobrinho do A.

(8) A' rua Larga de S. Joaquim junto ao Palacio Itamaraty, residia a Baroneza de Taunay, mãe do A.

Tive lá a desagradavel noticia de que Mamãe, na missa do filho do Dr. de Simoni déra uma quéda não pequena e se magoára bastante. Fui ao Senado, onde o Correia (9) me disse que obrigatoriamente eu havia de ser o ministro da agricultura do primeiro gabinete; conversei com Serro Frio, Barros Barreto e outros senadores e fui á commissão de inquerito a 1 hora, onde tive discussão calorosa, e quasi desagradavel com o... a respeito da gratificação que elle pedira para o...

Na Estação encontrei o Rebouças e o Principe D. Pedro Augusto. Este relatou que ao jantar o Motta Maia perguntara ao Imperador se era verdade o que eu contára no artigo de hoje, respondendo Sua Magestade — “Boa duvida tudo aquillo é pura verdade” com o que se mostrou o principe muito satisfeito. Parecia estar impressionado, como aliás estava todo o Rio de Janeiro, com o telegramma relativo ao... e que constitue grande imprudencia e desrespeito á civilidade.

- 3) Desci para a abertura da sessão legislativa, sahindo de Petropolis ás 7½. Almocei na barca e fui ao meio dia com o Herminio (10) ao Senado.

(9) Cons. Manuel F. Corrêa, Senador pelo Paraná.

(10) Dr. Herminio F. do Espirito Santo, mais tarde presidente do Supremo Tribunal Federal.

Muito pouca gente; tribunas e galerias cheias. O Imperador fraco e com as pernas bambas. Leu a extensa Falla do Throno menos mal.

Esse documento causou-me, como aliás a todos, impressão desagradavel pelo seu tom de carancismo e fradesca aspiração.

O Imperador, voltando eu da tribuna da Imperatriz, me disse ao passar: "Não gostou da Falla do Throno? Foi o melhor que se poude fazer". Na escadaria ao descer fallou novamente commigo nos seguintes termos: — "Tenho lido os seus artigos; muito obrigado! tudo quanto o Sr. diz é exacto". Ao que repliquei: — "Costumo falar a verdade". — "E faz muito bem".

Fui antes da abertura, provocar explicação ao Ministro... sobre uma nomeação para Joinville e postergação do nome do Dr... que eu apresentara. Desculpou-se dizendo-me que Joinville ficava ao Sul, no districto do Pinto Lima (Que ignorancia!) Eu lhe disse então na bochecha: "V. Excia. nada sabe de geographia, e voltei-lhe as costas.

Troquei tambem palavras desagradaveis com o... e estive todo o dia aborrecido.

- 4) De manhã, sahindo do hotel da Vista Alegre, fui visitar no França o Paranaguá, (11) que achei paralytico!

Voltei de lá no *bond* e ás 9 horas e 10 estava na rua Larga.

Fui ao Senado, onde estive muito aborrecido — Paulino, presidente com 22 votos, Cruzeiro 12 votos governistas colligação dos liberaes com os conservadores dissidentes. Não houve sessão na Camara dos Deputados.

Na estação encontrei o Imperador que conversou sobre factos do dia.

Disse-lhe que não gostára da Falla do Throno. “Mas porque?” perguntou elle. “Não traz informe algum sobre casamento civil, nada diz da liberdade de cultos, etc.”

“Ora, replicou S. M., é preciso ir devagar. Sou opportunistas. Sobre casamento civil já fizemos alguma cousa”. Fiquei positivamente pasmo de semelhante declaração.

Não gosto de intrigas, continuou elle; politicamente os factos de hoje no Senado não me dão direcção alguma”.

(11) Marquez de Paranaguá.

Quererá o Imperador armar o gabinete João Alfredo de uma dissolução? Fôra desmarcada imprudencia.

Vim a tal respeito conversando com o Rebouças, por termos perdido a conducção.

- 6) Deixei de ir ao Rio de Janeiro. De manhã escrevi ao Azevedo Castro (12) longa carta, contando todos os factos occorridos e que tantos desgostos politicos me têm ultimamente dado.

Na estação tive com o Imperador uma conversa que muito me desanimou e contristou. Defendeu elle a Falla do Throno, declarando que o Casamento civil não era medida indispensavel e outras asseverações, em tudo contrarias ao seu habitual criterio e até ás palavras e ao agradecimento que elle disséra e fizera a mim ao descer a escada do Senado.

— “A falla do Throno está excellente”, repetiu elle varias vezes. “Comprida demais”, observei-lhe. “Não, Senhor, não tem uma palavra dispensavel. É preciso reflectir. Tive muito prazer em lê-la”.

“Poderia ter adiantado um pouco mais; não ser tão retrograda.” “Não concordo absoluta-

(12) Cons. Dr. José A. de Azevedo Castro, intimo amigo do A.

mente, alli ha muitas medidas apontadas e que são muito progressistas.”

Neste thema e em tom acalorado de quem está se zangando fallou algum tempo. Contrariei-o sempre, respondendo a tudo. “Não gostei; não gostei! *Quantum mutatus ab illo!*”

- 1) Crise ministerial bastante seria. Não houve Senado.
- 8) *Statu-quo*. Choque desagradavel de palavras entre mim e o... que me disse: Se você não pilhar desta vez uma pasta, diga adeus a qualquer ministerio. Repliquei-lhe em tom azedo.
- 9) Nenhuma alteração da crise suppunham todos o João Alfredo derrubado do poder tanto que circulara o dito: “Todos são presidentes do Conselho menos elle”. O Corrêa muito cumprimentado e rodeado.
- 10) O Senado suspendeu a sessão á espera de explicações de qualquer ministro. A possibilidade da dissolução dada ao João Alfredo poz mucha muita gente dando grandes esperanças aos governistas.

A situação é muito grave fomentando os odios dos negros contra os antigos escravistas e vice-versa. Voltei para Petropolis.

- 12) Domingo — Encontrando-me com o Imperador na rua Bragança, disse-me elle: “Porque é que os homens da *Gazeta*, de que o Sr. tanto gosta, me atacam sempre tão violentamente? Sei que são republicanos. Estão no seu direito atacando a instituição monarchica, mas não devem procurar ridicularisar o Chefe do Estado.”

E mudando de repente de assumpto, poz-se a fallar no *Schiavo* (13) e disse-me que estava prompto para fazer montar a peça. “Repare, Senhor, que serão necessarios 40 contos.” E elle todo risonho: “Não, com a bréca, isto não; não sou tão rico assim!”

- 13) Grandes festejos anniversarios da Lei n.º 3353 da Abolição da escravidão. Deixei-me ficar em Petropolis, tendo aconselhado ao principe D. Pedro, que comparecesse ás festas.

Estava este receioso de grandes disturbios, tendo recebido uma carta anonyma, ameaçando-o de morte, caso descesse á cidade neste dia. Acredito bem que nada haverá, que ensanguente aque-

(13) Opera de Carlos Gomes que o A. tinha muito a peito que se representasse pela primeira vez no Rio de Janeiro, o que conseguiu após penosos esforços, no segundo semestree de 1889.

las festas, embora haja reunidos bastantes elementos para graves conflictos e desordens.

- 17) Sessão importante. Energico discurso do Ignacio Martins (14), desenvolvendo os capitulos da accusação Loyo. Alguns pontos bem tocados, mostrando que, se o João Alfredo está innocente, como de facto está e o demonstra tem tido comtudo a boa fé explorada pelo pouco escrupuloso *entourage*. E' esta a minha firme convicção.

Sahi do Senado á 1 $\frac{1}{2}$; fui á rua do Ouvidor, de lá á casa e ás 4 horas parti para Petropolis, onde cheguei ás 6 $\frac{1}{4}$ horas. O Imperador estava na estação e mostrou-se muito favoravel ao João Alfredo.

- 18) Bonito dia de Petropolis, claro, muito fresco, melancolico na solidão que já se vae produzindo. Andei de um lado para outro, sem saber o que fazer. Á tarde copiosa chuva que me impediu de sahir e ir á Estação. Fui ter com o Rebouças no hotel; depois estive algum tempo com o Lisboa e o Salgado em casa d'aquelle. Voltando á casa achei o volume do Pierre Loti — *Japonneries d'automne* — recambiado pelo Imperador,

(14) Visconde de Assis Martins, senador por Minas Geraes.

a quem eu o emprestára no dia 30 de Abril proximo passado. Vem cheio de indicações a lapis e varias notas bem interessantes.

O manuseio indica que o livro foi lido e apreciado com todo o cuidado, pagina por pagina e sujeito a assidua leitura. É valioso documento de quanto está são o organismo mental, pelo menos em assumptos litterarios. Estou com vontade de escrever um artigo sobre o caso, que é bastante interessante.

- 24) Escrevi de manhã ao Carlos Gomes e ao Azevedo Castro, contando a este por miudo as peripecias da crise e a desagradavel situação em que nos achamos. Fui ao Senado e ás 4 horas subi para Petropolis.
- 31) Desci á Corte. Grande agitação por causa da reunião do conselho de Estado e imminencia de dissolução. Fiz um discurso no Senado quente e vibrante sobre gente que se retirava de Biarrenau. Á noute, no *Jornal do Commercio* soube pelo Dantas (15) do resultado do Conselho de Estado.

(15) Cons. Manuel P. de Souza Dantas.

MEZ DE JUNHO

- 1) Demissão do João Alfredo. Não houve senado. À tarde subi para Petropolis com o Correia e soube logo que não seria convidado para fazer parte da organização ministerial por estas simples palavras: "O Sr. mexe com muitas cousas."

E depois acrescentou: "Temos que fallar sobre a presidencia de Santa Catharina" ao que respondi: "Isto é um simples incidente. Não tem maior importancia".

Afastei-me d'elle e não o vi senão de costas, conversando, na Estação de Petropolis, com o Imperador. Subio commigo o Chico Góes (16), que veio visitar-me á noute, com o ministro chileno Villamil Blanco, o qual me offereceu dous volumes dos Annaes do Congresso chileno relativos ao *Casamento Civii*.

- 2) Domingo — Expiendido dia. Soube com surpresa que o Correia descera de manhã ás 6 horas e não tivera conferencia alguma com o Imperador, alem de uma conversa de 20 minutos na Estrada de Ferro. Á 1 hora o ministro Moreno (17),

(16) Dr. Francisco Marques de Araujo Góes.

(17) D. Henrique Moreno, ministro da R. Argentina.

vindo visitar-me, communicou-me que o Correia não aceitára a incumbencia de organizar gabinete e apontara o Vieira da Silva, que fora chamado a Petropolis e em effeito chegou ás 7 ½ horas da noute, vindo logo conferenciar com o Imperador.

- 3) Desci para a Côrte. Na barca encontrando-me com o Vieira da Silva, elle me disse (18): “Sabe que fui encarregado da organização e aceitei a prebenda. Preciso fallar-lhe no Senado”.

Com effeito, não havendo sessão, com elle tive, á 1 hora, conversa de quasi meia hora em que me declarou precisar do meu concurso. Eu logo lhe disse: — “Não faço questão de pasta, nem de companheiros; não posso, porem, abandonar as idéas que tenho pregado.” — “Discutiremos isto na conferencia á casa do Correia, á noite. Ás 7 horas lá estava e tive a surpresa de lá encontrar o João Alfredo, estirado n’um canapé, de chapéu á cabeça e com o eterno charuto á boca. Reuniam-se Coelho Campos, Duarte de Azevedo, Rodrigues Alves, barão de Suassuna, depois Vieira da Silva e Correia. Fallei apresentando as minhas

(18) Cons. Luiz A. Vieira da Silva, senador pelo Maranhão

condições e notei muita tibieza e duvidas. Afinal nada se resolveu de positivo, mostrando-se Vieira da Silva bastante acabrunhado e irresoluto. Sahimos ás 9½, cheguei á casa ás 10¼.

- 4) De manhã escrevi longa e sincera carta ao Vieira da Silva, aconselhando-o que não se deixasse atar pela preocupação de agradar aos dous chefes. Tratasse de organizar — em sua casa — gabinete com gente de sua escolha e contasse commigo e com todas as minhas energias e boa vontade, com a condição de inserir, na falla da apresentação do gabinete, o seguinte, que era tudo quanto eu podia fazer em materia de condescendencia, a fim de facilitar a organização ministerial. Depois de alludir á transcendencia da immigração dizia eu: “O gabinete, appellando para todos os elementos adiantados da Camara, considera o importante projecto da liberdade de cultos questão aberta tendo elle vindo do Senado com o immenso prestigio do voto unanime dos conservadores e liberaes.

“Interpretando o sentimento do partido conservador, entende que é chegado o momento de encarar de frente e com lealdade as reformas sociaes e em occasião opportuna apresentar os projectos que a ellas se referem.

“O Imperio do Brasil em assumptos que interessam a sua regular organização social não pode, por mais tempo, constituir uma excepção em todo o mundo civilisado”.

No Senado encontrando-me com o deputado João Henrique, e sobrinho do Vieira da Silva, este me disse: “Lemos a sua carta e nós dous a achámos muito justa e sensata”. Pouco depois o V. da Silva me disse o mesmo, acrescentando: “Com ligeira modificação na redacção, aceito o que me enviou. Conversaremos logo a noite em casa do Correia. “Ao que lhe ponderei era muito mais proprio fazer reunião em sua residencia, não dando a ninguem o character de protetor”. Depois respondeu-me elle: “Amanhã subo para Petropolis, levando os decretos de nomeação e os Senhores formularão o programma em minha casa”. Fui para a rua do Ouvidor, com o Dr. Herminio, recebendo muitos parabens e barretadas. As folhas da tarde apontaram-me para a pasta da agricultura.

Á noute fui ao principe Conde d’Eu e depois ao Correia, allí tornando a achar, antes de todos, o João Alfredo e o Andrade Figueira, com quem, no correr da discussão, tive trocas de ditos quasi

desagradáveis. As minhas palavras causavam susto visível aos deputados que tinham a reeleição. O Correia tornou a fallar enigmaticamente de sua celebre *preliminar*, que ninguem suspeita qual seja.

Às 8½ entrou o Dr. Pedro Luiz Soares de Souza que vinha dar a recusa de fazer parte do gabinete. Retirou-se logo em seguida, deixando a todos em grande desanimo. Cheguei a debicar o Coelho e Campos dizendo que elle só buscava o caminho da porta. O João Alfredo poz-se a indicar as pastas, dando a da fazenda ao Duarte (19), a da justiça ao Rodrigues Alves, imperio ao Coelho e Campos (20), a mim estrangeiros, ao Suassuna agricultura (21) pois que Vieira da Silva tomára a da marinha. Começaram depois os cochichos, embóra puxasse eu a discussão para a necessidade de ajustarmos um programma, porquanto não desistia das minhas positivas declarações. Afinal decidiu-se que á vista do retrahimento da dissidencia era impossivel formar-se gabinete, e a conferencia acabou chôchamente, de-

(19) Cons. Manuel A. Duarte de Azevedo.

(20) Dr. José Luiz Coelho e Campos, deputado por Sergipe.

(21) Barão de Suassuna (Henrique M. de Hollanda Cavalcanti) deputado por Pernambuco.

pois de se tomar um bom chocolate, mandado pela senhora do Correia, D. Marianna.

- 5) Fui ao Senado e lá soube que o Vieira da Silva subira a Petropolis. A *Gazeta de Noticias* trouxe a organização como fora combinada.

Às 2 horas soube-se que havia sido chamado o Saraiva, que com effeito foi procurado pelo V. da Silva ás 7 horas da noite em sua residencia no hotel da Vista Alegre em Santa Thereza.

Entre politicos muitos commentarios, desculpando-se o Paulino de todos os modos e criticando os amigos deste o procedimento do Imperador que foi, comtudo, correctissimo e sem esforço algum, habil.

Fui á noite um pouco ao José Avelino (22), que logo visitou o Saraiva e á casa do Góes em que estavam uns muito murchos, outros exaltados: o João Manuel, o Figueiróa, Gonçalves Ferreira (23) etc.

- 6) Senado. Grandes commentarios Saraiva não aceitou a incumbencia, mas indicou o Ouro Preto. O

(22) Dr. José Avelino Gurgel do Amaral.

(23) Cons. José Antonio Saraiva; Padre João Manuel de Carvalho, deputado pelo Rio Grande do Norte; Dr. Felipe de Figueiróa Faria, deputado por Pernambuco; Cons. Antonio Gonçalves Ferreira, deputado por Pernambuco.

Paulino e a sua gente ficaram desapontadíssimos com a ausencia do chamado. É que o Vieira da Silva insistira na irreconciliabilidade dos dous lados da Camara e dos chefes.

Quando o Pedro Luiz sahiu da conferencia de 4, a primeira pergunta ao Vieira da Silva foi: "Teremos forças para derrubar o gabinete que elles formarem?" Ao que o João Alfredo replicou: "Hei de appellar para os meus amigos".

Enganava-se redondamente, pois ver-se-ia nesta hypothese aventada, com muito poucos em torno de si.

Eu declarára na reunião de 3, com toda a franqueza: "Senhores, não faço questão de pessoal e annuncio que se os paulinistas me quizerem com as minhas idéas, farei parte do gabinete que organisarem com os seus elementos". Os homens cheios de fel só tratavam dos seus rancores pessoais. A elles sacrificaram todo o partido conservador. (Nota posterior) Hoje (4 de Agosto de 1890) acrescento: a monarchia e o paiz.

- 7) No Senado, tive longa conversa com o Vieira da Silva que me disse estar sentido não haver seguido o que lhe escrevera "Era justo e energico" — disse-me elle.

Grande alegria dos liberaes. Á tarde subi com o Ouro Preto para Petropolis.

Muito seriamente me propoz passar para o partido liberal, tendo logo a pasta da guerra. "Faça a evolução" foram as suas palavras. Ri-me e gracejei.

Na estação foguetes e musica. Achei todos bons. O Belisario me contou que o Paulino, depois de ter indicado ao Correia o Joaquim Delfino (24) que dessa organização consentira fazer parte se aborrecera por ter o Vieira da Silva recusado o Bezamat (25), cujo nome causara má impressão ao João Alfredo. O Joaquim Delfino não foi convidado senão indirectamente para a segunda tentativa, servindo de intermediario o Correia.

O Fausto excusou-se, tambem o Soares (26) allegando este entender de bancos, mas não de finanças. Escreveu a tal respeito duas cartas.

(24) Cons. Francisco Belisario Soares de Souza, senador pela Provincia do Rio de Janeiro; Cons. Paulino José Soares de Souza, senador pelo Rio de Janeiro; Cons. Joaquim Delfim Ribeiro da Luz, senador por Minas Geraes.

(25) Dr. Alberto Bezamat, deputado pelo Rio de Janeiro.

(26) Dr. Fausto de Aguiar, senador pelo Pará. Manuel J. Soares, senador por Minas Geraes.

O Franco (27) apresentou motivo forte de saúde. Não foram convidados o Mamoré, por incompatibilidade com o organizador do gabinete, o Jaguaribe e o Cruz Machado (28).

O João Alfredo chegou a lembrar o Mendonça (29). O Paulino, logo em começo declarou que o Alfredo Chaves (30) não poderia aceitar lugar em qualquer combinação Vieira da Silva por ser um dos candidatos á eleição senatorial na vaga aberta pelo Octaviano (31).

Na conferencia de 4 notei da parte do Andrade Figueira — 1.º a insistencia com que elle queria obrigar o V. da Silva a fazer esforço para obter o concurso do Alfredo Chaves. “Diga ao Paulino, disse elle duas e mais vezes, que não me opporei a isso, pelo contrario verei com grande prazer”. 2.º deixar entrever a possibilidade de organizar

(27) Cons. Felippe Franco de Sá, senador pelo Maranhão.

(28) Barão de Mamoré (Ambrosio Leitão da Cunha) senador pelo Amazonas; Visconde de Jaguaribe (Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe) senador pelo Ceará; Dr. Antonio C. da Cruz Machado, visconde de Serro Frio, senador por Minas Geraes.

(29) Dr. Jacintho Paes de Mendonça, senador por Alagoas.

(30) Concelheiro Alfredo Rodrigues Fernandes Chaves, deputado pelo Rio de Janeiro.

(31) Cons. Francisco Octaviano de Almeida Rosa, senador pelo Rio de Janeiro.

e'le gabinete com mais 6 deputados e sem nenhum senador.

Sinto não ter guardado copia da carta que dirigi na manhã de 4 ao Cons. V. da Silva. Pedir-lha-ei.

Contou-me hontem o Herminio que um deputado do Maranhão lhe referira ter ouvido da boca do... que eu desistira de todas as minhas condições e abrira mão de tudo na ancia de ser ministro.

Se assim se exprimiu decahe muito e muito no meu conceito pois falta redondamente á verdade. Nunca experimentei um instante de perplexidade. Só vi em torno de mim desanimados e um delles foi elle que achei muito aquem da sua reputação de habilidade e energia. Considero-o um simples hesitante.

O Vieira da Silva merece applausos pelos esforços que fez, embóra nelles não mostrasse iniciativa alguma. Emfim em todo este rapido final de situação, cuidou-se muito pouco dos interesses do partido e muitissimo dos pessoaes, buscando o João Alfredo a todo o transe fazer um ministerio que nada mais fosse do que o prolongamento do seu e o Paulino inutilisar esta aspiração.

Repito, o Vieira da Silva andou de boa fé em relação aos dous, puxando comtudo mais para o lado João Alfredo, porquanto do outro havia um inimigo, que se mostrava já todo irritado e sombrio: “Estou acostumado, dizia elle, a ficar só; não preciso de ninguem”, alludindo ao provavel abandono do Paulino: Entretanto, este patenteava sem reбуço que o nome do organisador lhe desagradára não pouco.

O pouco enthusiasmo com que sempre acolhi o chamado ás conferencias ministeriaes provinha de que só se lembraram de mim em desespero de causa e por não terem mais no Senado a quem recorrerem. Aproveitei o ensejo para tentar dar um empurrão ás minhas idéas, mas foi baldado.

Consta que o sceptico do... que não crê nem em Deus nem no Diabo foi totalmente fazer questão contra o meu nome junto ao V. da Silva. Naturalmente, e a bem dos grandes principios de religiosidade e decencia.

É preferivel que o poder tenha passado aos liberaes. Talvez façam agora alguma cousa, que aproveite ao Brasil. Assim desejo de coração.

- 8) Hoje de manhã, indo para as duchas encontrei o Imperador, na rua de Bragança, amavel e bem

disposto; a princeza Imperial, o conde d'Eu e o Motta Maia, a quem eu disse com sinceridade que D. Pedro II andara com a maior correcção e constitucionalismo.

Faltou-me mencionar que, ao sahir da conferencia de 4, o... me disse — “Está claro, que o Imperador está manobrando em favor do Paulino. Quer ver se com a indemnisação, pode ainda aguentar a monarchia.” O procedimento do Imperador, chamando logo os liberaes, depois das declarações do Vieira da Silva, respondeu cabalmente a esta suspeita.

Á noutinha, fui á estação receber o Rebouças e D. Pedro, com os quaes vim a pé, conversando sobre as occurrencias.

- 9) Tendo feito o Maracajú parte da organização ministerial Ouro Preto, lembro-me que o Vieira da Silva fallou na conveniencia de entrar para a pasta da guerra um militar e apontou esse mesmo nome: “Mas esse é e sempre foi liberal, presidente do Pará em 1879, objectei. “Não faz mal; é moderado — eu lhe falarei”. Prova evidente de que esse nome fôra apontado na conferencia imperial. Ainda mais, agora tenho explicação de serem chama-

dos só seis membros. O Visconde de Maracajú havia de entrar por força.

De manhã, na ducha conversei com o Motta Maia e o Olegario (32), que pareciam mal impressionados, como liberaes, com a composição do gabinete.

Depois veio o Imperador que achei muito amavel e bem disposto. Por acaso ouviu a minha conversa com o Motta Maia sobre o Carlos Gomes. “Que é?” perguntou. “É que o Carlos Gomes está desesperado por não poder montar o *Schiavo* aqui” — “Mas porque?” “Porque a empreza actual não tem meios absolutamente para tanto”. Pois então diga que venha, que esses meios eu forneço”. Mas, senhor, as despesas são enormes”. “Sim é preciso attender a isto, observou o Olegario”. Mas a quanto sobem?” “Talvez 40 contos, respondi. “Ui, disse o Imperador, isso tambem é demais. Em todo o caso, falle com os empresarios e venha entender-se commigo, ouviu? Você fica incumbido de tudo. Podemos contar com o successo da peça”.

(32) Cons. Olegario H. de Aquino e Castro.

Ahi começou grande discussão sobre a palavra, gracejando S. M. muito alegremente connosco.

Escrevi logo a Carlos Gomes.

- 10) O Conselheiro Vieira da Silva entregou-me a carta que eu lhe escrevera e que é do teor seguinte: “Rio de Janeiro 4 de Junho de 1889 — *Reservada* — Ilmo. e Exmo. Snr. Conselheiro — Desculpe V. Excia. estas linhas, mas ellas são dictadas pelo desejo que tenho de responder com sinceridade ao honroso convite que mereci de V. Excia. — A situação politicamente é difficil, se houver o intento de conciliar *cordialmente* os elementos constitutivos do partido conservador”, que estão separados desde 1871. A attender todas as conveniencias e prever todas as eventualidades e a querer reunir adhesões firmes e leaes desde já, tudo se complicará. Um pouco de resolução, produzirá excellente effeito. — V. Excia. para constituir o seu gabinete não pode contar com elementos e vultos prestigiosos na politica, como de certo teve o gabinete passado; mas immenso e prompto valor alcançará pregando franca e lealmente ideas.

— Tenho toda a certeza de que a imprensa da Côrte - e este ponto é da maior importancia

— o acompanhará logo, fazendo esta manifestação espontanea immediata pressão sobre a Camara. Se este resultado não se produzir e as manobras politicas derrubarem o ministerio, então a sua queda será gloriosa e prenuncio de que V. Excia. d'aqui a pouco tempo será chamado a realisar aquillo que houver agora tentado improficua-mente.

É preciso não nos illudirmos: gabinete anodyno que não pode agradar de todo a nenhum dos dous lados conservadores, (*paulinistas* e *alfredistas*), que não merecer respeito do publico por um programma leal e que contenha boas idéas, que só poderá contar com a opposição ferrenha dos liberaes, já na Camara e sobretudo no Senado, esse gabinete arrastará vida ingloria e afinal, n'um bello dia de máu humor da Camara se esborrachará no chão, como um genipapo maduro.

Para exemp'lo o ministerio S. Vicente, que preparou as glorias de 7 de Março — Faço a V. Excia. a concessão que posso fazer a mim mesmo, e a quem me chamou tão espontaneamente para companheiro de trabalhos, o que muito me penhorou, pelo que remetto a ligeira nota, que deverá

ser incluída no discurso de apresentação do gabinete.

É sentimento geral, que o partido conservador perde na próxima eleição geral o poder. Pois em toda a Camara não haverá quatro ou cinco políticos de ambição e boa vontade, que joguem uma cartada arriscada e queiram por idéas e estímulos desinteressados sacrificar um ou dous mezes de deputado, quando elles agora só podem contar com tres?

E como fôra bello e moralizado: entregarmos a situação aos liberaes pelo triumpho das urnas!

Seria indício certo, de que não ficariam muito tempo de cima.

O grande, o maior favor que hoje os politicos e sobretudo os conservadores podem fazer ao Imperador e ao Throno é arredarem delles a pécha do clericalismo. H' será isto simples balléa? Não haverá verdade em tão insistentes boatos? Fôra em tal caso enorme serviço prestado ao Brasil olharmos para imminentes perigos que nos ameaçara. A palavra de V. Excia. no momento presente causará profundo abalo nas camadas sociaes. Convem contar com isto.

Não se prenda muito ás combinações meramente politicas. Emmanranham as cousas e escurecem a situação em vez de aclaral-a. Lembremos que o Brasil tem caminhado muito e que os nossos politicos ficaram distanciados.

A abolição é um exemplo. Foi o ministerio de 10 Março que a fez? Votaram Senado e Camara com alegria sincera e conhecimento pleno das cousas a lei de 13 de Maio? Por ventura, tudo não indica hoje, que o momento daquella grande resolução legislativa já era chegado? O gabinete que V. Excia. formou ha de durar pouco?

Que dure — dias até tão somente, mas dará de si um exemplo que será sempre lembrado: morrer abraçado a idéas *Nonfit*, diz Terencio, *sine periculo fácimus memorabile* — Desculpe-me todas essas franquezas. De V. Excia. Muito obrigado criado, amigo e admirador — Alfredo d'Escraignolle Taunay”.

Com essa carta ia uma nota que é a referida no dia 4 d'este mez (vide retro) em mais estas palavras começo: — “O gabinete prestará toda a attenção aos assumptos relativos á immigração européa e colonisação nacional, que considera da mais transcendente importancia”.

- 11) Dia de explicações no Senado e apresentação do gabinete. Na Camara sessão tempestuosissima até 5½. Discursos violentos do Cesario Alvim e padre João Manuel, o qual, terminando, levantou um "Viva á Republica!" Resposta eloquente do Ouro Preto. Fallou o Nabuco, não conseguindo effeito oratorio. Aspecto revolucionario da Camara.
- 12) — 13) — 14) — 15) — Não tem havido sessão no Parlamento. Demissões em massa. Noticias sobre a viagem do Conde d'Eu, feita no vapor *Alagôas* com o Silva Jardim.
- 17) Não houve Sessão — digo mal — Foi lido o decreto de dissolução da Camara, convocando-se outra para 20 de Novembro *extraordinariamente*, pelo que serão as eleições a 31 de Agosto. Ao ler o Aviso de communicação do Decreto, o Gomes do Amaral teve o mau gosto de ler: *S. M. houve por mal*, como que por equivoco, o que excitou hilaridade nas galerias. Estréa da Companhia lyrica do Musella com o tenor Cardinale, soprano Singer contralto van Cauteret etc.; conjuncto apparatuso de simples mediocridades artisticas.
- 19) Referiu-me o Conselheiro Paulino que fôra convidado pelo Prado para uma reunião conjuncta-

mente com o João Alfredo, ao que se negára. Encontrando-me com o Prado queixou-se elle de não poder chegar a um acôrdo, estando resôlvido a abraçar francamente a idéa da federação e abandonar os laços meramente partidarios. Procurei convencel-o da imprudencia de semelhante resolução. Tudo isto muito ás carreiras e á espera de *bonds*.

- 22) *A Gazeta da Tarde* trouxe um *interview* do redactor chefe com o Prado que reproduz exactamente tudo quanto este me disséra no dia 19, no ponto dos *bonds*, esquina da rua do Ouvidor. “Os dias da monarchia estão contados, affirmou elle. Os conservadores devem tomar a peito fazer a transição para a republica sem abalos, nem effusão de sangue”. “Tambem, objectei, nos fins da minoridade e começos da Maioridade, assegurava-se mesma cousa e tudo assim indicava claramente e entretanto, após estes vaticinios todos, a monarchia teve 50 annos, meio seculo inteiro de poder, calma e prestigio. Não é com duas razões, nem com duas duzias dellas que se derroca uma instituição que tem tantas raizes no paiz.” (33)

(33) Ha grande solução de continuidade no texto do Diario.

MEZ DE DEZEMBRO

- 27) e 28) Neste ultimo dia tivemos noticia do fallecimento. na cidade do Porto, da pobre Imperatriz D. Thereza Maria Christina. A attitude da população de Petropolis foi de absoluta indifferença. E como é cruel e deprimente verificar tudo isto. Morresse ella no seu palacio e quantas demonstrações de pezar!
- 31) Ultimo dia do anno de 1889, em que se produziram tão terriveis occurrencias, das quaes a mais cruel foi sem duvida a quédia da monarchia a 15 de Novembro.

De manhã fui visitar o Sr. Max Leclerc, que me veio recommendado pelo Eduardo Prado, como correspondente do *Journal des Débats*.

ANNO DE 1890

MEZ DE JANEIRO

- 2) Voltei para Petropolis, conversando na barca com o Wenceslau (34) e no trem de ferro com o barão de Jaceguay, que, tendo assistido aos ultimos instantes, de tudo e do embarque da Familia Imperial, me contou interessantes pormenores.

(34) Wenceslau de Souza Guimarães, amigo do A.

O Imperador muito sereno e digno respondia á continencia dos soldados; o Conde d'Eu cumprimentava a todos, o principe D. Pedro Augusto muito agitado. “Eu faço alguma asneira, dizia elle; estou furioso”. Contenha-se, principe, observou-lhe o Jaceguay. Ao que elle perguntou: “O Sr. acha que não ha perigo de vida?”

“O Imperador não queria embarcar ás 3 horas da madrugada — Não sou nenhum fugido, dizia com insistencia — “Mas é muito conveniente a hora agora, ponderou-lhe o barão. Que quer dizer V. M. ficar sugeito, com a augusta familia, á curiosidade de toda uma população agglomerada nos telhados e nos morros para ver a sua partida? As manifestações ou serão violentas e então correrá muito sangue, sendo talvez victimas pessoas da sua affeição ou então frouxas ou nullas e então dolorosas ao seu coração”.

O Imperador, depois de uma pausa, respondeu — “O Sr. tem razão.” E a esperar que todos se apromptassem conversou em vóz baixa com o general Miranda Reis.

No momento de entrar na lanchinha, quando o Conde d'Eu apressava o embarque, o Imperador repetiu varias vezes — “Para que tanta pres-

sa: nós não vamos fugindo”. Levava revistas debaixo do braço.

O Conde d’Eu viéra a pé, dizendo com ar até prazenteiro. — “Não preciso do carro. Quero ir até á ponte com o Jaceguay e o Mallet”. A Imperatriz chorava muito — “Resignação, minha senhora, aconselhou-lhe o Jaceguay”. Tenho-a toda, respondeu S. M.; mas como deixar de chorar, ao ter que partir para sempre, para sempre, desta minha terra?!” E beijou a todas as senhoras muitas vezes.

Os criados do Paço, debulhados em lagrimas, despediram-se ruidosamente e n’um desespero immenso. Todos sem excepção choravam, até os marinheiros da lancha a vapor. Só o Imperador não chorava, concertando, porém, de vez em quando a garganta.

Commigo concordou o Jaceguay que o ministro argentino Moreno não fôra extranho aos acontecimentos de 15 de Novembro. “Vocês hão de arrepende-se observou aos republicanos. D. Pedro II era a paz, o espirito de justiça e de concordia”.

O Patrocínio respondeu: pela *Cidade do Rio* aos dous artigos publicados em Lisboa pelo Re-

bouças, transcriptos no *Diario do Commercio* de 28 e 29 de Dezembro.

- 3) Enviei o seguinte telegramma ao Sr. D. Pedro II (Lisboa) “Quanta dôr, Senhor! (Assignado Taunay. Missa da Imperatriz mandada dizer pelo Visconde de Garcez amanhã ouviremos a que o Carapêbús manda rezar na matriz de Petropolis.
- 5) Recebi de manhã o seguinte telegramma, que me fez derramar lagrimas bem sinceras: Tel. n.º 536. — Procedente do PORTO — Senador Taunay — *Obrigado; bem se mostra filho de Felix Taunay. Como vaee familia?* — D. PEDRO DE ALCANTARA.
- 28) Fui a Villa Thereza.

O telegraphista Costa contou-me que o primeiro telegramma dirigido pelo Affonso Celso chegou a Petropolis ás 5½ horas da manhã. Referia o numero dos batalhões revoltados, que marchavam de S. Christovam, mas declarava que “o Governo contava poder conter a indisciplina dos militares”.

Este telegramma foi entregue sem demora ao criado particular do Imperador, chamado Freire. O segundo, ás 10½ horas da manhã dizia — “Ministerio sitiado na Secretaria da Guerra pela tropa revoltada é obrigado a pedir a sua de-

missão". Este segundo telegramma foi entregue ao Imperador na missa que elle estava ouvindo. Sahiu logo da Igreja Matriz e dirigiu-se á estação de Estrada de Ferro, pedindo um trem especial para descer incontinenti, o que fez sem demora. Estava perdida a monarchia!...

- 31) Contou-me o Avelino (35) que, estando com o Deodoro, este se mostrára muito aborrecido com o estado de cousas, chegando a dizer — "Se me aborrecerem muito, deixo o pennacho de generalissimo á porta deste palacio e retiro-me para a minha casinhã do Campo de Sant'Anna, cujo aluguel estou pagando ainda".

Hoje appareceu nos jornaes noticia de que a crise ministerial cessára, estando todos os membros do governo de accordo completo (?). Hontem, conversando eu com o Dantas sobre o Ruy Barbosa, mostrou-se elle, embóra reservado, aborrecido bastante.

MEZ DE FEVEREIRO

- 6) Na volta para Petropolis, o barão de Quartim me contou, que Motta Maia telegraphára, declarando que o Imperador passa necessidades, precisando gastar 1:000\$000 por dia.

(35) Dr. José Avelino Gurgel do Amaral.

- 20) Na volta para Petropolis, conversando eu com o B. de Corumbá (Salgado) disse-me elle que, por carta do C. de Nioac tivera noticia de que o Imperador peiorára sensivelmente.

Fallando sobre a viagem ao Norte, contou-me que o Conde d'Eu regressára mal impressionado, tendo tido, em toda a parte, recebimento méramente official, mostrando-se, em todas as Provincias, má vontade em acolhei-o.

- 25) Fiquei muito impressionado com o telegramma de Cannes que dá o Imperador muito fraco, abatido e melancolico e luctando com sérias difficuldades pecuniarias. Que doloroso e injusto final a uma vida toda de sacrificios e abnegação patriótica!
- 28) Fui ao Banco do Brasil fallar com o Dantas a respeito da subscrição que se pôde abrir para o Imperador. Respondeu-me elle que veria e em tempo me havia de communicar.

O Lassance mostrou-me um telegramma que ia passar para Cannes ao Conde d'Eu procedendo assim por indicação do Cesario Alvim, ministro do interior. Pouco mais ou menos foram estes os termos daquella communicação por mim emendada: "Governo pretende mandar 100 contos adiantamento da liquidação bens Imperador por

ser ella muito morosa. Convem não dizer de lá nem sim, nem não”.

MEZ DE MARÇO

- 1) Faz hoje 20 annos que, navegando o rio Paraguay acima, em direcção á villa de Concepcion, recebemos a noticia da terminação da guerra do Paraguay pela morte do dictador Lopez, ás margens do Aquidabanigui. Foi evidente a todos a contrariedade e a tristeza que sentiu o Conde d'Eu, por ver, sem duvida, que a gloria do feito pertencia ao general Camara (Visconde de Pelotas).

Quantos successos desde aquella data memorave!, que para mim pôz tambem termo á desagradabilissima posição, que uma série de circumstancias tinha me feito junto ao principe commandante em chefe das forças!

Em Petropolis, sem nenhuma novidade de maior vulto.

- 13) Soube pelo Silva Costa (36) que o Imperador não aceitára o adiantamento feito pelo governo provisório.

(36) Cons. Dr. José da Silva Costa.

MEZ DE ABRIL

1) Telegramma de Cannes, annunciando molestia do Imperador e apprehensões dos que o cercam. Muito me abalou esta noticia. Que tristes, que tristes dias! Que tristes semanas!... Quanto é cruel a logica em suas inflexiveis deducções!

2) Á noite tive noticia de que o Imperador estava muito mal ou já morto. Causou-me grande abalo.

Entretanto passam os carros para o baile á fantasia do Hote! Bragança. Circulou a dolorosa noticia, quando começavam dous bailes, um do *high life*, outro popular. Continuaram entretanto ambos. Um acabou altas horas da noite, outro entrou pela madrugada e isto na cidade de Pedro, na cidade que por toda a parte mostra as inequivocas provas da sua immensa bondade, da sua illimitada generosidade, do seu immensuravel desinteresse!

Então neste paiz está tudo crestado, aniquilado, destruido, morto? Vae Pedro II, vae embora deste mundo de miserias, baixezas e ingratição! A posteridade te fará justiça. O teu nome encherá, não a historia do Brasil, mas a historia da Humanidade, pois perdura para sempre,

vence os tempos e alcança a eternidade tudo quanto é bom, nobre e santo; e ninguém, mais do que tu, e ao lado dos maiores e maiores grandiosos vultos humanos, tu foste bom, tu foste nobre, tu foste santo!

- 6) Telegrammas contristadores sobre o Imperador.
- 19) (Caxambú) Contou-me o Teixeira Junior (Visconde do Cruzeiro) que no dia 15 de Novembro elle, por carta, convidára os conselheiros de Estado a se reunirem em sua casa, no Rio Comprido, afim de deliberarem sobre o que havia a fazer. Compareceram todos, menos Paulino, Dantas, Correia e Silva Costa, que estavam no Paço da Cidade.

Resolveram ir sem demora ter com o Imperador, expôr-lhe os perigos da situação e propor a organização de um gabinete, presidido pelo Saraiwa, em que entrasse o marechal Deodoro como ministro da guerra. Seguiram todos para o Paço e expuzeram a urgencia da convocação do Conselho de Estado.

O Imperador recalcitou. — “Isto parece contradição objectava elle: eu já concordei com o Sr. Ouro Preto, que devia ser chamado o Sr. Silveira Martins”. Só concordou com o pedido da Prin-

ceza Imperial. Chamando um criado, disse-lhe: “Vá accender a sala do despacho”.

Reunido o conselho, opinaram todos pelo alvitre, sendo condição obrigada a entrada do Deodoro no gabinete Saraiva. O Imperador, quando se lhe fez vêr a necessidade de mandar-se chamar o Deodoro, disse apressadamente. “Da minha parte, não: não transijo com revoltosos”.

O Teixeira Junior extranhou que o Paranguá, secretario do Conselho de Estado, não tivesse lavrado a acta dessa ultima reunião.

MEZ DE MAIO

- 29) Apareceu a correspondencia *João Horacio* de que me fallára o Avelino. Enviei ao *Jornal do Commercio* uma rectificação, quanto á conversa que tive com o Imperador, na noite de 15 de Novembro e mandei a carta pelo Jorge Land.
- 30) Fui ao Rio. Com prazer li na barca o artigo que chegára a tempo de ser inserto no *Jornal do Commercio* nos seguintes termos: *Ultima sessão do consellio de Estado*: Com esta epigraphie narra *João Horacio*, o applaudido correspondente do

Correio Paulistano, varios factos que se passaram no Paço da Cidade, á tarde e noite de 15 de Novembro de 1889.

Mais ou menos exactamente e firmado em boas informações, conta o espirituoso escriptor alguns incidentes que se produziram em torno do successo capital daquella noite nesse local e, entre elles, o que occorreu entre o Sr. D. Pedro II e o signatario destas linhas.

São verdadeiras as primeiras phrases do breve colloquio que então se deu, expondo eu com toda a lealdade a Sua Magestade o que pensava da revolução e das probabilidades, senão certeza, de um rapido e completo triumpho.

Depois de ligeira contestação, o Sr. D. Pedro II desviou, com effeito, a conversação do rumo que levava e alludio á viagem que acabára de fazer pela estrada de ferro do Norte; mas as pretendidas observações sobre Sarapuhy e fazenda do Pantanal e a minha supposta resposta, perfeitamente descabida em momento tão serio e angustioso, são de todo o ponto inexactas e sem nenhum fundamento.

Entretanto, Sua Magestade, antes de fallar em assumpto diverso, proferiu as seguintes pala-

vras, que merecem, por certo, ser conhecidas e devem pertencer á historia:

“Pois se tudo está perdido, haja calma. Eu não tenho medo do infortunio”.

MEZ DE JUNHO

- 5) *Petropolis Corpus Christi*. Manhã muito fria, 8 gr. c . . .

Fui levar ao Conde de Carapebús um pacotesinho com destino ao Imperador, contendo brochuras das *Curiosidades do Paraná*, uma carta da Mana (37) para a Princeza e um folheto do Nabuco.

Conversei largamente com o Conde, que me contou varios pormenores dos dias 16 e 17 de Novembro — ordem do Conde d’Eu para que elle fosse tomar conta dos principes D. Pedro, D. Luiz e D. Antonio e os levasse a bordo do encouraçado chileno, embarcando-os depois para a Europa no vapor *Rapelú* esperado da Nova Zelandia.

(37) D. Adelaide de Escagnolle Taunay Doria, irmã do A. e amiga íntima da Princeza Imperial.

- 7) Ao meio dia assisti ao primeiro casamento civil, que se effectuou no Brasil e assignei o auto, depois do ministro da justiça, Campos Salles. Queriam alguns imprudentes, que o José do Patrocínio fallsse, mas fiz ver a inconveniencia d'isso e elle se absteve, protestando comtudo contra a minha censura: "Isto aqui não é pagóde."

MEZ DE JULHO

- 6) *Domingo*. A baroneza de Muritiba veio visitar a Christina e lhe trouxe, da parte da Princeza uma imagensinha e uma prece. Ella e o marido affiançam que o Motta Maia não reteve nem podia ter retido o primeiro telegramma do Affonso Celso, na madrugada de 15 de Novembro.

O Imperador o recebeu e não lhe quiz dar inteiro credito pela tranquillidade que na sua ida ac Rio de Janeiro na vespera 14 observára. Telegraphou, pedindo noticias novas e, depois de volta das duchas, foi saber na estrada de ferro, se teria á sua disposição, caso precisasse, trem da Estrada do Norte.

Depois de resposta affirmativa do Bento, mandou a Palacio saber se chegára algum tele-

gramma. Esperou ainda o trem da manhã e então seguiu para a missa. Muitos detalhes penosos nos contou a baroneza de Muritiba, por exemplo a dificuldade da pobre Imperatriz, ao ter de passar do *Parnahyba* para o *Alagôas*, noute escura e com mar muito cavado, os seus gritos e protestos.

Tive o prazer de ver que ambos apreciaram devidamente a dedicação do Rebouças. Parece que os papeis mais intimos do Imperador desapareceram.

O romance de Paul Bourget *Un coeur de femme*, que o *Figaro* está publicando, tem causado grande impressão e com razão. Quanto conhecimento psychologico, *quel fouillage!* exclamou uma pessoa bem entendida, que aprofundar de cousas do sentimento, quanta observação justa e que fere certo nos lugares mais sensiveis e dolorosos! E' um estudo profundo e quente da actualidade, com immensa relação com os factos de hoje, como os de todos os tempos.

- 19) O conde de Carapébús me disse que ouvira a resposta da Princeza, quando o... lhe propoz fosse pedir refugio n'um dos vasos de guerra estrangeiros ancorados no porto. "Não deixo Papae,

nem que me varem de balas, como fizeram ao Laldario”.

Na sessão do Instituto, vi uma carta do Motta Maia, em que se diz n'um dos topicos “O Imperador muito falla no Taunay”.

- 20) Antes busquei o B. de Muritiba na igreja do Rosario e lhe communiquei que fôra no dia 18 entender-me no Banco do Brasil com o Dantas, sobre o possível adiantamento de dinheiro ao Imperador, que está procurando obter um emprestimo dos Rotschild, esgotado o credito de 20 contos fortes, que lhe abra o Visconde de Andrade Machado.

O Dantas accedeu em parte ás minhas ponderações a respeito da muita garantia que teria qualquer emprestimo e ficou de consultar com os membros da Directoria, caso fosse o advogado da Casa Imperial Dr. Silva Costa fallar-lhe a esse respeito.

Tomei o compromisso de falar ao Dantas sobre os juros que paga o Conde d'Eu, capitalisados de tres em tres mezes sobre o total de 580 e tantos contos, conforme a conta que me mostrou o mesmo Dantas.

- 21) Fui ao Banco do Brasil fallar com o conselheiro sobre a diminuição dos juros que o Conde d'Eu

estava pagando capitalizados de tres em tres mezes. Encontrei toda a boa vontade e fiquei de lhe enviar o Lassance.

Conversei na rua do Ouvidor largamente com o Nabuco que me repetiu a phrase de Gambetta — "*On ne doit jamais en parler; mais il faut toujours y penser*". Eu lhe fallei na attitude inconveniente de D. e por elle soube com pezar que o Rebouças, como era aliás bem de prever, tivéra certos choques desagradaveis com o *etiquetismo*. Chegaram a lhe recusar um lugar á mesa do Imperador!

E' o cumulo, repetição do que se deu conmigo, na campanha da Cordilheira, no anno inteiro de 1869-1870.

Toujours les mêmes!... Quels piètres mômes! Emfim... A nomeação do Lucena para governador de Pernambuco desmoralisou a liga Martins-João Alfredo-Leões.

27) Noticias telegraphicas horriveis da revolução de Buenos Ayres.

Tudo isto constitue um pedestal de gloria para D. Pedro II, a garantia e exemplo de paz e moderação na America do Sul. Com que cara fica o Moreno, o qual telegraphára jactancioso,

que eram totalmente infundados os boatos de perturbação politica!

- 28) A's duas horas da tarde fui com o João Roberto (38) a bordo do *Equateur*, despedindo-me do Visconde da Penha e familia. Unico que foi ao bota fóra o Leonardo Lessa. O recado que dei ao Penha foi o seguinte: "Diga ao Imperador, que lhe envio todas as lagrimas do meu coração".

MEZ DE AGOSTO

- 8) A *Gazeta de Noticias* muito me aborreceu trazendo a minha declaração politica entre os *a pedido* e não no corpo da folha, como eu disséra. Este artigo foi muito applaudido.

"Pleito eleitoral: De Santa Catharina me perguntam alguns amigos fieis, se, nas proximas eleições de setembro, me apresento disputando um logar no Congresso. Novamente lhes respondo que não, absolutamente não.

Acho até, que os republicanos têm toda a razão e procedem com altivez e dignidade, esforçando-se para que não medrem pretensões de politi-

(38) Dr. João Roberto d'Escragnoie, primo do A.

cos do passado regimen é com elles repellindo qualquer conchavo.

Orientação diversa importaria declarar ao mundo, que o culpado unico, o unico vicioso e corrupto, que havia em todo o Brasil, era o Sr. D. Pedro II, e a tanto não chegou ainda a injustiça dos homens. — *Visconde de Taunay*. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1890.

- 9) Rememoremos um facto caracteristico do dia 15 de Novembro de 1889.

A's 2 horas e meia da tarde, fui procurar o... acompanhado do Dr. Francisco Marques de Araujo Góes. Convidámo-lo com instancia a tomar uma attitude qualquer, pelo menos ir á tarde, ou noutinha, connosco ao Paço da cidade fallar com o Imperador e estar com elle. Sem recusar de todo, mostrou-se vacillante: "Receio, disse elle, parecer ir me apresentar candidato á presidencia do conselho", o que era perfeitamente machavelico.

Afinal, depois de tergiversar, cõncordou procurar-me ás 6 horas da tarde em minha casa da rua das Laranjeiras, para juntos irmos buscar o Dantas; o que, na verdade foi feito, sahindo nós

quatro, e mais se bem me recordo, dous filhos do Dantas.

Quando o *bond*, em que vinhamos, fez a volta do Passeio e Largo da Lapa, vimos o... , fizemo!-o entrar.

Convidado a ir tambem ao Paço mostrou-se contrariado e desculpou-se com razões futeis, das quaes a mais valiosa é a que estava de calças azues alecrim, e era contra a etiqueta apresentar-se assim ao que observei indignado: "Quem é que repara em cõr de calças n'este dia de terremoto!"

Afinal, foi tambem connosco, entrando sem difficuldade alguma da parte das sentinellas.

Ia eu armado com revolver e umas 20 balas, tambem o Góes e eramos os unicos dos poucos que se reuniram então no Paço da Cidade, d'onde sahi novamente com o Góes ás 10 horas da noite, mais ou menos.

O aspecto da cidade era lugubre, as patrulhas todas armadas de clavinas embaladas.

- 10) O meu artiguete tem sido muito applaudido — hoje na *Gazeta de Noticias* o seguinte apoio: "*Pleito eleitoral*: Tem razão o Sr. Taunay. Se D. Pedro corrompeu a nação, fel-o com a cumplicidade da olygarchia dos senadores conselheiros de Es-

tado. E querem taes homens continuar a ser senadores no novo regimen, sem passar pela educação do noviciado.

Para prova da *lealdade* de dous dos principaes estadistas do regimen passado, basta um facto. Em 1875 a lei eleitoral do terço para a minoria, proposta pelo ministerio Caxias-Cotegipe, apoiado pelos Srs. Paulino e João Alfredo, foi votada com a sua acquiescencia, mas na sua execução cynicamente indicaram ao eleitorado a operação arithmetica para burlar o terço e obter deputação unanime. — Nestor”.

- 28) Recebi cartas do Rebouças e de D. Pedro.
- 29) Respondi longamente ao Rebouças XXVIII) remettendo dentro e aberta a carta ao principe (D. P. Augusto), em que eu lhe exprobrei, com geito, mas energia, a leviandade mostrando-lhe que no meio da Familia Imperial reina a divergencia por causa de pretensões bem ridiculas no estado actual. Aconselhei-lhe que nunca fallasse em restauração e medisse todas as suas palavras e acções; emfim boa reprimenda, que, penso, produzirá bons resultados.
- 30) Recebi uma carta do Imperador, com um exemplar das *Curiosidades naturaes do Paraná* todo an-

notado por elle. Foi trazido pelo barão de São Joaquim com outras cousas mais enviadas pelo Conde de Motta Maia.

MEZ DE OUTUBRO

- 12) *Domingo*. Escrevi ao Rebouças n.º XXXIII, remettendo dentro della duas para o Motta Maia e o Muritiba. Recebi daquelle carta, communicando-me que mandára ao seu destino as missivas para o Imperador e para o *Pechininho* (barão de Mörna).
- 25) *Domingo*. Não subi a Petropolis por se ter embrulhado o tempo e a *coryza* ainda estar violenta. Aquecendo o dia, sahi á uma hora e fui á casa do Jorge Dodsworth, onde encontrei o... , a quem disse boas verdades, com geito e alguma brandura, sobre o seu precipitado pronunciamento republicano.

Contei-lhe o episodio da subtracção do convite do Itaborahy, a que alludiu o Vieira da Silva, no dia 10 de março de 1888, por occasião da organização do gabinete João Alfredo e elle não deu completa explicação.

Recebi, datada de Royat, Puy de Dôme, França, carta longa e affectuosa do Juca Para-

nhos (Barão do Rio Branco), acompanhado de duas photographias representando uma a Viscondessa do Rio Branco no leito de morte e outra um grupo delle (Paranhos) o filho, Raul, (creio que é o segundo) e o terceiro, o irmão mais novo, Alfredo, cuja morte li ha dias. Respondi logo em extensa carta que enderecei, á falta de melhor indicação para Liverpool.

- 31) Desci ao Rio. Na sessão do Instituto Historico importante discurso, com referencias respeitadas ao Imperador e aquietadoras a respeito do tratado de Missões, discurso a que respondi com exito, sendo muito applaudido pe'os membros presentes.

Pedi, em seguida, dispensa do cargo de orador, sendo indicado o J. Luiz Alves para fazer o discurso da sessão magna. Li um capitulo da minha *Memoria sobre a cidade de Matto Grosso, o rio Guaporé e a sua mais illustre victima*, que foi muito bem aceito.

Morreu hoje o velho commandante de paquetes, Maciel, que nos levou a Assumpção, no Paraguay, em 1869 e a quem dediquei versinhos em quadra, que o Conde d'Eu gostava muito de recitar. Alludindo ás lutas refeições que nos deu

em viagem, eu lhe dizia, na manifestação burlesca a bordo do *Alice*, quando navegávamos já no Paraná:

*Pae da vida interminavel,
O' divino Maciel,
Tu mereces da cozinha
O bonet de bacharel!*

*Tu dominas temerario;
As aguas do Paraná
Manda-nos dar chocolate,
Não nos mates com teu chá, etc., etc.*

Devia o Maciel estar bem idoso, para cima de 80 annos pelo menos.

MEZ DE NOVEMBRO

- 5) O Girard (39) veio ver-me e contou-me quão pouco o Floriano Peixoto, no dia 15 de novembro, contava com a tropa, que estava no pátio do Quartel do Campo.

(39) General Miguel Maria Girard, amigo intimo do A.

Li *Puyjoli* de Claretie, que achei abaixo de mediocre; tambem o folheei, mais que o li.

- 6) Encetei os *Trechos da minha vida*, escrevendo a respeito da minha meninice muitas paginas.
- 20) Falleceu ante-hontem (18) o meu velho conhecido padre Antonio Herculano da Costa Brito, um dos meus antigos collegas do professorado do collegio S. Sebastião, á rua Larga de S. Joaquim, regido pelo Dr. Eduardo de Sá Pereira de Castro.

Pardavasco, sempre risonho, gorducho e com um correntão de ouro do relógio sobre a batina, sempre me saudava com muita cordialidade e affecto.

Conversando elle, no ultimo concerto classico que houve, commigo e com o príncipe D. Pedro Augusto e dizendo este que não via perigo na propaganda republicana, contou-nos engraçada anedota. “Um papagaio que pertencia a um mestre de sumaca muito corajoso, ouvindo-o a cada instante nos dias de temporal dizer — *não ha perigo!* — ficou com aquellas palavras e as repetia dia e noite. *Não ha perigo!* gritava o papagaio, todos lhe achavam graça. N’uma occasião, porém, a sumaca deu n’uns arrecifes e naufragou. O desastre foi completo e o papagaio, levado pelas

ondas, não foi de certo poupado. Duas ou tres vezes, porém, veio á tona e ainda gritava — *Não ha perigo!*” — D. Pedro Augusto ficou um tanto enfiado.

Dias depois, o padre Herculano, encontrando-se commigo, declarou que se arrependera de ter contado aquelle caso — “Mas porque?” perguntei-lhe — “Ora, não vá o Principe acreditar que eu o quiz chamar de papagaio”. Mezes após o 15 de Novembro, estivemos juntos e ainda repetimos o *não ha perigo!* que nos fez de novo rir, ahí mais tristemente!...

- 25) Estive hoje e hontem com o Guaraná (40) de volta da Europa. Certou-me que estivera com o Imperador, Conde e Condessa d’Eu e principe D. Pedro Augusto, que continua imprudente.
- 26) Dia bonito e fresco. Disse-me o Zama (41) que embóra muito aborrecido com o estado de cousas, tornára-se republicano sincero e, se houvesse tentativa de restauração bragantina, pegaria em armas e iria á barricada, afim de se oppôr a ella. Emfim. . .

(40) Cel. Arminio Guaraná, companheiro de armas do A.

(41) Dr. Aristides Cesar S. Zama, politico bahiano.

MEZ DE DEZEMBRO

- 3) Hontem passei telegramma para Cannes, ao Senhor D. Pedro II, nos seguintes termos: “Commovido beijo a Mão de Vossa Magestade — Taunay”. Os jornaes em geral trouxeram bellas pá-lavras sobre o Imperador, relembrando o seu anniversario natalicio (65 annos).
- 4) Chuva todo o dia. A’ tarde dei longo passeio até á estrada da Cascatinha, indo de *bond* e voltando a pé até a casa, ás 10 horas, onde achei o telegramma de resposta datado de Cannes n.º 1.037, apresentado ás 7h.35 da manhã — dia 3, recebido ás 8 da noite de 4, nos seguintes termos: — “Taunay — Petropolis — Affectueux merci, vifs souvenirs. — *D. Pedro de Alcantara*”.
- 12) A *Gazeta de Noticias* trouxe o seguinte: — *Rectificação*: — Escreve-nos o Sr. visconde de Taunay: “Historiando a transformação politica por que passou o Brasil, conta o Sr. Dr. Anfrísio Fialho, no artigo de hontem, que o Sr. barão de Jacguay, querendo convencer Sua Magestade, o Senhor D. Pedro II, da conveniencia de immediato embarque, lhe fallara “collocando-lhe nos hom-

bro as duas mãos, como para abraçá-lo respeitosa-mente”.

É verdade, que aquelle official general expendeu varias razões que lhe pareciam aconselhar a necessidade de prompta partida, o que tudo minuciosamente me referiu depois, mas sem a mais ligeira menção daquella attitude familiar que — estou certo — nem o Sr. Jaceguay havia de tomar, nem sua Magestade jámais consentiria de ninguem e em circumstancia alguma da sua vida”.

- 13) Bastante calor. A’ tarde, fui visitar o Conde de Carapebús com quem conversei largamente, dando-me elle noticias detalhadas sobre a vida do Imperador. “É cousa de pasmar, contou-me elle, a indifferença ou esquecimento de todas as ingratidões”. Uma unica vez, o Conde o viu agastado em Cannes. Parece que o emprestimo do Rotschild não se effectuou porque este queria que os herdeiros do Imperador se responsabilissem pelo pagamento e estes não quizeram annuir a isto pela falta de ordem nas despesas. Foi o B. de Itajubá quem andou procurando agenciar esse emprestimo. Foi afinal o visconde de Andrade Machado quem fez segundo emprestimo de 20 contos fortes, sem juros.

Falleceu por imprudencia a Imperatriz; sahindo de Lisboa já doente para Coimbra e Porto, viagem apressada pelo preço de £80 que por dia tomava o Hotel Bragança pela hospedagem imperial qualquer que fosse o numero de pessoas. Continúa mais que nunca apertada, em Versailles, a rodinha da Princeza com os Barões de Muritiba e Penha.

- 15) Desci ao Rio, onde estava annunciada a *grève* geral dos operarios, que não se deu senão parcialmente, havendo, cm tudo, inquietação nos animos.

Durante o dia encontrei o barão de Jaceguay, que me disse não ter lido a minha rectificação ao Anfrísio Fialho, mas sabido por outro contar, applaudindo-a muito. Eu lhe li o que havia escripto sobre a partida da Familia Imperial e elle tudo confirmou, dizendo-me que não ia á imprensa por não querer dizer duras verdades, contrapondo o que era o Imperador ao que hoje é o Deodoro, como chefe de Estado.

- 18) No encontro que tive com o barão de Jaceguay no Banco do Brasil, completou elle as informações que me déra da partida da Familia Imperial. O Imperador, depois de ouvir as razões que elle expendera, respondeu-lhe "Bem, o Sr. tem razão. Pelo que me disse vejo que devo partir. Desejo.

porem, que todos saibam que não tive nem posso ter responsabilidade alguma dos factos ultimos”.

No momento de entrar no carro, á porta do Paço da cidade, voltou-se Sua Magestade para o tenente coronel Mallet (42) e lhe disse: “Os senhores todos perderam a cabeça, estão loucos. Não lhes quero, porem, mal pelo que me fazem; desejo sinceramente sejam muito felizes”.

“Ouvi, continuou o barão de Jaceguay, muita coisa digna de ficar na historia; assim, a Princesa Imperial, ao passar pela mesa de Sèvres, em que assignou no dia 13 de Maio de 1888, ás 2 horas da tarde, o decreto da abolição, exclamou: “Se nos expulsam, a mim e á minha familia, pelo que assignei alli, repostas as cousas como dantes, hoje eu tornaria a escrever o meu nome sem vacillação”.

ANNO DE 1891

MEZ DE FEVEREIRO

23) Recusei fazer parte da directoria do Banco que

(42) João N. de Medeiros Mallet, depois marechal e ministro da Guerra.

o... pretende crear e do qual, segundo me disse, será presidente o barão de Ladario!

A este respeito pedi ao mesmo não expuzesse o pobre do marinheiro a esta seducção, sujeitando o seu bonito nome a infallivel depreciação no conceito publico. N'um bond offereceram-me a presidencia da companhia *Melhoramentos artisticos da Cidade Nova!* Que corrupção, quanta miseria moral! E as historias sobre a não eleição do Deodoro! Quanta balburdia! que tristissimo periodo da nossa historia!

- 24) Fui á typographia Laemmert buscar provas e remetti ao Rebouças as duas primeiras folhas do meu livro com destino ao Imperador.

Sahiu publicado este meu artigo no *Jornal do Commercio*, 2.º a pedido, por causa da resposta do João Alfredo ao Ruy Barbosa, embóra o José Carlos Rodrigues me tivesse promettido a precedencia:

O grande Brasileiro: Quando na França republicana, vozes da maior autoridade exaltam as virtudes excepcionaes do Sr. D. Pedro II, cumpre que no Brasil se mostre tambem em que conta foi e é tido este illustre principe, cuja longa existencia se tornou aqui exemplo ininterrompido de ele-

vadissimas qualidades magestáticas, iluminadas pelos clarões do mais acendrado patriotismo.

Tal juízo tira confirmação inteira da admirável serenidade que o velho soberano mantém no exílio dando allí realidade á formosa ficção de *Defensor perpetuo do Brasil*, alheio a todo o resentimento, na calma olympica de que tem a sua consciencia bem socegada, seguindo uma linha firme de proceder que nobilita a um tempo a patria e a humanidade e superior, como Aristides e os grandes justos da antiguidade, aos mais duros golpes do infortunio.

Emana esse conceito da apreciação imparcial e independente de toda a sua vida de chefe de estado, e, como procurei outr'ora estudar, com sincero zelo, certa feição do seu character, é com verdadeiro desvanecimento e como uma homenagem mais ao *great old Emperor*, que reproduzo as palavras por mim escriptas em meados do anno de 1889, quando tentava abrir os olhos a muitos Brasileiros ácerca das illusões republicanas.

Tenho, aliás, por certo, que não poucas miragens e enganos bem fascinadores hão de já estar desvanecidos a começar pelas tão decantadas economias democraticas, que se transmutaram em

horrorosos esbanjamentos e nos demais inconcebíveis desperdícios.

“De que accusam a monarchia? perguntava eu.

“Alguma vez se achou ella divorciada do sentimento nacional, quando pungido este mais veementemente por qualquer instigação do brio, do pundonor e da indignação?

“Alguma vez ficou ella indifferente, alheia ás minimas dores da Patria, inerte ante as suas afflicções, no calor amornado da apathia e na commodidade do egoismo, grato a muitos que pretendem resumir em si a quintessencia do patriotismo?

“Alguma vez representou ella a prodigalidade e o gozo, o parasitismo, a locupletação, o luxo, na diminuta dotação que recebe toda a familia imperial?

E que somma fabulosa, inimaginavel, fôra necessaria para pagar e retribuir a paz e a tranquillidade deste immenso Brasil desde 1840, a dignidade do seu nome, a sua honorabilidade no conceito de todas as nações do mundo, o respeito que, sem contestação, merece de todos, a firmeza das suas resoluções sempre tendentes á concordia e á

benevolencia, sem nunca, porém, recuar diante de contingencia alguma, nem das lutas armadas mais sangrentas e prolongadas, sua politica larga e generosa para com irrequietos e desconfiados vizinhos e essa admiravel pratica da igualdade, aspiração, que nas mais livres terras da civilisação, ainda não passa de simples utopia e que, entretanto, aqui provoca scenas da mais estupenda e sublime confraternidade?

.....

“Por ali costumam dizer — o Imperador tem inutilisado e corrompido muitos caracteres.

“Primeiro que tudo, caracter que se deixa estragar e corromper já não é mais caracter; pois exactamente no choque dos acontecimentos, no embate dos factos sociologicos é que se tira a contra-prova da tempera de uma individualidade.

“Depois, parece que o monarcha, não só passou a vida a acenar para todos, corrompiveis ou não, com regalias e honras, que elle, entretanto, foi sempre o primeiro, na mais philosophica despreocupação, a considerar de somenos importancia, como tambem rodeou-se de validos, favoritos e baixos commensaes, cheios de regalias e abusivas prerogativas.

“E, entretanto, neste ponto, a justiça popular é unanime em seu depoimento e accôrde.

“S. Christovam foi sempre um paço triste e severo: não a morada da alegria, mas o claustro do dever sereno e vigilante, jámais nelle ecoaram o estrondo das festas e as acclamações de pomposas recepções.

Aberto a todos, sem o mais leve constrangimento da etiqueta, tornou-se e é o refugio de quanta queixa levantani os vexames e a opressão dos partidos de cima, o lenitivo de immensas e innumeras dôres, o appello nos grandes desesperos, e foi, não vão longe os tempos, a consolação do misero e humilde escravo, quando ia buscar na meiguice e no sorriso bondoso do chefe de estado uma compensação qualquer ás suas angustias mortaes e á sua desgraça. E isto, não por um ou dous lustros, porém sim por mais de 50 annos!

“Nunca teve o monarcha americano conselheiros intimos; nunca se deixou dominar por arastamentos de coração. Se sentiu affeições, jámais lhes deu direito de ultrapassarem certos limites bem restrictos.

Tão longe até levou o seu systema, aliás utilissimo ao Brasil, que o seu espirito, envolvido no

torvelinho das cousas publicas e no meio do tumultuar da vida agitada, deve, por vezes, achar-se como o cenobita da Thebaida, encerrado em agrestes rochas, tendo diante de si o immenso deserto arenoso e soallento, que o separa da convivencia dos homens e dos risonhos oasis da intimidade e da expansão, tão caros a todos nós.

“Não, a grande corruptora não tem sido a monarchia. E’ aqui; foi em todas as éras; é em todos os paizes; em todas as republicas está sendo; fatalmente, e irremediavelmente é a politica, a politica com suas obrigatorias e por vezes escandalosas transacções, suas continuas e irremediaveis exigencias das contemplações pessoaes, a appellar seductora para mil estimulos, a aguilhoar a ambição e o orgulho, a ciciar um sem numero de promessas aos ouvidos do interesse, a offerecer só felicidades e vantagens a meros actos de condescendencia em estreito e acotovelado convivio de todas as paixões, sob a influencia de todos os calculos e intenções, desde os mais justos até aos mais disparatados, cada qual mais instante e avassalador.

“Inaugurado o regimen republicano, ver-se-ha com que vertiginosa rapidez cairão na opinião publica os caracteres tidos por mais firmes e

austeros, preciosas garantias das melhores aspirações democraticas.

.....

“Estejam todos bem convencidos. O Imperador jámais corrompeu a ninguem. São os factos no seu seguimento, em sua logica inflexivel, em seu tratamento apertadissimo, em sua deducção mathematica, que, mais ou menos cede, denunciam falhas profundas no character de politicos alcandorados no galarim da fama e erguidos ao mais prestigioso pedestal da popularidade como salvadores unicos de melindrosas situações”.

Isto dizia eu em 1889; isto tenho prazer e orgulho em repetir hoje, pois se assiste á geração dos *novos* o direito de tudo esquecer, riscando com vertiginosa ancia as grandes tradições e correndo em busca de um objectivo que só lhes dará crudelissimos desenganos, a nós, de éra bem differente desta e de um Brasil todo outro, cumpre, de vez em quando, repousar o espirito combalido em scenas mais conformes com os dictames da consciencia nacional e com as exigencias do amor que consagramos a esta terra, e fazer justiça ao mais glorioso dos Brasileiros, o Senhor D. Pedro II. —

Visconde de Taunay. Rio de Janeiro, 22 de Fevereiro de 1891.

Fui muito cumprimentado por este artigo. Subi a Petropolis, tendo mandado ao Imperador, por intermedio do Rebouças, as duas primeiras folhas da obra sobre Matto Grosso.

- 25) Eleição do Deodoro, o que eu soube ás 3 ½ pelo Wellisch, que veio communicar m'a de volta do telegrapho. A' noutinha visitou-me o Galdino Pinheiro, com quem estive conversando. Disse-me o Affonso que o vice-presidente fôra o Prudente de Moraes, o que era inexacto.

MEZ DE MARÇO

- 14) De manhã, ás 9 ¼, mandei o seguinte telegramma ao Imperador: "Senhor D. Pedro II — Cannes — Homenagem á augusta sombra. — *Taunay* (43).

MEZ DE ABRIL

- 15) Sahi do Rio para Petropolis. Recebi cartas de Sua Magestade o Imperador, dos Condes de Motta Maia e Aljezur e de Joaquim Nabuco.

(43) Homenagem ao dia natalicio da Imperatriz.

A do Sr. D. Pedro II era dirigida do seguinte modo: "Ao Sr. Visconde de Taunay — *Rio de Janeiro*". E' concebida nos seguintes termos, que sobremaneira me commoveram: "Taunay, Muito obrigado por sua carta de 22 de Fevereiro e seu *Estudo historico*. Já principiei a lê-lo. Para que não me pareça injusto o que diz de mim, enviar-lhe-ei brevemente a minha fé de officio de imperador do Brasil.

Escreva-me sempre dando-me noticias de tudo o que sabe interessar-me e sobretudo de que por qualquer modo se refira á colonisaçãc.

Vou bem de saude e estudo bastante para, mesmo de longe, servir nossa Patria — Como vão os seus? Falle-me de Petropolis. Adeus! Reciba um abraço do amigo de seu pae e seu, D. Pedro de Alcantara, Cannes, 21 de Março de 1891".

Respondi logo a esta carta, escrevendo quatro laudas e mais quatro, oito de papel, remetendo essa contestação em missiva fechada ao Rebouças (N.º LVIII).

- 21) Anniversario da execuçãc do Tiradentes. Rebouças (N.º LIX).

O *Jornal do Commercio* trouxe o seguinte: *Instituto Historico*: Sinceramente sinto não ha-

ver assistido á sessão de sexta-feira ultima, pois teria com energia impugnado a proposta de acclamação do Sr. generalissimo Manuel Deodoro da Fonseca a presidente honorario.

Entendo que este cidadão nada tem com aquella associação e que ella cousa alguma deveria ter com S. Exa.

Lamento devéras que o Instituto Historico, no meio de continuos sarcasmos de que é victima, não queira assumir o papel de retrahimento e modestia, unico que lhe quadra, entregue só aos trabalhos da sua competencia e, exactamente pela natureza e feição dell'es, mais voltado para as cousas de outr'ora, do que para os triumphadores e poderosos do dia. — *Visconde de Taunay.* — 18 de Abril.

- 23) O *Jornal do Commercio* trouxe o seguinte: *Instituto Historico*: A tentativa de resposta ao meu protesto, no *Jornal do Commercio* de hoje, obrigame a mais algumas palavras.

Abstrahindo de personalidades, levantou a imprudente proposta gravissimo problema de ordem moral, que o Instituto Historico resolveu do modo mais deprimente e menos digno possível.

Quando a Academia de Medicina e outras associações scientificas e litterarias, onde de todo o tempo existiram elementos de republicanismo e patente opposição á monarchia não se lembraram de manifestações daquella ordem, foi o Instituto Historico que rompeu a marcha.

Bom proveito lhe faça.

Tenho, aliás, por certo, que o mesmo Sr. marechal Manuel Deodoro da Fonseca deverá ter ficado bem desagradavelmente surprehendido com tal pretendida prova de apreço e com o juizo exarado sobre os seus serviços por quem viveu mais de quarenta annos só do meigo influxo e da constante afeição do Sr. D. Pedro II.

Quanto a mim, declaro: Desta data em diante não faço mais parte desse Instituto. — *Visconde de Tamay*. — 22 de Abril de 1891.

Na barca, o. . . me deu uma carta do Rebouças (N.º LV), em que este me annuncia a sua partida (a 21 de Abril) para Cannes, a chamado do Imperador. Pela copia, porem, dessa carta de chamado, não infiro que fosse esta a intenção de D. Pedro de Alcantara.

Como sempre, o bom do Rebouças *s'est emballé*.

Hoje devem ser levados ao Instituto Historico 6 volumes da *Historia do Brasil* de Southey, traduzidos pelo Dr. Luiz de Castro e o ultimo volume das *Memorias historicas do Rio de Janeiro* de monsenhor Pizarro.

Levarei amanhã para o Rio o manuscripto de Felipe José Nogueira Coelho, que logo mandarei entregar. Nada mais tenho daquelle Instituto a que pertenci de 1869 a 1891, isto é, 22 annos e ao qual prestei alguns serviços com toda a boa vontade.

MEZ DE MAIO

- 20) Desci com o Luiz Doria (44). Estive no Banco do Brasil. Subi a Petropolis, onde li a carta do Motta Maia, remettendo-me a *Fé de Officio* do Imperador.
- 21) Escrevi ao Motta Maia remettendo a carta dentro de outra ao Antonio Julio Machado (Lisboa). De manhã passára um telegramma para Cannes com estas palavras: "Posso publicar?"

(44) General Dr. Luiz M. das Chagas Doria, cunhado do A.

- 26) A' vista do telegramma do Motta Maia, assignado Claudio e datado de Versailles — *Décidez convenablement* levei ao *Jornal do Commercio a Fé de Officio*, cujas provas tenho de ver amanhã.
- 27) A's 2 horas da tarde e já bastante fatigado, fui corrigir as provas da *Fé de Officio* com o José Carlos Rodrigues, que se mostrou muito grato de eu haver entregue ao *Jornal do Commercio* tão importante documento.
- 28) Foi publicada a importantissima peça memorial do Imperador. Trouxe, apesar de todos os cuidados, alguns erros de composição. Nas linhas que escrevi em vez de *honrosos*, honrados.

Escrevi a Sua Magestade uma carta, por intermedio do Sr. Antonio Julio Machado. Ia dentro de um exemplar do *Jornal do Commercio* sobre *Fé de Officio*.

MEZ DE JUNHO

- ¶) *Segunda-feira*. Os jornaes teem vindo cheios de *Fé de Officio*. A tal respeito, diz uma *mosca* da *Gazeta de Noticias*:

“Todos os jornaes, occupando-se da *Fé de Officio*, occuparam-se hontem do Sr. Taunay, e

tanto... tanto, que até parece estarem elles a acreditar que o Sr. ex-senador foi quem a redigiu.

Não é exacto. Ha pessoas até que viram o autographo do ex-imperador, e o illustre presidente da Sociedade Central de Imigração é muito capaz de exhibil-o, para acabar com essas suspeitas de apocryphia”.

Hontem o *Paiz* e o *Diario de Noticias* trazem artigos insolentissimos, mas que bem indicam o seu furor e despeito.

- 11) Desci ao Rio. Recebi tres cartas do Rebouças (Ns. LIX, LX e LXI) e mais a copia da missiva ao Imperador, que o José Carlos não quiz publicar, achando-a demasiado enthusiastica.
- 29) Escrevi ao Castro sobre o cartão do B. de Muritiba agradecendo, em nome da Princeza e do Conde d'Eu, os exemplares de *Algumas Verdades!* Que differença dos modos e da affectuosidade de Pedro II, o Habsburgo — Bragança!

MEZ DE JULHO

- 7) O *Jornal do Brasil* trouxe o seguinte: *D. Pedro II em Vichy.*

E' devéras altamente enterneccdor e cheio de ensinamentos o respeito que, em todos os pontos da França-Republica, acolhe o grande Ancião que por tantos e tantos annos representou o Brasil como seu primeiro cidadão.

Não lhe tem faltado homenagem alguma, e, de certo, não ha neste mundo throno que valha o preito de admiração e acatamento de uma das primeiras nações do mundo, pharol e guia de toda a raça latina, senão de toda a civilisação.

Ao chegar a Vichy, o jornal daquella localidade consagrou ao illustre exilado o seguinte artigo de fundo, assignado pelo Sr. H. de Saint-Seine, e tantas cousas bellas e certas, diz elle, que não resistimos ao prazer de transcrevel-o por inteiro. Eil-o:

“D. Pedro está em Vichy.

“Não queremos ser dos ultimos a lhe apresentarmos os nossos cumprimentos e os sentimentos de respeitosa sympathia dos nossos hospedes e dos habitantes desta localidade.

E' D. Pedro uma das mais elevadas figuras, um dos caracteres mais nobres da época contemporanea. Melhor do que Frederico II, merece elle o titulo de *rei philosopho*; porquanto a philo-

sophia do grande brasileiro não é simplesmente theorica, está nas suas idéas, nos seus sentimentos e actos. Muito tempo inspirou ella o soberano; actualmente inspira o homem.

“Sabe-se quaes os sucessos de que foi o Brasil theatro. Esse paiz — monarchia unica da America — quiz mudar a fórma ou antes o rotulo — do seu governo.

“Fôra D. Pedro o mais meigo dos monarchas. Ninguem mais do que elle buscara respeitar as normas constitucionaes. Praticara no throno todas as virtudes do homem publico e particular, principalmente a simplicidade, a doçura, a modestia. Quando conheceu a vontade dos seus subditos, real ou não, inclinou-se diante da imposição do facto.

“Tranquillamente e com toda a nobreza, desceu os degrãos do throno.

“A constituição o tornara soberano do Brasil. Um acto de livre acquiescencia lhe deu a vida privada.

“Creio que não se pôde qualificar de revolução os sucessos que se passaram no Brasil. E', por ventura, revolução, uma mudança de Estado,

que não custa a um monarcha uma lagrima e a uma grande nação a menor gotta de sangue?

“Em todo o caso, a historia não offerece muitos exemplos de semelhante *renúnciação* e, por esta palavra, entendo o desprendimento com que D. Pedro arredou qualquer possibilidade de resistencia. Tinha por si longos annos de um reinado virtuoso, podia até contar com muita gente no exercito e na armada, e no Brasil inteiro sabia que dispunha de muitas *sympathias* e dedicações.

“Outros monarchas considerariam a resistencia um dever. Esse dever, D. Pedro comprehendeu-o de outro modo. Quiz elle, afastando-se, deixar que o povo experimentasse sem mais tropeços a felicidade que suppunha ligada á nova fórma de governo. Maior do que Themistocles e Aristides, exilou-se.

“Esse exilio foi o resultado de um facto entre a nação brasileira e o seu soberano.

“D. Pedro não quiz ser nem causa, nem pretexto de perturbações. Depoz a corôa, não sómente sem uma palavra de amargura e resentimento, mas com a alegria de quem cumpre, ainda ahí, o seu dever, poupando á patria os horrores

de uma guerra civil — e é esta a mais esplendida prova de amor e dedicação ao seu paiz.

“Todas as provações tem-nas D. Pedro suportado com inalteravel constancia d'alma nunca desmentida. Em todas as circumstancias da sua vida, mostrou-se grande contra a adversidade pela firmeza estoica de sua resignação.

“Quando poderoso e occupando um throno mereceu elogios e applausos por virtudes, que dos acontecimentos receberam a mais admiravel consagração.

“Acceite o illustre principe a expressão do nosso maior reconhécimento pela honra que dá a esta localidade de Vichy e permitta, benevolo, estas phrases da nossa admiração e do nosso respeito”.

Eis o modo por que em todos os pontos do mais glorioso centro da civilisação hodierna — a França — é acolhido o Sr. D. Pedro II e pelo carinho das homenagens e manifestações de inexcedível apreço se lhe mitigam as crueis dôres do exilio.

Tem a republica franceza orgulho em abrir os braços da mais respeitosa hospitalidade ao grande Brasileiro. — *Visconde de Taunay.*

- 11) Cercam-me continuos e penosos motivos de des-animo, parecendo as cousas conspirarem contra mim e contra a attitude que tenho mantido desde 15 de Novembro de 1889.

Subi a Petropolis, tendo passado o dia todo muito pezaroso com as noticias vindas de Vichy, sobre o estado de debilidade do Imperador.

- 12) Estou bem inquieto do estado do Imperador.

- 19) O *Jornal do Commercio* trouxe o seguinte: *Justa profligação.*

“De fonte bem insuspeita são as linhas, que abaixo vão transcriptas.

Affirmam, de certo, crudelissimas verdades, dessas capazes de fazer córar o homem mais des-leal e o character mais sceptico e accomodatício a todas as miserias politicas.

Uma inexactidão, porém, nesse artigo se contém.

E' quando a folha republicana, como que por generosidade e largueza de coração, chama a si o dever de ter presentes á lembrança os serviços e os soffrimentos do velho Imperador.

Não; esteja bem convencido o valente articulista. Neste paiz, milhões de brasileiros de con-

tinuo pensam no Sr. D. Pedro II, no seu involvidavel patriotismo, no seu illimitado e grandioso desinteresse, na magnanimidade da sua alma e na ingratição com que lhe pagaram cincoenta annos de incessante e conscienciosissimo labor.

Cada um delles, porém, ouve no intimo voz mysteriosa e cheia de angustia que lhe repete a pungente censura de Arica a Boabdil: “Chora, chora como mulher o que não soubeste defender como homem”.

Addite-se esta verdade ás muitas que insero o editorial do *Diario de Santos*. — Visconde de Taunay. Eis o artigo: *Nem sempre*.

“Diz-nos o telegrapho que o Sr. D. Pedro, o velho monarcha, vai perdendo as forças e já não póde andar sem auxilio. Em outro tempo esta noticia commoveria a nação inteira; preces fervorosas resoariam por sob as arcadas de todos os templos, pedindo ao Omnipotente o restabelecimento do chefe do paiz”.

Mas que vemos?

O esquecimento suffocou a gratidão nacional. O querido de hontem é hoje desprezado como qualquer simples mortal. Porque?

“Ah! é bem duro, mas nós que sempre nos prezamos de republicanos, que pregámos abertamente contra o Imperio, di-lo-emos sem rebuço, muito embora não agrademos: — O Brasil é um paiz de ingratos e dos factos consummados”.

“Habituosos á escravidão, que era a encarnação do direito brutal da força, aprendemos com o escravo a tremer diante do poder... Triste verdade, mas verdade”.

“Ha vinte annos que a republica faz a felicidade da culta França, mas grande parte daquella poderosa nação ainda não se deu por convencida; ainda defende a realza que por tão dilatados annos a regeu”.

“Ao parlamento francez ainda são até hoje mandados pelo povo innumeros representantes fieis á monarchia”.

“E no mesmo dia da proclamação da republica no Brasil, os aulicos, os fidalgos do baixo imperio, foram os primeiros a dobrar a cerviz ao jugo do feliz triumphador!”

“Saibam os corações bem conformados de quanto é capaz o servilismo...”

“Patria ingrata é a nossa por excellencia e mais do que isso — patria servil!”

“Temos vergonha do que dizemos, mas é preciso ser justo, e a justiça não consiste sómente em louvar”.

“E’ por sermos justos que neste momento, quando todos se esquecem do velho rei, nos condoemos dos soffrimentos de quem outr’ora foi tão querido”.

“D. Pedro deixou o throno que occupára, durante 58 annos, sem que sobre si pesasse nenhum crime contra a patria. Elle commetteu erros, e *errare humanum est*, mas manteve sempre impolluta a honra nacional, e nunca mandou ao Prata embaixadas, para ceder aos visinhos, em meio de festejos, grandes extensões territoriaes”.

“Elle teve erros, mas em 58 annos de reinado não commetteu tantos como esta republica fritz-mackisada, em tão curto espaço!”

“Não fazemos sentir a excellencia da monarchia sobre a republica, nunca! mas a excellencia do que serviu aquella sobre os que servem esta”.

“Para dizer estas duras verdades, se nos despedaça a alma, mas que importa? precisamos ser justos, muito embora tenhamos, até nós, de passar por sebastianistas”.

.

“Lycurgo deixou-se morrer á fome depois de haver dado a Sparta uma constituição, para não assistir aos attentados que contra ella fossem feitos, e os autores da nossa carta fundamental deixaram-se no poder, e violam-na com todo o sangue frio!”

“São exemplos bebidos na mythologia — Saturno devorava os filhos”.

- 25) Carta ao Azevedo Castro. O *Jornal do Commercio* trouxe o seguinte: *O amigo ausente*: Na correspondencia desse escriptor, publicada pela *Gazeta de Noticias* de hontem, vem uma referencia ao meu nome por occasião da analyse que buscou fazer da *Fé de Officio*.

Acudo sem demora ao chamado, assegurando que sempre encontrei no Sr. D. Pedro II decidido apoio e absoluta sympathia ás minhas reclamações e aos meus protestos. Unico de todos os politicos, assistiu Sua Magestade á installação da *Sociedade Central de Immigração*, unico, mostrava interesse pelos seus trabalhos, lendo tudo quanto publicava e applaudindo-a sempre em seus leaes esforços.

Uma vez, á minha vista fallou extensamente a um dos seus mais prestigiosos ministros, pro-

curando convence-lo de que só era verdadeira e proficua a orientação que essa Sociedade indicava com tamanha insistencia.

Se mais não fez, é porque não pôde — e a explicação dessa impossibilidade é longa demais. Constitue a historia de todo o seu reinado; de todo o seu longo e patriótico martyrologio.

Tenta o correspondente chasquear da *Fé de Officio*. Está no seu perfeito direito.

Pena é que, antes e com outros intuitos, não tivesse meditado o *memorandum* de Marco Aurelio — *A mim mesmo*. Lá acharia, até no que lhe mereceu censuras, pontos de commovedora similitude, entre os dous grandes principes.

O Sr. D. Pedro II, após cincoenta annos de reinado, pôde escrever aquella *Fé de Officio*, singela, tocante, luminosa, limpa, pelo menos de desastres e vergonhas para a patria brasileira.

Veremos qual a *Fé de Officio* da Republica, não em meio seculo mas simplesmente nestes cinco ou dez annos. Veremos se não se resumirá nestas palavras symbolicas — ruina, descredito, esphacelamento, anarchia. — *Visconde de Taunay*.

- 27) Recebi de manhã resposta de Vichy ao meu telegramma de 23 — Taunay — Petropolis — *Mieux. Commencement convalescence* — *Motta Maia*.
- 28) Às 2 hs. fui ao Ministerio do Interior para conferenciar com o Araripe e os membros da comissão da Bibliotheca do Imperador. Protestei contra o que me parecia intervenção do governo em encargo de character puramente particular. O Araripe explicou-se.
- 30) O *Jornal do Brasil* trouxe o meu artigo *Grandioso espectáculo*, com a data de 29 de Julho, anniversario da Princeza Imperial.

Grandioso Espectaculo: São felizmente indiscutíveis as noticias de que o Senhor D. Pedro II entrou em convalescença.

Mais uma vez aquelle organismo excepcional venceu e superou as tentativas da destruição; e, deveras, raro é encontrar-se tão poderosa força moral servida por physico tão valente.

Ao mesmo tempo, que espectáculo tocante e sublime ver aquelle velho soberano, apeado do throno, pobre, sem recompensas, condecorações e honras que dar, cercado, entretanto, dos mais illustres homens da sciencia, empenhados em o defenderem contra a morte!

Que homenagem commovedora e honrosa para toda a humanidade!

Até disso deve tirar motivos de orgulho a patria! O grande brasileiro merece do mundo inteiro todos os tributos da mais profunda admiração e da mais sincera e respeitosa solitudine.

Que importa a ingratição do Brasil? O colosso geographico desaparece ante a grandeza do ente extraordinario que aqui nasceu.

Se lhe toldam a generosa mente immensas e duras saudades da terra natal, difficil é imaginar-se a alegria da inclyta filha, a Princeza Redemptora, poder no dia de hoje estreitar de encontro ao peito um pai como o Senhor D. Pedro II! — *Visconde de Taunay.*

- 31) Desci ao Rio para ir com a commissão á Bibliotheca e aos museus do Imperador em S. Christovão. Lá estivemos das 11 ás 2, tomando a deliberação de convidarmos o Ladisláo Netto para a distribuição de objectos ao Museu Nacional.

MEZ DE AGOSTO

- 1) *Quarta-feira* — Escrevi a resposta ao José Carlos Rodrigues sobre o caso Rebouças. Mostrei ao Joaquim Nabuco, que a approvou muito. Subi a Petropolis, encontrando telegramma do Eduardo Prado.
- 2) O *Jornal do Commercio* trouxe o seguinte sob a rubrica *Questão de Missões*. Escreve-nos o Sr. Visconde de Taunay:

Nenhuma duvida e vacillação tenho em dar, á sua carta de 30 de Julho proximo passado, prompta e completa resposta ácerca do incidente que se enxertou, ou á força pretendem enxertar, na gravissima questão das Missões.

Áquelle incidente nunca liguei a importancia que agora lhe querem attribuir, buscando-se amparar certo grupo de opiniões e sobretudo aspirações ao glorioso prestigio do inolvidavel representante da monarchia no Brasil, o Sr. D. Pedro II.

Eis a razão por que ha mais tempo não vim á imprensa dizer o que sei em relação a semelhante occurrencia, limitada como foi e deve ser.

Não só tem, pois, V. S. autorização plena para publicar estas linhas, como até lhe agradeço o ensejo que me proporcionou na elucidação deste ponto e da parte que me é referente.

* * *

Sabem todos, quanto sou amigo de André Rebouças, de cuja affeição e estima hei tirado muitos motivos de a'legria e consolo neste mundo.

Inte'ligencia vasta, illustração profunda, espirito ávido de saber, coração largo e ardentemente voltado para o bem, é elle um dos entes de convivencia mais grata, mais amena, instructiva e dignificadora que se possam encontrar na arida viagem pelo caminho da existencia.

Especie de Tolstoi, sempre a meditar os grandes problemas sociaes e a cogitar na melhor solução, sempre a pairar na mais elevada esphera moral, vê de continuo no homem a humanidade, sem querer enxergar os lados estreitos, interesseiros e egoisticos, que as lutas, as paixões, os embates a cada instante desvendam e tristemente illuminam.

Pelo contrario tudo desculpa, tudo attenúa, tudo encobre, defeitos, erros, desfallecimentos e miserias.

Nada mais é para elle a vida do que uma missão sagrada, cheia de sacrificios, dedicação e oblações.

O seu ideal é Christo, o Christo do Evangelho, a cujos divinos pés deposita toda a sciencia, todo o progresso, toda a civilisação, como meio de mais levantar o pedestal, em que se ergue o sublime vulto do Redemptor.

Em fins de Abril de 1889, na nossa doce e inesquecivel intimidade de Petropolis, notei a frequencia pouco usual do ministro argentino, Sr. Moreno, no modesto quarto do hotel Bragança que André Rebouças occupava e enchia de flôres, no seu extase perpetuo ante a formosura e a bondade da Natureza.

Perguntei-lhe incidentalmente a causa.

— Estou imaginando, respondeu-me, qual o meio de dar complemento condigno á Abolição. O Brasil é hoje em dia um paiz unico no mundo, a quem deve servir de exemplo.

Não insisti, tanto mais quanto estavamos em vesperas do 13 de Maio, das festas commemorati-

vas daquelle grandiosa data e sabia da parte ruidosa que aquelle ministro procurára sempre nellas tomar.

Ouvi, com effeito, Sua Magestade dizer que assistiria com o maior prazer á commemoração da aurea lei, palavras a que allude a narração de Rebouças.

Semanas depois, uma tarde, na estação da estrada de ferro, atirou-se este a mim, segredando-me ao ouvido: — O imperador acaba de tomar-me os papeis. Vai examina-los.

— Que papeis? indaguei.

— No meu quarto lhe explicarei.

E, chegados ao aposento, declarou-me que imaginára uma solução scientifica com que fechat a questão das Missões, convindo que ao arbitramento se preferisse a divisão rigorosa do territorio em litigio, entre os rios Pepiry-guassú, Chapecó e Chopim, pois do laudo definitivo, por mais justo que fosse, resultariam resentimentos inapagaveis, julgando-se a parte menos favorecida lesada sempre em seus direitos.

E, insistindo na idéa dominante, accrescentava que o Brasil, depois do 13 de Maio, deveria assentar as bases de uma paz perpetua com todos

os povos, tomando, como nação sul-americana, o lugar que lhe competia na *hegemonia moral*. Ficasse a Republica Argentina constrangida, a poder de magnanimidade e grandiosos exemplos, ao abandono das suas prevenções, dos seus rancores e odios tradicionaes.

Não me impressionei demasiado com o que estava ouvindo, pois nada mais era do que o thema favorito do meu bom e leal amigo e companheiro, o seu empenho constante, a sua expansão habitual a olhar tudo de alto, de muito alto, adversario intransigente da guerra e da brutalidade, buscando do fundo do seu gabinete amparar velhos, mulheres e crianças, proteger os infelizes e injustiçados, e associar todos — amigos e inimigos — á sua obra, aos seus esforços de pensador, de philosopho e philantropo.

Embora me retrahindo instinctivamente, ponderei-lhe que se me afigurava imprudente a sua tentativa de interferencia de feição scientifica, theoretica e toda imbuida de idealismo em tão séria divergencia entre nações confinantes, quando o caso era de materia positiva e lhe faltavam mappas, conhecimento das localidades e outros muitos elementos elucidativos.

Replicou-me com energia e eloquencia. Deixasse-me de preconceitos europeus e da possibilidade de conflictos á mão armada e sangue derramado.

Estavamos na America, livres da abominavel escravidão, e ao Brasil cabia convencer a Republica Argentina da urgencia de absoluta boa fé e reciproco desapego. O Imperio era uma nação excepcional com o monarcha que tinhamos e com uma princeza capaz dos maiores rasgos de abnegação e patriotismo.

E por ali foi, não alludindo, de leve sequer, a qualquer juizo do Imperador.

Passaram-se dias e, encontrando-me com o Sr. D. Pedro II, julguei dever referir-me ás idéas de André Rebouças.

— Acho, disse eu, *impertinente* a attitude do Rebouças, *impertinente* no genuino sentido do vocabulo portuguez, isto é, fóra de lugar, sem oportunidade.

O Imperador sorriu-se e observou:

— Ora, o Sr. sabe que o Rebouças é todo coração.

E estas palavras dão a medida exacta do pensamento que dominava o augusto soberano, ex-

pressando ao mesmo tempo uma bella verdade e a justiça que della decorria.

Quanto ao mappa schematico, só vi uma cópia, ou antes o esboço, ignorando de todo o destino que tiveram quaesquer outros papeis a elle relativos.

Eis tudo quanto se passou commigo e de que posso ministrar informação.

Ao terminar, uma reflexão que me parece bem cabivel.

O Imperador, na equidade do seu espirito laborioso, foi sempre em extremo respeitador do trabalho alheio. Tudo acolhia, tudo lia, tudo estudava, procurando com isto prestar homenagem a todas as manifestações da intelligencia e da actividade.

Dahi, porém, adoptar e applaudir quanto lhe fosse entregue e servia á sua meditação e analyse, ha um mundo, nem está de accôrdo com a prudencia, cautela e sensata orientação de que deu tão repetidas provas durante cincoenta annos de reinado e nas momentosas questões, em que se acharam envolvidas, sem nunca periclitar, a dignidade e a honra da nação brasileira — *Visconde de Taunay*. — 1 de Agosto de 1891.

- 5) Estive demais occupado com o artigo que appareceu no *Jornal do Commercio* e é o seguinte: *Na Bibliotheca do Imperador.*

De mim se apossou funda e indizível emoção ao transpôr pela primeira vez o limiar da grande bibliotheca do paço de S. Christovam.

Parecia-me a cada momento que não tardaria a encontrar aquelle monarcha tão magestoso e nobre, representante, por mais de meio seculo, do Brasil perante as nações civilizadas como personificação dos mais altos principios humanos e da dignidade e da honra nacional.

Afigurava-se-me vê-lo levantar-se de alguma das compridas mesas, carregadas de preciosos álbuns, gravuras, mappas e photographias, que, de espaço a espaço, cortam a solenne sala, ou antes aquella successão de salas, cuja ligação occupa quasi toda a extensa frente do palacio, no terceiro pavimento.

E a sua bella physionomia, tão popular e expressiva, impenetravel quando qualquer cuidado lhe salteava o espirito, ou então cheia de bondade e meiguice em horas de quietude e despreoccupação, se me apresentava tão clara e distincta, que tudo quanto se passara desde o fatal dia 15 de

Novembro tomava visos de simples sonho e pesadello, soffridos com os olhos abertos e os sentidos acordados...

Alli, na mysteriosa impassibilidade do livro, á espera de consulta, dezenas de milhares de obras davam incontestes provas do amor, da dedicação, do apreço e estremecimento, que o augusto monarcha americano consagrava ao estudo e á meditação.

Alli, naquellas salas, innumeradas vezes passeara, de ponta a ponta, o soberano na solidão das noites, sózinho, buscando solução ás difficuldades que se antepunham á marcha do Brasil e que o seu zêlo, a sua experiencia, o seu patriotismo, em continua vigilia, conseguiam sempre remover.

Alli, no meio dos numerosos e mudos companheiros de trabalho, unicos validos que jámais teve, é que achara consôlo e alento em momentos bem amargos, vendo deturpadas as suas melhores iniciativas, sabendo-se alvo de mil interpretações falsas e odiosas, preso ao silencio, sem poder descer á arena das discussões, quando poucas palavras bastariam, talvez para tudo explicar, tudo desfazer, annullando as injustiças dos espiritos invejosos e orgulhosos e dirigindo a bom caminho os irresolutos e mal orientados!

Naquelle enorme acervo de livros, que abrangem todas as disciplinas, quantos e quantos volumes não estão com as margens todas tomadas de notas escriptas com lettra miuda e apertada? E só nisso, que mundo de impressões a recolher, a historia íntima de todo um reinado de dez lustros! . . .

De que valeu, porém, tamanho e tão continuo labutar, tão insaciavel ancia de saber, tão largo circulo de conhecimentos sempre e sempre ampliado? No que deram todos os conselhos ministrados pela sciencia accumulada de todos os seculos?

Melhor não lhe teriam servido, ao moderno Marco Aurelio, em vez daquelles sessenta mil volumes, de que se rodeou, seis mil baionetas, commandadas por um general sincero e fiel?

Quem o apearia então do throno, em que se mostrara tão desinteressado e magnanimo?

Quem lhe apontaria o caminho do exilio, fazendo-o passar como dolorosa interrogação por deante de toda a nação brasileira, que lhe respondeu com a mudez da inercia, embora sentisse a consciencia aniquilada e as faces rubras de vergonha?

Quem o separaria daquelles companheiros de existencia, muitos desde os primeiros dias da meninice solitaria, sem paé, sem mãe, quando fóra do palacio rugia o furor das revoluções, essas sim, bem impetuosas, bem leaes no seu desencadear?

Ah! os Brasileiros daquellas éras épicas!...

Que elevação de sentimentos, que comprehensão dos interesses da patria!

Com que soffreguidão faziam dos corpos barreira ás tentativas criminosas, poupando ao imperador menino até o sobresalto das agitações externás!

O Brasil inteiro se convulsionava nas garras da anarchia, e, entretanto, naquellas salas só se ouvia a lição dos mestres ou o folguedo de tres innocentes crianças.

E cada estadista arcava a braços com a revolução; e cada Brasileiro, amante da patria, era um baluarte ás instituições juradas!

Porventura mentiram ellas ás esperanças e á confiança dos nossos antepassados, a mais illustre mentalidade das gerações que temos tido?

Acaso lhes tocára, a estas, por partilha alma de lacaios?

Que o diga hoje a consciencia dos republicanos velhos e honestos.

Quanto na physionomia infantil do imperador se desenhavam já os precoces signaes da preocupação!

Em duas graciosas estatuetas do museu de S. Christovam, vemos D. Pedro II criancinha tendo a faixa do Cruzeiro a tiracollo, a brincar, distrahido e abstracto, com folhas de loureiro.

Quantas recordações commoventes naquellas collecções, quantas preciosidades!

São nada menos de tres as bibliothecas: a da Imperatriz, a do despacho ministerial e a do imperador, no segundo andar de S. Christovam.

Por toda a parte as homenagens do mundo inteiro a cincoenta annos do mais honrado e nobilitante reinado! Por toda a parte o eloquente Pedro II encimado pela rutilante corôa! Por toda a parte, porém, também signaes bem evidentes do roubo e da rapina, depois das terriveis scenas que findaram no *Alagôas*.

Falou-se no desaparecimento de brilhantes valiosissimos da Corôa Imperial, de joias do maior valor como a espada e a liga da Ordem da Jarreteira e do mesmo modo de não poucos obje-

ctos de elevado cabedal. Até coroasinhas e monogrammas em ouro, além de muitas moedas e amostras mineralógicas desse metal, facilmente tentaram a cobiça, que o gôsto poude cevar-se naquellas riquezas amontoadas.

Que importa, porém, tudo isto?

Não arrancaram o Imperador do seio da patria; não lhe trancaram as portas da terra natal, que elle tanto serviu e acima de tudo estremece?

Que valem perdas materiaes, por maiores que sejam, quando a alma foi malferida e tem de curtir as angustias da clamorosa injustiça e da negra ingratição?

Ah! para tanto sim, para tudo isto é que serviram o estudo, a meditação, aquelles livros todos, aquella immensa bibliotheca!

Eis o que não dariam jámais milhares e milhares de baionetas: a calma, a serenidade, a paz de consciencia, a confiança na posteridade, o esquecimento da offensa, o amor intangivel ao Brasil, todo esse grandioso pedestal em que se altêa a figura do Sr. D. Pedro II!

Que contraste! Ao passo que o Congresso discutia si a Nação devia como attenuação de crudelissima iniquidade enviar ao mais illustre dos

exilados, que algum dia houve, cento e vinte contos de réis annuaes, cedia elle a essa Nação mais de dous mil com o maior despreendimento, a mais admiravel largueza e espontaneidade!

7) Publiquei o seguinte artigo: *Interpretação erronea.*

Custará, de certo, ao Sr. Dr. Aristides Maia convencer a qualquer, por mais indifferente ás grandes questões de esphera moral, que a entrega da bibliotheca e das collecções do Sr. D. Pedro II, á Nação brasileira, dá prova de que Sua Magestade pôde passar vida alegre e folgada em terras de exilio e não representa mais um acto de generosidade, admiravel abnegação e acendrado patriotismo.

É exactamente na magnanimidade dessa doação, rodeada das circumstancias em que é feita, que se affirmam o character e a inexcedivel elevação do augusto principe.

No seu pensar, acima sempre do menor intuito interesseiro, e de accôrdo com seu glorioso passado, entendeu que só ao Brasil deviam pertencer todos aquelles livros que tanto manuseou, preciosidades que reuniu, algumas sem estimativa possivel, edições incunaveis, cousas unicas no mundo

e não entrega-las ao martello do leiloeiro, por mais dinheiro que pudessem produzir a bem de regalias de ordem material.

MEZ DE SETEMBRO

- 20) A respeito da bella perspectiva do *Muzanzá*, contou-me o escrivão Cesar, no largo de S. Benedicto da Lagôa de Cima, que o Conde d'Eu disséra: É a mais bonita paizagem de todo o Rio de Janeiro!

Tem razão; o golpe de vista é lindo e causa grande impressão de calma e felicidade. Quem sabe se por vezes não se tem elle lembrado em Versalhes d'essa distante paragen? Como são dolorosas recordações destas a exilados!

MEZ DE OUTUBRO

- 8) Noticia pelos jornaes de não pequenos disturbios no Rio entre o povo e a policia. Recebi carta do Dr. Moncorvo sobre o livro — *A cidade de Matto Grosso*.
- 9) Desci ao Rio, onde continuam os disturbios agravados pelo estado extremamente morbido do Deo-

doro, absolutamente como nos ultimos tempos da monarchia. Á noute, fui obrigado a voltar de tilbury, encontrando muitas ruas occupadas por cavallaria.

- 10) Fui esperar os B. de Muritiba no cães Pharoux encontrando-me com o João Alfredo. Entreguei á Baroneza uma carta para o Imperador, levando dentro outra para o Rebouças (N° LXXXI). Contaram-me que o numero de mortos hontem nas descargas da policia subiu a 29. Parece exagerado.

MEZ DE NOVEMBRO

- 3) Interpellando o Firmino Pires Ferreira sobre a situação politica, disse-me elle: "É grave, mas tudo se ha de sanar porque o marechal Deodoro se ha de submeter." Fallou-me tambem em denuncias positivas de manobras sebastianistas, o que de todo o ponto, e com a maior sinceridade, ignoro.

Aliás, na rua Larga, o Evaristo Nunes Pires alludira a isto com o Rego Cesar (45). De

(45) Dr. João Pinto do Rego Cesar, clinico de nomeada e amigo dedicado do A.

volta do S. Christovam, no Arthur Napoleão, disse-me o Visconde de Silva que o Nabuco tinha coisa grave que me communicar. Procurei a este no *Jornal do Brasil* e encontrei-o alarmado, tendo sabido que os jacobinos nos ameaçavam de morte, a mim, a elle, Nabuco, e ao João Alfredo.

Referiu-nos uma exclamação engraçada deste "Porque eu e não o R. Dantas?!" Voltando para casa, conferenciei com os meus e decidi subir para Petropolis e alli conservar-me quieto. Fiz a viagem com o Barão d'Anethan (46). O Girard que eu esperava encontrar na volta, conforme promettera de manhã, não subiu.

4) A *Gazeta de Noticias* e o *Diario do Commercio* trouxeram as gravissimas noticias da dissolução do Congresso e do estado de sitio. Eis o que diz aquella folha: *O Sr. presidente da republica e o Congresso.*

Segundo nos informam, o *Diario Official* deve publicar hoje uma proclamação que o Sr. presidente da Republica dirige á Nação expondo largamente os motivos que o levam a decretar a dissolução do actual Congresso.

(46) Ministro plenipotenciario da Belgica.

N'essa proclamação o Sr. presidente da Republica annuncia que brevemente convidará o paiz a eleger os seus novos representantes.

Sabemos que foram tomadas as providencias para que a ordem publica não seja alterada”.

* * *

“O Sr. generalissimo presidente da Republica teve hontem uma longa conferencia com o Sr. ajudante-general e os commandantes dos corpos d'esta guarnição”.

Que gravidade de cousas! A que ponto estamos chegados! Qual o futuro deste desgraçado paiz? Para onde vamos, Santo Deus?

- 6) Manifesto do Deodoro. Que dias crueis, que periodo pungente da historia brasileira! Mesma disposição de espirito, vendo tudo bem tenebroso e crue! em futuro não remoto. É preciso ter muita calma, muita elevação de espirito para não succumbir. Á noute, fui conversar um pouco com o Dr. A. Tiburcio Figueira no hotel Bragança; depois com o corretor Alfredo Smith de Vasconcellos, que achei animado.

- 8) Com toda a instancia convidei Mamãe e a familia para virem passar os 3 dias 15, 16, 17, aqui em Petropolis conosco. Completo silencio de todos os jornaes. Mas tambem que fazer? Eis o que pergunto a mim mesmo mil vezes. Que fazer? Que fazer?
- 10) Escrevi ao Remedios Monteiro (47). Fui ver o ministro Gerard (48), encontrando em caminho o engenheiro Sawyer que me disse haver arreventado no Rio Grande do Sul uma revolução de caracter separatista. Sahi do Bingen ás 4½ hs. da tarde. O Alfredo Smith trouxe-me cartas de Versalhes e do Azevedo Castro. Aquellas me dizem que as forças do Imperador vão diminuindo de modo continuo e bem sensivel. Terá ainda tempo de assistir á destruição da sua grande e bella obra, esse Brasil que elle tanto estremeceu e ao qual consagrou tantos annos do mais persistente e desinteressado labôr? Estamos chegando aos mais penosos e terriveis dias de existencia desta pobre terra!

(47) Dr. Joaquim dos Remedios Monteiro, publicista geouse amigo do A.

(48) Augusto Gérard, illustre diplomata francez, que acabou embaixador no Japão, então ministro plenipotenciario no Rio.

- 12) Todos estes dias, considero-os de verdadeiro nôjo pela dignidade do meu Brasil que tanto estremeço e de que tive outr'ora tanto, tanto orgulho! A que estado reduzido, debaixo da mais ferrenha dictadura, perdiças as immensas regalias que adquirira com tamanho custo!

E quanto dolorosas as noticias que do grande Martyr me dá o Motta Maia, as forças viciaes gradualmente cada vez menores. O poder de soffrer do Imperador ha de ainda exercitar-se a pensar neste infeliz Brasil e nos seus destinos!

Mas tambem que vingança, bem contra a sua magnanima vontade, tem elle tirado. Em menos de dous annos, este paiz retrogradou de um seculo e collocou-se na mesquinha posição da patria do desgraçado Tiradentes, no tempo em que elle vivia e cogitava de liberdade!

Quanto foi justo o paralelo que fiz entre os Inconfidentes e os Girondinos, estes guilhotinados em massa, ao passo que a *ferrenha* monarchia de Portugal commutava a pena ultima a todos, menos um, este por ser militar e ter excitado os seus soldados, isto é, os mantenedores da ordem e da fidelidade á revolta...

Jantei em casa do Paulze d'Ivoy (49). Lá estava também o ministro Gérard. Corre o boato que o J. de Castilhos foi fuzilado no Rio Grande do Sul. É naturalmente infundada a noticia; mas, o que não ha duvida, é que o movimento naquelle Estado tomou proporções sérias. O Pelotas (general Camara), já em Santos, teve ordem de voltar ao Rio de Janeiro, o que logo fez.

- 13) Fomos á missa por ser hoje anniversario natalicio do Sr. Teixeira (Barão de Vassouras). Faria hoje 87 annos. Quanto é feliz de ter morrido ha 7 annos, livre de presenciar a serie de males de toda a sorte que desabou sobre este pobre Brasil! (50) Dei ao conde de Condernhove addido da legação austriaca, que me veio visitar, um exemplar da *Cidade de Matto Grosso*. Á noute esplendido luar, a imprimir ainda mais melancolia aos tristes pensamentos.
- 14) Por carta de Mana, trazida pelo Larue, tive certeza de que Mamãe não virá passar os tres dias proximos aqui em Petropolis. Serão, entretanto, bem, bem penosos, isto não ha duvida!

(49) Secretario da legação franceza

(50) Francisco José Teixeira Leite, barão de Vassouras, sogro do A.

- 15) Como todos os factos se encadeam de modo cerrado e fatal! Como a sanção penal está ligada ao abuso, ao erro e ao crime!... Comprei na livrariasinha do Cãmeron tres livros de Camillo Castello Branco. *A filha do doutor negro, O santo da montanha e Lagrimas abençoadas.*
- 17) Acabei de ler o *Santo da Montanha*, que achei superior á *Filha do Dr. Negro*, ambos em excellente portuguez com locuções elegantes e de optimo cunho vernáculo, de que devo tomar nota.
- 18) Escrevi ao Rebouças (N.º LXXXVIII) ao Motta Maia, remettendo tudo com a carta ao Azevedo a Libanio Pedro dos Santos, por meio do Gérard, para mais segurança. Tambem ao Dr. Teixeira de Mello sobre a discriminação dos livros da Bibliotheca Imperial.

Enviei jornaes a Guilherme Michaud, de Superaguy. Fui visitar o ministro argentino; não o encontrei, por ter ido ao Rio, e estive conversando com a Senhora.

Na volta estive com o engenheiro Sawyer, que me disse ter lido o Protesto dos Congressistas, não trazendo, contudo, assignatura alguma, o que lhe tira todo o valor

Estive depois com o Drummond (51) e o João Baptista da Fonseca (52). A' noute, com o Tiburcio Figueira que me communicou os boatos do Rio, a ida do 24.º batalhão para S. Paulo e outros, uns assentes em possivel verdade, outros extravagantes e sem base.

19) A' noute no hotel Bragança, onde estive novamente com o Drummond e o Tiburcio Figueira. Este soube pelo Coelho Bastos (53) que os innumerous boatos que circulam eram insubsistentes. Fallasse, porem, com insistencia na sublevação de batalhões.

20) Fui de manhã á estação para ter os jornaes mais depressa. O Rocha Osorio (54) teve ordem de se apresentar quanto antes no Rio de Janeiro, sob pena de passar por desertor. O Pelotas só poderá desembarcar em Montevidéo!... Que bellissimas lições! Comprei ao Cameron *Estrellas funestas e Scenas da Fóz* de Camillo Castello Bran-

(51) Barão de Drummond (João B. Vianna Drummond).

(52) Conselheiro João Baptista da Fonseca.

(53) Desembargador A. Coelho Bastos, chefe de policia do Ministerio Cetegepe.

(54) General Manuel Luiz da Rocha Osorio, companheiro de armas e amigo do A.

co e troquei *Lagrimas abençoadas* pela *Bruxa de Monte Cordova*. Continuam as folhas açaimadas, sem poderem dar a minima noticia do que se está passando no Rio de Janeiro e em outros pontos do Brasil. O governador Portella mandou exigir salvo-conducto de todos quantos transitam pela estrada de ferro do Grão Pará.

Levei cartas ao correio e depois fui ao hotel Bragança, onde não encontrei ninguem com quem conversar, lendo então os jornaes. Conversei com os irmãos Quartim a respeito do estado de cousas.

21) Desci enfim ao Rio. Nada de anormal em toda a viagem.

O ministro argentino, que voltou com a senhora, mostrou-me a *Nacion* de Buenos Ayres, folha de Mitre.

Dando noticias da revolução do Rio Grande do Sul, diz expressivamente aquella folha: "Fôra de desejar que o Brasil voltasse a ser monarchia!" Ah! assim consentissem os destinos propicios!

Das tres cartas do Rebouças uma era do Imperador, outra destinada ao Nabuco. Como são tocantes as linhas que me dirige o Grande Martyr! Morrerá Elle, sem tornar a ver o querido

Brasil? Deus não se apiedará do malaventurado Monarcha?

22) Que terriveis dias! Esteve o Aragão (55) conosco e contou-nos que, na *grève* dos operarios da E. F. Central haviam sido arrancados os trilhos desde o Rio até Cascadura. Falla-se tambem em graves conflictos. Mandei pelo correio carta ao Teixeira de Mello, communicando a este que escrevera ao Ladislau Netto para apressar a ida dos objectos das collecções do Imperador ao seu destino.

23) Dia de grandes novidades. Às 12 hs. mais ou menos bateram-me á porta o Feijó e o Dr. Tiburcio Figueira, avisando-me que iam de carro ao Alto da Serra, pois a esquadra estava bombardeando o Rio de Janeiro, exigindo a deposição do Deodoro.

Fiquei em extremo afflicto lembrando-me logo de Mamãe. Corri ao telegrapho e passei ao Luiz Doria o seguinte telegramma: "*Novidade? Muito inquieto.*"

Ao sahir do telegrapho encontrei o ministro Gérard e o Paulze d'Ivoy, que fôra já á minha casa mostrar-me o telegramma do du Chaylard

(55) Dr. Francisco Pires de C. Aragão, primo affim do A.

que dizia: “Deodoro deposto; cidade em paz; Congresso *rappelé*”. Esta noticia circulou pelos grupos. Às 3 horas chegou um trem do Rio, tomado por gente *apressada* que alugou esse expresso.

O Damião nos contou detalhes; na Candelaria haviam cahido duas granadas; a marinha, por meio do Wandenkolk, fôra levar a intimação ao Deodoro, entregando este logo o poder ao Floriano Peixoto, vice-presidente.

Disse-me o Alfredo Smith que ouviu muitos vivas á monarchia e que o Saldanha da Gama estava ainda em Villegaignon.

Contam que alta noute se déra tiroteio na esquadra, sendo até o *Riachuelo* tomado de assalto. O que parece certo e indubitavel é que o Deodoro não é mais chefe da nação. Deve elle agora estar fazendo bem amargas considerações, lembrando-se das palavras que proferira no fatal 15 de Novembro de 1889, ha dous annos e vinte dias!

Voltando ás 4 hs. da tarde á casa, encontrei resposta do Doria — “Nenhuma; todos bem.” Esperamos o trem das 4 horas. Indo em busca de noticias ás 5 horas, soube que o *Diario do Comercio* e *Novidades* haviam sido assaltados pelo povo, que empastelou os typos.

Corria que o exercito estava descontente com a solução havida. Muitos boatos sobre organização de ministerio, fallando-se em Figueiredo, Amaro Cavalcanti, José Simeão e até Nilo Peçanha.

Encontrei Mr. e Mme. Paulze d'Ivoy e o Gérard, que me levou á casa daquelles para que eu lesse o Manifesto de desistencia do Deodoro.

- 24) O *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Noticias* livres da pressão em que haviam sido mantidos appareceram bem interessantes e noticiosos. O artigo de fundo d'aquella folha diz boas verdades ao Deodoro e sobretudo ao Lucena "politico teimoso, de vistas curtas, o mais fatal de quantos ministros tem tido o Brasil" "homem pernicioso cujas azas negras se estenderam por sobre todo o Brasil" e outras merecidas durezas.

Escrevi ao Rebouças (N.º XC) e ao Alfredo de Paiva. Á noute estive com o Gérard, que nos contou pormenores da revolução de hontem, dirigida pelo Custodio José de Mello.

- 25) Desci ao Rio, que não achei ainda tranquillo, agitado por um semi numero de boatos, revolta dos marinheiros, tentativas de assalto ao *Jornal do Commercio* e muitos outros. Todos bons na rua

Larga. Levei ao Carregal a carta ao Rebouças e Imperador.

Fui para a barca, onde se cruzavam os boatos, fallando-me varios na revolta e cerco do Saldanha da Gama e imperiaes marinheiros na ilha de Villegaignon. No Banco do Brasil mostrou-me o Dantas a prova impressa dos favores concedidos pelo governo deposto ao... Um pavoroso escandalol... A *Gazeta de Noticias* trouxe o *interview* do reporter do *Figaro* com o Imperador.

MEZ DE DEZEMBRO

- 5) *Telegrammas de Paris datados de hontem dão o Imperador muito fraco. Às 3½ horas o Angelo trouxe-nos a fatal noticia. "O Imperador morreu". Puzemo-nos, eu e Christina, a chorar.*

Quanto é dura e cruel essa morte no exilio, tão longe da terra que elle tanto amou! Também como que por delicada homenagem da sorte, soltou o ultimo suspiro em Paris, a capital da civilização, a cidade Mãe, o centro do orbe pensante que podia bem avaliar, e comprehender quanto valia aquelle hospede excepcional, aquelle monarcha digno, já não de outro povo, mas de outras épocas de seculo diverso!

Ah! Brasil, Brasil! que te reserva a justiça inflexível por essa morte tão dura, por essa agonia de dous annos tão dolorosos, tão longos?

Nem um só momento se desviou o pensamento daquelle homem, divinizado pela mais sublime angustia, desta terra que elle tanto serviu, tanto estremeceu, tanto nobilitou e engrandeceu na ordem moral e material!

Que dôr cogitar que tanta dedicação, tamanho desprendimento, tão intenso patriotismo teve só como paga e recompensa o esquecimento e ingratição!

Elle que em cada brasileiro via não um subdito, não um compatriota simplesmente, porem sim um amigo, um filho!

Elle que tamanha confiança depositava no seu povo, de que era não um chefe, mas o mais simples, o mais solícito, modesto e terno pastor!

Imaginar o mundo de idéas sombrias, acabrunhadoras que nos derradeiros instantes de vida conturbaram aquelle immenso coração... contrapôr o mais puro, o mais nobre, avassalador e possante amor á pungente realidade, o abandono, a solidão, o exilio... ah! como tudo isso é oppressor e barbaro!...

Bem certo, ao desprender-se do corpo já tão fraco e debil, salteado de tão pesadas enfermidades, aquella Alma, no seu ultimo adeus á terra, não se esqueceu do Brasil. . . bem certo!

Derradeira preocupação terrena, saudação á Patria, tão grande na esphera do mundo, como elle foi grande, inexcedivel na orbita moral. Fica o seu nome, gloria eterna para este paiz, que pagará ainda bem caro não ter sabido zelar essa gloria em vida e o thesouro que possuia.

E o castigo já começa, pois a herança de Pedro II não pertence ao Brasil, mas á Humanidade.

Só esta é que está no caso de venerar devidamente o vulto, cujos despojos foram entregues ao solo do exilio, mas cujo nome refulge para todos os povos como um symbolo de inexcediveis virtudes, a honrar a creatura e o Creador, o homem e Deus Omnipotente.

Falleceu o grande Imperador com 66 annos e 3 dias, tendo nascido a 2 de Dezembro de 1825. Supportou 750 dias do mais penoso exilio.

Segundo me contou á noute o Paulze d'Ivoy, exhalou o ultimo suspiro á meia noute, cercado de sua filha a Princeza Imperial, do Conde d'Eu e de quinze brasileiros. Ao ouvir este detalhe. pro-

rompi em soluços que me obrigaram a sair precipitadamente.

A' porta encontrei o Sabino Lopes, que vinha de casa, tendo dado a fatal nova a Christina.

Descansou afinal o magnanimo Principe, de cuja paciencia e grandeza d'alma tanto e por tanto tempo abusaram neste mundo!

O *Jornal do Commercio* afixou a noticia ás 8½ horas da manhã e de todos os lados se produziram as mais espontaneas e completas manifestações de sincero e profundo pezar, cerrando as portas todo o commercio, arvoradas bandeiras a meio pau, demonstrações tão geraes que o ministerio reunido no palacio Itamaraty se sentiu abalado.

- 6) *Domingo* — Noute agitada, sobresaltos e dôr de cabeça. Fui levar telegramma á Princeza e fiquei revoltado do indifferentismo de todos daqui.

É a Bolsa a preocupação do dia. A desappareição de D. Pedro II, quando muito veni em segundo lugar e isto no canto do Brasil que elle mais beneficiou. Passei o seguinte telegramma: — Princeza Imperial D. Isabel — Paris — Nossas lagrimas todas — Taunay.

- 7) Em primeiro lugar no *Jornal do Commercio* e tardado de preto o seguinte: *D. Pedro II.*

“Morreu o Imperador!

Morreu no exilio, longe, muito longe da terra que elle tanto serviu e estremeceu, e em cujo seio ardentemente suspirava vir cerrar os olhos, dado o ultimo adeus á grandiosa natureza brasileira.

Exhalou o derradeiro alento em Pariz, para onde a sorte, como que por commovedora homenagem, lhe guiou os passos. Pariz, a capital do mundo civilizado, a cidade Mãe, o centro do orbe pensante, Pariz que podia bem aquilatar e comprehender quanto va'ia aquelle hospede excepcional, aquelle soberano digno, não já de outro povo, mas de outras épocas, de seculo diverso.

Tambem as sciencias, as letras, as artes, na sua mais pura e elevada expressão, rodearam o ataúde do inclyto desthronado e o cobriram de flôres, de palmas e de louros! . . .

Ah! Brasil, Brasil, quanta sabedoria, quanta experiencia accumulada, que profundo conhecimento dos homens e das cousas dispensaste na tua criminosa indiferença e desdenhosa e levianamente atiraste á margem!

Que destinos te reservam a justiça dos factos e a inflexibilidade da logica por tamanha inconsideração e tão estupendo menoscabo?

Entenebrecidos já os teus horizontes, outr'ora tão largos, limpidos e risonhos, que expiação terás de soffrer por essa durissima morte, por essa lenta agonia de dous annos longos, longos, intermináveis?

Nem um só instante, o pensamento daquelle homem, divinizado pelas mais sublimes angustias, se desviou desta patria, que na ordem moral e material elle, acima de todos e mais que ninguem, tanto nobilitou e engrandeceu.

Nos intervallos da santa meditação e do amado estudo, as pandas azas em que a sua alma se alava a regiões de intangível serenidade, que dôr funda e intima poder crêr que toda dedicação da sua longa existencia dia por dia, o seu despreendimento sem igual, o seu patriotismo inexcedível tinham por unica recompensa o esquecimento e a ingratição! . . . Elle, que em cada brasileiro via, não um subdito ou um simples concidadão, mas um amigo, um filho! Elle, que tamanha fé depositava no seu povo, de que era, não um chefe no pinaculo das grandezas, não um potentado a gozar o poder

e as glórias terrenas, porém sim o mais singelo, o mais solícito e terno pastor e guia!

Imaginar o mundo de idéas sombrias, repassadas de cruel desalento que nos ultimos dias de vida, em apertado quarto de hotel, lhe tumultuaram na mente sem conturbarem aquelle coração todo bondade, todo meiguice e perdão... contrapôr o mais nobre e ardente amor patrio á pungente realidade — o abandono, a solidão, o estigma do exilio — ah! como tudo isto é barbaro, iniquo e oppressor!...

A herança de D. Pedro II não pertence ao Brasil; pertence á Humanidade. A ella é que cabe venerar devidamente o vulto, cujo nome refulge para todos os povos como um symbolo de virtudes quasi sobrehumanas, a honrar a creatura e o Creador, o homem pequeno e fraco e Deus Immenso e Omnipotente". — (a) *Visconde de Taunay*.

Escrevi á Princeza, ao Conde d'Eu, D. Pedro, Condes de Aljesur e Motta Maia, remettendo tudo ao L. P. dos Santos 132 — rue faubourg St. Denis.

- 17) Por carta convidei o ministro francez A. Gérard para vir jantar connosco. Era concebida nos seguintes termos - Monsieur le Ministre, Pourriez-vous nous faire le plaisir de venir diner avec nous

en famille, samedi, à 7 heures du soir? — J'ai trouvé Rio bien troublé, nous tous de la commission sous l'oeil des jacobins qui ne parlent que de rigueurs exceptionnelles envers les chefs du *sébastianisme*. Tout çà marche vers des choses desastreuses, il n'y a plus de doute possible. Pour le moment, tâchons, au moins, de dîner tranquillement le samedi. N'est-ce pas? — Votre dévoué V. de Taunay.

- 18) Fechei uma *Retraite de Laguna* para o grande Tolstoi (Jasnaia Poliana, estação de Toula, Moscow) e escrevi uma carta ao sympathico Saltarel de que não tenho noticia alguma, ha muito tempo *Yokohama* (Japão) Consulado francez.

No numero do *Brasil* de hoje o Carlos de Laet despede-se dos seus leitores, n'um bello artigo em que aconselha a dissolução da commissão de exequias.

- 22) Exequias do Imperador na Matriz, muito sollemnes. Começaram ás 11 hs., uma hora depois de annunciadas, mas foram muito sollemnes, orando com grande eloquencia o padre Castello Branco que nos fez chorar a todos. Bella e animada peroração. Apareceu na *Gazeta de Noticias* em artigo de redacção e no *Jornal do Commercio* a se-

guinte declaração da commissão de exequias redigida pelo Nabuco: *O Sr. D. Pedro II.*

Reuniu-se hontem a maioria dos membros da commissão encarregada de promover solenne demonstração de pezar publico pelo passamento do Snr. D. Pedro II. Tendo em vista o movimento da reacção causado pelas interpretações dadas a algumas das homenagens prestadas ao grande morto, tanto dentro como fóra do paiz, a commissão lastima ser forçada a abandonar a idéa de fazer celebrar as annunciadas exequias no trigesimo dia.

Assim procedendo ella conforma-se exclusivamente á profunda veneração que lhe inspira o nome do Sr. D. Pedro II. A historia, recolhendo de nossa imprensa os numerosos episodios que reflectem o estado actual dos espiritos, dirá que não é este o momento de entregar a paixões fanaticas, indefesa em seus crepes funebres, a impassivel effigie do soberano que tão admiravelmente symbolisa a liberdade e a tolerancia.

Quanto ao testemunho destinado a perpetuar a gratidão dos Brasileiros, a commissão continuará a receber donativos, mas sómente no futuro resolverá a fórma que elle deva assumir. Hoje não

seria infelizmente possível elevar semelhante monumento dentro do nosso territorio, e é muito cedo para os Brasileiros se resignarem a levanta-lo em terra estrangeira. — Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1891.

Escrevi ao bom do Lago (56) e ao Rebouças (N.º XCVI), ao Teixeira de Mello sobre os livros do Imperador.

O grande erro da Republica tem sido a organização de um estado de cousas, em que não é possível adhesão sem rebaixamento de character. Fôra bem cruel a Restauração com a volta de todos os erros accumulados do antigo regimen. Que falta enorme nos faz o Imperador! Elle, velho, exaustto, anniquilado. . .

Li *Le Neveu de Rameau* do grande Diderot e francamente não achei o livrinho á altura da grande reputação que tem, muito embora a *verve* de algumas paginas. As que tratam de musica são obscuras e atrasadas.

Continuo no meu retrahimento de Petropolis nesta época de terror ainda que branco. Pode, porém, com pouco, tornar-se rubro e sanguinolento.

(56) Coronel Antonio Florencio Pereira do Lago; dedicadissimo amigo do A.

Que fazer hoje? Que rumo tomar? Que direcção seguir? Eis a grande duvida. O meu enthusiasmo pela restauração enterrou-se com o Imperador.

- 30) Na estação, o Smith me annunciou que se fallava n'um movimento de tropa com o fim de depôr o Floriano, estando unidos o Wandenkolk, Almeida Barreto e Custodio. Não sei o que possa haver de real nisso. O Gérard tambem me confirmou que havia qualquer agitação. O Sant'Anna Nery chamou-me, contra a minha expectação pois *il me battait froid*, e communicou-me que hoje sahiria em todos os jornaes o *Manifesto* da Princeza, o que provocaria manifestações do *Club Tiradentes*.

Chegaram os jornaes, e nada do *Manifesto* annunciado pelo Sant'Anna Nery. Naturalmente houve intervenção da policia.

- 31) Ultimo dia deste bem triste anno, que fecha com disturbios no Rio de Janeiro e por toda a parte. A Empresa Geral de Estradas de Ferro ameaçada de ruina total. Reunião tumultuosa, em que foi regeitado o alvitre da commissão Frontin e Honorio Coutinho. Por todos os lados descabros e motivos de fundo desalento. Não sei o que vai ser deste pobre Brasil!

**Cartas do Visconde de
Taunay a D. Pedro II**

I

Senhor,

Tomo a liberdade de me dirigir pessoalmente a Vossa Magestade Imperial, mas sou levado da obrigação de dar conta das incumbencias e ordens que recebi na vespera de minha partida.

No dia seguinte ao de minha chegada a esta monumental cidade o do cadente mez, procurei logo Sua Alteza Imperial a quem tive a honra de beijar as augustas Mãos, entregando-lhe as cartas de Sua Magestade a Imperatriz bem como as destinadas a S. S. A. A. as Princezas de Joinville e de Aquila por não se acharem actualmente em Paris.

Fui ter com o Snr. Ferdinand Denis que me acolheu com a maior distincção e prometteu-me, dar breve execução aos desejos de Vossa Magestade Imperial relativamente ás obras de Affonso de Saintonge e Dujarric. Não encontrei o Snr. general Morin, deixando-lhe a carta com um cartão de visita meu.

O Snr. Visconde de Nioac tem sido incansavel em obsequiar-me, a mim e a minha mulher. É na verdade distinctissimo cavalheiro, digno da estima de um soberano.

Por toda a parte, encontro aqui, do modo mais vivaz, e lisongeiro, a recordação de Vossa Magestade Imperial. Nesta cidade immensa, em que as impressões são necessariamente passageiras e fugazes, ficou, para honra de nossa Patria, bem gravada a lembrança do Monarcha Brasileiro. Devo, num destes proximos dias, ir visitar Victor Hugo, sendo apresentado por um enthuasiasta de V. Magestade Imperial e do grande poeta republicano.

O meu primo Victor, que muito nos tem procurado, mostra-se profundamente reconhecido ás provas de consideração que recebeu de Vossa Magestade.

Depositando aos pés de Sua Magestade a Imperatriz os meus protestos de respeito e admiração, bem como os de minha mulher, beijo a dextra de Vossa Magestade Imperial de quem sou

Muito dedicado e leal subdito

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Paris, 30 de Junho de 1878 (57).

-
- (57) Graças á minha cordialidade de S. Alteza o Principe D. Pedro de Orléans Bragança vieram os originaes destas cartas, outr'ora no Archivo dos Imperadores, no castello d'Eu, a ser propriedade minha. Já de algumas possuía copia, devido á extrema gentileza do bom amigo Alberto Rangel. Publico-as para documentar uma das faces das relações do Monarcha com meu Pae. Incumbiu-o D. Pedro II de visitar amigos e conhecidos seus em diversas cidades da Europa. Conservo em meu poder essa extensa lista de personalidades eminentes a quem meu Pae fôra incumbido de procurar, lista autographa do Imperador (A. de E. T.).

Senhor,

Como meu pae não póde actualmente servir-me de intermediario junto a Vossa Magestade Imperial, vejo-me levado a dar directamente conta das honrosas incumbencias que trouxe do Paço de São Christovão, por occasião da minha partida do Rio de Janeiro.

Em Milão estive, todo o tempo que lá fiquei, com o maestro Carlos Gomes, cuja gratidão ao seu illustre Protector é profunda e repassada de veneração. A opera Maria Tudor está prompta e deve ser uma das edições de maior luxo que até agora tenha dado o estabelecimento Ricordi. Os ensaios no Scala começarão em Fevereiro proximo. Muita confiança depositam os amigos e admiradores do compositor brasileiro nessa produção de folego, como me disseram os professores Celega e Cialdo Cialdini.

Em Napoles dei exacto cumprimento ás ordens recebidas, indo ver os Snrs. de San Donato, de Gasparis, que não encontrei, Fergola, Albinì, Tomasi, de Lucca, Lauro Rossi, barão Pesati e a duquesa F. Ravaschiera Fieshi, senhora da mais elevada distincção. O esculptor Tito Angelini é já fallecido.

Todos quontos visitei mostraram-se profundamente commovidos e surprezos de terem tão larga parte na memoria de Vossa Magestade e por cartas, que terei a honra de depôr em Vossas Augustas Mãos, agradccem tão especial prova de consideração.

Hoje aliás é grato ao brasileiro viajar pela Europa. O conceito e admiração que no velho continente merece a Pessoa de Vossa Magestade Imperial é facto que sobremaneira deve lisongear o nosso sentimento nacional.

Aqui em Roma darei tambem fiel execução ás recommendações de Vossa Magestade Imperial de Quem me assigno

Muito respeitoso e humilde subdito

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Roma, 27 de Novembro de 1878.

Senhor,

Tenho a honra de levar ao conhecimento de Vossa Magestade que conforme as indicações que commigo trouxe do Paço de São Christovão visitei em Roma os Srs. Valporelli, Blaserna, Cannizzaro, Mariani, de Sanctis, Monteverde, Bernardelli, de Plassy, d'Épinay, Conde de Gobineau, Senadores Fiorelli e Risa, Leuerpeven (?) Geoffroy e Conselheiro Mathias de Carvalho.

Quanto ao dramaturgo Cossa não me foi possível encontra-lo, tendo-o procurado debalde nos lugares que me indicaram. Escrevi-lhe, porém, uma carta, tornando-o sabedor da lisongeira attenção que mereceu de Vossa Magestade Imperial. O professor Scacchi achava-se em Napoles quando eu o procurava em Roma.

Igual desencontre deu se em Florença em relação aos Srs. ex-syndico Ubaldino Peruzzi e

Professor Amasi. Nesta cidade de Florença pude ver os Snrs. Guasti, Campani, Conti, Gherardi, Giglioli, Macchi, Ecker, de Gubernatis, Lasinio, Maffei, Dupré e sua filha a Sra. Princesa Doca d'Istria.

Apezar de toda a minha diligencia e recorrer ao Correio, não me foi dado saber onde moravam as Snras. Princesa Labenoff e Viscondessa de Santo Amaro. Tomei a resolução de lhes escrever uma carta, explicando a minha involuntaria falta.

O poeta Aliardi é morto ha cerca de trez mezes.

De todas as pessoas com quem me avistei leveo cartas e livros para Vossa Magestade Imperial em cujas augustas mãos conto em breve deposlos por isso que pretendo partir para o Brasil no vapor Gironde, que sahe de Bordeaux, no dia 20 deste mez.

*Com o mais profundo respeito, assigno-me
De Vossa Magestade Imperial*

*Muito humilde e dedicado subdito
ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY*

Paris, 8 de dezembro de 1878.

IV

Imperial Senhor!

A Vossa Magestade já eu disse tudo quanto sentia e pensava naquellas simples palavras do meu telegramma de 3 de Janeiro corrente. Quanta dôr, Imperial Senhor! Quanta!

A resposta que mereci, muito me penhorou e me sensibilizou em seu laconismo, ligando-me á memoria do meu bom pae, que neste mundo tanto estremeceu a Augusta Pessoa de Vossa Magestade.

Crueis tempos estamos atravessando, crueis, sobretudo por vermos soffrer o Justo e Aquelle que sempre trilhou o caminho recto da honra e do patriotismo.

Minha familia toda vae bem, no sentido material da expressão, acabrunhada, porém, ao peso

da tristeza pelo fallecimento da Virtuosissima e inolvidavel Imperatriz.

Respeitosamente beijo a mão de Vossa Magestade, como o mais saudoso dos Seus admiradores e subditos.

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Rio de Janeiro, 8 de Janeiro de 1890.

V

A Sua Alteza Imperial a Senhora D. Isabel,

Minha Excelsa Senhora.

O telegramma que tive a honra de passar a Vossa Alteza no infausto dia 5 do corrente mez exprime bem tudo quanto senti e commigo toda a minha familia, Mãe, mulher e filhos, irmã e toda a sua gente. "Nossas lagrimas todas". E, com effeito, nada mais temos feito senão chorar chorar! Que perda immensa! Mas tambem que homenagens excepcionaes, nunca vistas! O mundo civilizado inteiro ao redor de um ataúde! Quanto fica distanciada o Brasil, quanto castigado da sua indifferença, da não comprehensão do inestimavel thesouro que possuia! E pensar nisto mais augmenta a minha dôr, vendo a patria

tão deprimida ante os maiores e mais elevados sentimentos, de que se tornou glorioso centro o admiravel Pariz!

Emfim, curvem-se todos á Vontade de Deus, grandes como vós, Senhora, e pequenos como este vosso humilde subdito, que se assigna com o mais profundo acatamento

VISCONDE DE TAUNAY

Petropolis, 8 de Dezembro de 1891.

**Fé de Officio de Imperador
do Brasil**

Creio em Deus.

Fez-me a reflexão sempre conciliar as suas qualidades infinitas: Providencia, Omnisciencia e Misericordia.

Possuo o sentimento religioso: innato ao homem, é despertado pela contemplação da Natureza.

Sempre tive fé e acreditei nos dogmas.

O que sei, devo-o, sobretudo, á pertinácia.

Reconheço que sou muito somenos no que é relativo aos dotes da imaginação, que posso bem apreciar nos outros.

Muito me preocuparam as leis sociaes; e não sou o mais competente para dizer a parte que de continuo tomei em seu estudo e applicação.

Sobremaneira me interessei pelas questões economicas, estudando com todo o cuidado as patt-

tas das alfandegas no sentido de proteger as indústrias naturaes até o periodo do seu prospero desenvolvimento.

Invariavelmente propendi para a instrução livre, havendo sómente inspecção do Estado quanto á moral e á hygiene, devendo pertencer a parte religiosa ás familias e aos ministros das diversas religiões.

Pensei tambem no estabelecimento de duas Universidades, uma no Norte e outra no Sul, com as faculdades e institutos necessarios e portanto apropriados ás diferentes regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio do concurso.

Igreja livre no Estado livre; mas isso quando a instrução do povo pudesse aproveitar de taes instituições.

Estudei com cuidado o que era relativo á moeda corrente e se prendia á questão dos bancos. Quanto á legislação sobre privilegios, oppuz-me aos que se ligam á propriedade literaria, sustentando assim as opiniões de Alexandre Herkulano, antes que elle as tivesse manifestado.

Cautelosa e insistentemente estudei questões de immigração sobre a base da propriedade e o aproveitamento das terras, explorações para o co-

nhecimento das riquezas naturaes, navegação de rios e differentes vias de communicação.

Pensava na installação de um observatorio astronomico, moldado nos mais modernos estabelecimentos desse genero. Segundo as minhas previsões e estudos, poderia ser superior ao de Nice.

Cogitei sempre em todos os melhoramentos para o exercito e a marinha, afim de que estivessemos preparados para qualquer eventualidade, embora contrario ás guerras. Buscava assim evita-las.

Preoccuparam-me seriamente os estudos de hygiene publica e particular, de modo a nos livrar das epidemias: e isso sem grande vexame para as populações.

Acompanhava-me sempre a idéa de ver o Brasil que me é tão caro, o meu Brasil, sem ignorancia, sem falsa religião, sem vicios e sem distancias.

Para mim, o homem devia ser regenerado e não supprimido; e por isso, muito estudava a penalidade, tomando grande parte no que se fez relativamente a prisões e pesando todas as questões modernas, que tendiam a seu melhoramento.

Procurei abolir a pena capital, tendo-se encarregado o Visconde de Ouro-Preto de apresentar ás Camaras um projecto para a abolição legal da mesma pena.

Pacientemente compulsava todos os processos para a commutação da pena ultima: quando não encontrava base para isso, guardava-os, sendo a incerteza já uma pena gravissima para os réos.

Muito me esforcei pela liberdade das eleições e, como medida provisoria, pugnei pela representação obrigada do terço, preferindo a representação uninominal de circulos bem divididos; pois o systema, ainda por ora impraticavel, deve ser o da maioria de todos os votantes de uma-nação.

Conselho de Estado, organizado o mais possivel como o da França, reformando-se a Constituição, para que pudesse haver direito administrativo contencioso.

Provimto de 1.º lugar da magistratura por concurso perante tribunal judiciario para formar lista dos mais habilitados, onde o governo pudesse escolher; concurso tambem para os lugares de administração; categorias de presidencias para que se preparassem os que deviam regê-las, conforme a importancia de cada uma.

Trabalhei muito para que só votasse quem soubesse lêr e escrever, o que suppõe riqueza moral e intellectual, isto é, a melhor.

Sempre procurei não sacrificar a administração á politica.

Cogitava da construcção de palacios para os ramos legislativo e judiciario e para a administração, para bibliotheca e exposições de diferentes especies, para conferencias publicas.

Nunca me descuidei da sorte physica do povo, sobretudo em relação a habitações salubres e a preço commodo e á sua alimentação. Nunca deixei de estudar um só projecto, discutindo com os seus autores e procurando esclarecer-me.

O meu dia era todo occupado no serviço publico, e jamais deixei de ouvir e fallar a quem quer que fosse.

Lia todas as folhas e jornaes da capital e alguns das provincias para tudo conhecer por mim quanto possivel, mandava fazer e fazia extractos nos das provincias dos factos mais importantes que se ligavam á administração, com a idéa constante de justiça a todos.

Assistia a todos os actos publicos para poder ver e julgar por mim mesmo.

Em extremo gostei do theatro dramatico e lyrico, cogitando sem cessar da idéa de um theatro nacional.

Nunca me esqueci da Academia de Bellas Artes, pintura, esculptura, desenho e gravura, e fiz o que pude pelo Lycêo de Artes e Officios.

Desejava estabelecer maior numero de dioceses, conforme comportasse o territorio, assim como differentes seminarios.

Sempre me interessei pelas expedições scientificas, desde a do Ceará, que publicou trabalhos interessantes, lembrando-me agora da de Agassiz e de algumas que illustraram nossos patricios no continente europêo.

Presidia ultimamente a commissão encarregada do Codigo Civil e esperava que, em pouco tempo, apresentasse ella trabalho digno do Brasil.

Pensava na organisação de um instituto scientifico e litterario, como o da França, utilizando para isso alguns estabelecimentos de instrucção superior que já possuíamos; e para isso encarreguei o Dr. Silva Costa e outros de formarem projecto de estatutos.

Sempre procurei animar palestras, sessões, conferencias scientificas e litterarias, interessando-me muito pelo desenvolvimento do Musêu Nacional. O que ahi fez o Dr. Couty tornou esse estabelecimento conhecido na Europa; muitos dos trabalhos do Musêu são hoje citados e applaudidos.

Preoccuparam-me as escolas praticas de agricultura e zootechnia.

Dei toda a attenção ás vias de comunicação de todas as especies no Brasil, tendo feito, além de outros, estudo especial dos trabalhos do celebre engenheiro Hawkshaw relativos aos melhoramentos da barra do Rio Grande do Sul. Do mesmo modo, tudo quanto se referia a estabelecer a circulação do Brasil por agua desde o Amazonas até ao Prata e dahi ao São Francisco, da fóz para o interior, ligando-se por estradas de ferro a região dos Andes ás bacias do Prata e Amazonas.

Oxalá pudesse a navegação por balões aerostaticos tudo dispensar e, elevando-se bem alto assim como a submarina aprofundando-se bastante, nos livrassem ambas das tempestades.

São, porém, devaneios . . .

Nas preocupações scientificas e no constante estudo é que acho consolo e me preservo das tempestades moraes...

D. PEDRO DE ALCANTARA.

Cannes, 23 de Abril de 1891.

Foi a *Fé de Officio* publicada no *Jornal do Commercio* de 28 de Maio de 1891.

A redacção dessa folha sobre ella disse as seguintes palavras:

Á inexcedível gentileza do Sr. Visconde de Taunay devemos as primicias da publicação de importantissimo documento, que o leitor vai conhecer.

“É uma especie de testamento político, ou antes um memorial, em que são anotados com uma fôrma por vezes brusca, sempre concisa, e são gravados em traços vigorosos e lapidares todos os designios, todos os ideaes, todas as preoccupações que agitaram e fizeram agir o homem probo e patriota, que, durante mais de meio seculo, dirigiu os destinos da mais bella porção desta America, que elle chama em uma phrase simples e tocante, da qual transuda o mais entranhado amor — “o meu caro Brasil.”

“A fórmula testamentaria desse documento não nos obriga, entretanto, a proferir o juízo que os contemporâneos tenham já formado do papel politico que D. Pedro II representou no Brasil. Essa tarefa incumbe, no nosso entender, á posteridade, que tem a perspectiva dos acontecimentos que nos fallece a nós, e assim pôde gravar o seu juízo inexoravel e infallivel.

“O que queremos apenas testemunhar, o que queremos assignalar com o maior relevo é que, no declínio da existencia, nessa melancolica paragem da vida humana, em que se arrefecem todas as aspirações e ambições e a vida moral não se inebria mais com a voluptuosidade alentadora das esperanças, aquelle venerando Ancião volve irresistivelmente os seus olhos já cançados para a terra que lhe foi berço, que elle ama estremeidamente, e deixa entrever o desejo de que aquelles, a cuja communhão os destinos o acaso o fez presidir, julguein-no tambem pelas suas intenções, que foram limpidas como o crystal, pelo amor infinito que dedicou e dedica a esta terra; e do mais profundo do coração lembra, com as luzes da sua longa experiencia, o caminho da felicidade, no qual quer ver encarreirado o “seu caro Brasil”.

O Sr. Visconde de Taunay, a proposito da *Fé de Officio*, fez esta declaração:

“Eis o que recebi de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II e entrego á publicidade, como um dos documentos mais bellos, mais sinceros e honrados da historia do Brasil.”

VISCONDE DE TAUNAY.

Rio de Janeiro, 27 de Maio de 1891.

N O T A

A 28 de Maio de 1891, publicou o *Jornal do Commercio* um documento da lavra do ultimo e recém-des-thronado imperador do Brasil, cuja leitura causou ao publico profundissima impressão.

Era a sua *Fé de Officio de Imperador do Brasil*, documento repassado da magnanimidade caracteristica de espirito do nobilissimo Principe, grandiosa figura não só da nossa Nação, como da Humanidade.

Recebera meu Pae os originaes deste documento notavel, oito dias antes. Capeados por uma carta do Conde da Motta Maia. Leu-os com a mais funda commoção e telegraphou ao Conde perguntando-lhe "Posso publicar ? Respondeu-lhe este, por telegramma de Versalhes, datado de 26 : "*Décidez convenablement. Claudio.*"

A' vista desta resposta levou a *Fé de Officio* ao Dr. José Carlos Rodrigues que se mostrou muito grato por poder communicar ao publico ledor do *Jornal do Commercio* tão importante inedito.

Como mostrasse vivo desejo de ficar com os preciosos originaes para a sua riquissima brasiliana meu Pae lhos offereceu.

Vivissimos commentarios provocou a divulgação da *Fé de Officio*, analysada do modo mais violento pel'O *Pais* e o *Diario de Noticias*, que então representavam o pensamento do mais exaltado republicanismo.

Insinuações houve, e diversas, de apocryphia do documento, forjado, no dizer de alguns, por meu Pae, ou, pelo menos, por este manipulado a seu bel prazer no fundo e na forma. Escreveu alguém então:

"Todos os jornaes, occupando-se da *Fé de Officio*, occuparam-se hontem do Sr. Taunay e tanto... tanto que até parece estarem a acreditar que o Sr. ex-senador foi quem a redigiu.

Não é exacto. Ha pessoas até que viram o autographo do ex-Imperador, e o illustre presidente da Sociedade Central de Imigração é muito capaz de exhibil-o, para acabar com estas suspeitas de apocryphia".

Da *Fé de Officio* fez meu Pae uma impressão em opusculo da Typographia de Leuzinger e Filhos, distribuida largamente pe'os seus amigos, orgãos da imprensa, bibliothecas, etc.

Reproduzi este fasciculo, na integra, no volume da sua posthuma subordinado ao titulo *Pedro II* e editado, em 1933, pela Companhia Editora Nacional.

Persistiu entre alguns, sobretudo desaffectedos da memoria do grande Bragança, a duvida sobre a authenticidade da *Fé de Officio*.

Ainda não ha muito, um dos mais acirrados adversarios posthumos de Pedro II dizia-me, aliás muito cortezemente, que os bellos *Sonetos do Exilio* eram positivamente da lavra de Carlos de Lact e a *Fé de Officio* da de meu Pae.

Assim, pois, com verdadeiro jubilo, li o artigo de meu illustre collega, Dr. Rodrigo Octavio, na edição do *Jornal do Commercio* de 12 de Agosto do corrente. Soube então da existencia de um rascunho do nobre documento, cuidadosamente por elle conservado.

Com a maior curiosidade percorri-o e desta leitura me proveio intensa satisfação. Verifiquei a quasi perfeita identidade dos dois originaes e pude apreciar quanto o rascunho de propriedade do Dr. Rodrigo Octavio se aproxima do texto por meu Pae impresso no *Jornal do Commercio*.

É muito interessante recordar porém como semelhante papel foi ter ás mãos de meu illustre collega da Academia Brasileira.

Orçamo!-o, pois :

“Como é sabido, na comitiva, que acompanhou a Família Imperial, (ao Exilio), incorporou-se, voluntariamente, André Rebouças, cujos sentimentos de gratidão e estima para com o velho monarcha se revoltaram com a deposição e o desterro.

Era André Rebouças uma forte personalidade, engenheiro de renome, homem de grande envergadura moral. Era, porém, negro, feio e ainda em cima todo picado de bexiga.

Parece que sua presença a bordo não agradou ao grupo cortezão que acompanhou os reaes exilados. Comtudo, é certo que Rebouças acompanhou sempre o Imperador, e com elle foi para Carnes. Afastou-se, porém, pouco depois e, dispondo de pequenos recursos, foi para a Ilha da Madeira, onde um dia se atirou ao mar.

Elle era amigo intimo de Conrado Jacob de Niemeyer, antigo negociante, que muito ligado a Paulo de Frontin foi seu constante e dedicado companheiro na administração do Club de Engenharia e na Empresa Industrial de Melhoramentos do Brasil.

Chegada aqui a noticia da morte de André Rebouças, quiz Conrado Niemeyer, que era seu procurador, promover os termos do inventario de seus pequenos haveres e eu, que era advogado da Empresa de Melhoramentos, como, pessoalmente, de Niemeyer, fui encarregado desse trabalho forense.

Instaurado o inventario foi expedida uma carta rogatoria ás Justiças da Madeira, solicitando a arrecadação e remessa para cá dos objectos que Rebouças tinha consigo; e aqui recebemos poucos mezes mais tarde duas enormes malas.

Foram ellas levadas para o escriptorio da Empresa, então á Rua 1.º de Março. Estive presente ao acto de abertura dessas malas. Nellas havia alguma roupa, muito papel escripto, em tiras, mas em completa desordem e baralhamento, e muitos livros. Por essa occasião, meu saudoso amigo Conrado Niemeyer pediu-me que escolhesse um livro, como lembrança do caro morto, e eu,

depois de rapido exame, estornei para mim um exemplar do pequeno livro de Benjamin Mossé sobre *Dom Pedro II*. O volume estava todo annotado, a lapis azul, por André Rebouças e trazia no frontispicio a data da acquisição em Lisboa, 5 de Janeiro de 1890. Além dessas circumstancias de estimação, eu sabia que o livro era interessante, escripto com elementos e indicações fornecidas ao Autor pelo Barão do Rio Branco, que, segundo era corrente, escrevera, elle mesmo, toda a parte relativa á Guerra do Paraguay. O volume estava recheiado de retalhos de jornal com noticias referentes ao Imperador. Para que do que estava nelle, coisa alguma se pudesse perder, passei-lhe um barbante em volta e, assim amarrado, o trouxe para casa.

Só mezes depois, preparando livros para mandar encadernar, foi que tomei do pequeno volume e examinei o que dentro delle havia; ahi encontrei, ao lado de retalhos de jornal, sem maior interesse, duas folhas de papel quadriculado, grandes, dobradas em quatro e presas por um fio de barbante verde; nesse papel, por fóra, havia esta annotação, a lapis azul, do punho de Rebouças:

— *“Minha Fê de Officio — Cannes, Abril de 1891.*

“O original escripto pelo Conde Motta Maia e correcto por D. Pedro II.”

Dessas duas folhas de papel estão escriptas seis laudas de una letrinha fina, com emendas e entrelinhas por letra do Imperador, de cujo punho são, tambem, integramente, as 7 linhas finais.”

“Este notavel documento, commenta o Sr. Rodrigo Octavio, foi publicado com variantes e sua authenticidade tem sido posta em duvida”.

Vamos agora cotejar os dois textos, o que proveio do espolio de Rebouças e o que foi publicado pelo Visconde de Taunay:

TEXTO DE TAUNAY

Creio em Deus.

Fez-me a reflexão sempre conciliar as suas qualidades infinitas: Providencia, Omnisciencia e Misericordia.

Possuo o sentimento religioso; innato ao homem, é despertado pela contemplação da Natureza.

Sempre tive fé e acreditei nos dogmas.

.....

O que sei, devo-o, sobretudo, á pertinacia.

Reconheço que sou muito somenos no que é relativo aos dotes da imaginação, que posso bem apreciar nos outros.

.....

Muito me preocuparam as leis sociaes; e não sou o mais competente para dizer a parte que de continuo tomei em seu estudo e applicação.

TEXTO DE RODRIGO OCTAVIO

Sempre tive sentimento religioso, por ser innato no homem, contemplação da Natureza. Creio em Deus, e a reflexão me fez sempre conciliar suas qualidades infinitas. Omnisciencia, Providencia e Misericordia. Sempre tive fé, e acreditei nos dogmas, mesmo por argumentos da razão.

.....

O que sei devo-o sobretudo á pertinacia.

Reconheço que sou muito somenos no que é relativo aos dotes de imaginação, que posso, aliás, bem apreciar em outros.

.....

As leis sociaes sempre me preocuparam, e não o sou mais competente para dizer a parte, que sempre tomava em seu estudo e applicação. Sempre me interessei pelas questões

Sobremareira me interessei pelas questões economicas, estudando com todo o cuidado as pautas das alfandegas no sentido de proteger as industrias naturaes até o periodo do seu prospero desenvolvimento.

.....

Invariavelmente propendi para a instrucção livre, havendo somente inspecção do Estado quanto á moral e á hygiene, devendo pertencer a parte religiosa ás familias e aos ministros das diversas religiões.

Pensei tambem no estabelecimento de duas Universidades, uma no Norte e outra no Sul, com as faculdades e institutos necessarios e portanto apropriados ás diferentes regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio do concurso.

.....

Igreja livre no Estado livre; mas isso quando a instrucção do povo pudesse aproveitar de taes instituções.

.....

Estudei com cuidado o que era relativo á moeda corrente e se prendia á questão dos bancos. Quanto á legislação sobre privilegios, oppuz-me aos que se ligam á propriedade litteraria, sustentando as-

economicas, estudando com todo o cuidado pautas de alfandegas, no sentido de proteger industrias naturaes até o periodo de prospero desenvolvimento.

.....

Sempre pensei no sentido da instrucção livre, havendo sómente inspecção do Estado quanto á moral e á hygiene, devendo pertencer a parte religiosa ás familias, e aos ministros das diversas religiões; tambem no estabelecimento de 2 Universidades, uma no norte e outra no sul, com as faculdades e institutos necessarios e portanto apropriadas ás diferentes regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio de concurso.

.....

Igreja livre no Estado livre, mas isso quando a instrucção do povo pudesse aproveitar de taes instituções.

.....

Sempre estudei com muito cuidado o que era relativo á moeda corrente, que se prende á questão dos bancos; legislação sobre privilegios, oppondo-me sempre aos que se ligam á propriedade lite-

sim as opiniões de Alexandre Herculano, antes que elle as tivesse manifestado.

.....

Cautelosa e insistentemente estudei questões de immigração sobre a base da propriedade e o aproveitamento das terras, explorações para o conhecimento das riquezas naturaes, navegações de rios e differentes vias de comunicação.

.....

Pensava na installação de um observatorio astronomico, moldado nos mais modernos estabelecimentos desse genero. Segundo as minhas previsões e estudos, poderia ser superior ao de Nice.

.....

Cogitei sempre em todos os melhoramentos para o exercito e a marinha, afim de que estivessemos preparados para qualquer eventualidade, embora contrario ás guerras. Buscava assim evital-as.

.....

Preoccuparam-me seriamente os estudos de hygiene publica e particular, de modo a nos livrar das epidemias; e isso sem grande vexame para as populações.

.....

Acompanhava-me sempre a idéa de ver o Brasil que me é

raria, sustentando as opiniões de Alexandre Herculano, e antes que elle as tivesse manifestado.

.....

Estudei muito questões de immigração sobre a base da propriedade e o aproveitamento das terras; explorações para o conhecimento das riquezas naturaes; navegação de rios, e differentes vias de comunicação.

.....

Pensava na installação de um observatorio astronomico, moldado nos mais modernos estabelecimentos desse genero e, segundo as minhas previsões e estudos, poderia ser superior ao de Nice.

.....

Sempre cogitei em todos os melhoramentos para o exercito e marinheiros, afim de que estivessemos sempre preparados para qualquer eventualidade, embora contrario ás guerras, evitando-as assim.

.....

Preoccupavam-me seriamente os estudos de hygiene publica, e particular, afim de evitar as grandes epidemias, e isso sem grande vexame para as populações.

.....

Acompanhava-me sempre a idéa de vêr o meu Brasil sem

tão caro, o meu Brasil, sem ignorancia, sem falsa religião, sem vícios e sem distancias.

.....

Para mim, o honam devia ser regenerado e não suprimido, e por isso, muito estudava a penalidade, tomando grande parte no que se fez relativamente a prisões e pensando todas as questões modernas, que tendiam a seu melhoramento.

Procurei abolir a pena capital, tendo-se encarregado o Visconde de Ouro Preto de apresentar às Camaras um projecto para a abolição legal da mesma pena.

Pacientemente compulsava todos os processos para a commutação da pena ultima; quando não encontrava base para isso, guardava-os, sendo a incerteza já uma pena gravissima para os réos.

.....

Muito me esforcei pela liberdade das eleições e, como medida provisoria, pugnei pela representação obrigada do terço, preferindo a representação uninominal de circulos bem divididos; pois o systema, ainda por ora impraticavel, deve ser o da maioria de todos os votantes de uma nação.

.....

Conselho de Estado, organizado o mais possivel, como

ignorancia, sem falsa religião, sem vícios, e sem distancias.

.....

Sempre pensei que o honam devia ser regenerado e não suprimido, e por isso estudava muito a penalidade tomando grande parte no que se fez relativamente às prisões e estudando todas as questões modernas, que tendiam a seu melhoramento.

Procurei abolir a pena capital por lei, tendo-se encarregado o Visconde de Ouro Preto de apresentar às Camaras um projecto para a abolição legal da mesma pena.

Estudava cuidadosamente todos os processos para a commutação e a pena ultima, e, quando não encontrava base para isso, guardava-os, sendo a incerteza já uma pena gravissima para os réos.

.....

Sempre me esforcei pela liberdade das eleições, e, como medida provisoria, pugnei pela representação obrigada do terço, preferindo a representação uninominal ou circulos bem divididos; pois que o systema ainda por agora impraticavel, deve ser o da maioria de todos os volantes de uma nação.

.....

Conselho de Estado organizado, o mais possivel, como

o da França, reformando-se a Constituição, para que pudesse haver direito administrativo contencioso.

.....

Provimento de 1.º lugar da magistratura por concurso perante tribunal judicial para formar lista dos mais habilitados, onde o governo pudesse escolher; concurso também para os lugares de administração; categorias de presidencias para que se preparassem os que deviam regê-las, conforme a importancia de cada uma.

.....

Trabalhei muito para que só votasse quem soubesse ler e escrever, o que suppõe riqueza moral e intellectual, isto é, a melhor.

.....

Sempre procurei não sacrificar a administração á politica.

.....

Cogitava na construcção de palacios para os ramos legislativo e judicial e para a administração, para bibliotheca e exposições de differentes especies, para conferencias publicas.

.....

Nunca me descuidei da sorte physica do povo, sobretu-

o da França, reformando a constituição para que pudesse haver direito administrativo contencioso.

.....

Provimento do 1.º lugar de magistratura com concurso perante Tribunal judicial, para formar lista dos mais habilitados, donde o governo pudesse escolher. Concurso também de habilitação para os lugares de administração; categorias de presidencias para que se habilitassem os que deviam regê-las, conforme a importancia de cada uma.

.....

Trabalhei muito para que só votasse quem soubesse ler e escrever; o que suppõe riqueza moral e intellectual, isto é, a melhor.

.....

Sempre procurei não sacrificar a administração á politica.

.....

Cogitava na construcção de palacios: legislativo, judicial e administrativo para bibliotheca e exposições de differentes especies; para conferencias publicas.

.....

Nunca me descuidei da sorte physica do povo sobretu-

do em relação a habitações salubres e a preço commodo e á sua alimentação.

.....

Nunca deixei de estudar um só projecto, discutindo com os seus autores e procurando esclarecer-me.

O meu dia era todo occupado no serviço publico, e jamais deixei de ouvir e falar a quem quer que fosse.

Lia todas as folhas e jornaes da capital e alguns das provincias para tudo conhecer por mim quanto possível, mandava fazer e fazia extractos nos das provincias dos factos mais importantes que se ligavam á administração, com a idéa constante de justiça a todos.

Assistia a todos os actos publicos para poder ver e julgar por mim mesmo.

.....

Em extremo gostei do theatro dramático e lyrico, cogitando sem cessar da idéa de um theatro nacional.

.....

Nunca me esqueci da Academia de Bellas Artes, pintura, esculptura, desenho e gravura, e fiz o que pude pelo Lyceo de Artes e Officios.

.....

Desejava estabelecer maior numero de dioceses, conforme

do em relação á habitação em lugares salubres e a preço commodo, e a sua alimentação.

.....

Nunca eu deixei de estudar um só projecto, discutindo com seus autores e procurando esclarecer-me.

Meu dia era todo occupado no serviço publico, e nunca deixei de ouvir e falar com quem quer que seja. Lia todos os jornaes e alguns das provincias, para tudo conhecer, como era possível, e mandava fazer extractos nos das provincias em factos mais importantes que se ligavam á administração e sempre com a idéa constante da justiça a todos. Assistia a todos os actos publicos para poder ver e julgar por mim mesmo.

.....

Sempre gostei muito do theatro, dramático e lyrico, cogitando sempre na idéa de um theatro nacional.

.....

Nunca me esqueci da Academia de Bellas Artes, esculptura, desenho, gravura, e sempre fiz tudo pelo Lyceu de Artes e Officios.

.....

Desejava estabelecer maior numero de dioceses conforme

comportasse o territorio, assim como differentes seminarios.

.....

Sempre me interessei pelas expedições scientificas, desde a do Ceará, que publicou trabalhos interessantes, lembrando-me agora dos de Agassiz e de algumas que illustraram nossos patricios no continente europeu.

.....

Presidia ultimamente a commissão encarregada do Codigo Civil e esperava que, em pouco tempo, apresentasse ella trabalho digno do Brasil.

.....

Pensava na organização de um instituto scientifico e litterario, como o da França, utilizando para isso alguns estabelecimentos de instrucção superior que já possuímos; e para isso encarreguei o Dr. Silva Costa e outros de formarem projecto de estatutos.

.....

Sempre procurei animar palestras, sessões, conferencias scientificas e litterarias, interessando-me muito pelo desenvolvimento do Museu Nacional. O que ali fez o Dr.

comportasse o territorio, assim como differentes seminarios.

.....

Sempre me interessei pelas expedições scientificas, desde a do Ceará, que publicou trabalhos interessantes, lembrando-me agora dos de Agassiz, e de alguns outros que illustraram nossos patricios no continente europeu.

.....

Reunia ultimamente em palacio a commissão encarregada do Codigo, e esperava em pouco tempo que ella apresentasse-me trabalho digno do Brasil. O Sr. Glaziou offereceu ao Instituto de França as actas daquella commissão em trabalho.

.....

Pensava na organização de um instituto scientifico e litterario como o da França, utilizando para isso alguns estabelecimentos de instrucção superior que já possuímos, e para isso encarreguei a Silva Costa e a outros de formarem Projecto de estatutos.

.....

Sempre procurei animar palestras, sessões, conferencias scientificas e litterarias, interessando-me muito pelo desenvolvimento scientifico do Museu Nacional. O que ali

Couty tornou esse estabelecimento conhecido na Europa; muitos dos trabalhos do Museu são hoje citados e applaudidos.

.....

Preocuparam-me as escolas praticas de agricultura e zootecnia.

.....

Dei toda a attenção ás vias de comunicação de todas as especies no Brasil, tendo feito, além de outros, estudo especial dos trabalhos do celebre engenheiro Hawkshaw relativos aos melhoramentos da barra do Rio Grande do Sul. Do mesmo modo, tudo quanto se referia a estabelecer a circulação do Brasil por agua desde o Amazonas até ao Prata e dahi ao S. Francisco, da fôz para o interior, ligando-se por estradas de ferro a região dos Andes ás bacias do Prata e Amazonas.

.....

Oxalá pudesse a navegação por balões aerostaticos tudo dispensar e, elevando-se bem alto assim como a submarina aprofundando-se bastante, nos livrassem ambas das tempestades.

fez o Dr. Couty tornou esse estabelecimento conhecido na Europa, e muitos dos trabalhos ali feitos são hoje conhecidos e citados.

.....

As escolas praticas de agricultura e zootecnia preocupavam-me sempre.

.....

Sempre me occupei das vias de comunicação de todas as especies no Brasil, tendo feito, além de outros, estudo especial dos que examinou o celebre engenheiro Hawkshaw, relativos ao melhoramento da lavoura do Rio Grande do Sul, e de tudo o que se referia a estabelecer a circulação no Brasil por agua, desde o Amazonas até o Prata, e da fôz do Rio São Francisco até o mesmo porto, como do porto do Recife, ligando-se esse systema de comunicações até o Chile, e dahi alcançando pelas estradas de ferro dos Andes as bacias do Prata e do Amazonas.

.....

Oxalá que a navegação por balões aerostaticos pudesse ser dispensavel (3) e elevando-se sufficientemente, assim como a submarina aprofundando, nos livrassem ambas das tempestades.

Do cotejo a que vem procedendo terá o leitor verificado quanto as diferenças dos dois textos são absolutamente insignificantes. Os finais de um e de outro apresentam ligeiríssima divergencia.

.....

São, porém, devaneios...
 Nas preoccupações scientificas e no constante estudo é que acho consolo e me preservo das tempestades moraes...

.....

.....

Mas isto é apenas um dos devaneios que me tem occupado em relação ás sciencias, cujo estudo tanto me tem consolado, preservando-me igualmente das tempestades moraes.

.....

As ultimas linhas do texto Rodrigo Octavio não apparecem no de Taunay:

“Mas ainda tenho muito que reflectir sobre o que ha de por fim apparecer e Deus queira que aproveite á minha terra. Basta de talar de mim”.

Infelizmente se acha indeterminada a data do escripto ultimamente divulgado: “*Cannes, Abril de 1891*” é quanto traz, ao passo que no texto publicado, em Maio de 1891, pelo *Jornal do Commercio*, está perfeitamente assignalado o dia em que o monarcha o terminou — “*Cannes, 23 de Abril de 1891*”.

Deante do que acaba de se demonstrar penso para sempre destruida a ballela da apocryphia da *Fé de Officio* de D. Pedro II e da sua falsa attribuição ao Visconde de Taunay.

O rascunho enviado ao incomparavel amigo que do dynasta deposedo era o nobilissimo André Rebouças soffreu

certamente alterações insignificantes, por assim dizer, no tocante á melhora do estylo e, novamente copiado, foi remettido ao Visconde de Taunay que o inseriu, com todo o respeito pelo texto imperial, nas columnas do *Jornal do Commercio*.

Outra interpretação parece-me insustentavel...

AFFONSO DE E. TAUNAY

2 de setembro de 1934

Cartas de D. Pedro II, exilado, ao Visconde de Taunay

Ao publicar na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* as onze cartas de Pedro II, exilado, a meu Pae, cujos autographos estão em meu poder, assistia-me a certeza de trazer nova contribuição, tão curiosa quanto cheia de valia, para o estudo daquella personalidade excelsa, em sua phase derradeira, no periodo em que a grandeza moral dominadora de toda a sua existencia tomou inexcediveis proporções.

Escriptas na maior intimidade, num tom inteiramente paternal, sem a menor preocupação de possível publicidade, nellas vemos as singelas contestações do monarcha decahido aos topicos das cartas do fiel correspondente, entremeiando-se ás noticias relativas aos seus estudos philologicos e projectos “para servir á Patria sempre”, as pequenas distracções que lhe minoravam as máguas, os planos de traducção de obras litterarias, as impressões de leituras ou de audições musicas, de critica a discursos e conferencias, tudo

isto narrado com tanta simplicidade! Era sempre o mesmo soberano, o imperador, que se contentava em Petropolis, na sua cella monastica, de um catre de ferro e um lavatorio de pinho, ao lado dos caros livros, um por um escolhidos, manuseados incansavelmente e annotados. “Espero ainda reve-los, antes de minha morte, como a filhos queridos”, declarava na penultima das cartas, quarenta dias antes de desaparecer.

Nestas cartas, em todas, nenhuma palavra de revolta, ou sequer de queixume e acrimonia! Paira acima de tudo o mais entranhado amor ao Brasil, acompanhado de saudades intensissimas da natureza patria, as lembranças queridas dos amigos. Recalca o grande exilado no intimo todos os sentimentos de dôr. Confia na absolvição que a posteridade lhe dará, attendendo ás intenções com que sempre agiu. Na maior intimidade confessa ao servidor fiel que, ao pensar na sua “Fé de Officio de Imperador do Brasil”, as lagrimas lhe marejam os olhos.

Tanta elevação de animo realmente nos enche da maior admiração. . .

Cada vez mais avulta a figura de Pedro II; dia virá em que acima do patriota e do defensor

perpetuo da moralidade pública brasileira collocará a convicção nacional o exilado, que na adversidade deu estupendos exemplos de grandeza d'alma. Dessa serenidade que nelle veio completar, sem duvida possivel, uma das figuras maximas da nação brasileira, senão uma das mais nobres figuras da Humanidade.

AFFONSO DE E. TAUNAY

I

Versalhes, 25 de Janeiro de 1890 (58).

Taunay

Respondo á sua carta de 26 de abril, digna de um filho de Felix Emilio Taunay, que tanto sentia o bello em suas multiplas manifestações. Lerei com o maior interesse o complemento do seu trabalho sobre Matto Grosso: lembro-me do dr. Cesar de Azevedo desde os bancos do nosso collegio.

Passo bem, trabalho melhor e logo vou a Academia de Sciencias, sobretudo para ouvir o

(58) Embora a má calligraphia obra de mão muito tremula são estas cartas de D. Pedro II perfeitamente legiveis. Varias muito claras até. Em algumas porèm occorrem palavras de difficil interpretação a que com a maior facilidade suppre o sentido quasi sempre.

Lipmann sobre a reproducção das cores pela photographia.

Já estudei aqui, de visu, o que pretendeu ter feito um certo Baudran e conheço a tentativa de Becquerel, que morreu ha pouco.

Lidei com os representantes das tres gerações na Academia das Sciencias a que pertenceram avô e pae e agora pertence o filho, todos elles phisicos notaveis.

Já fui a uma das exposições de bellas artes.

Tenho um destes dias no theatro do "Trianon" Le devin du village e Le philosophe sans le savoir. Vou passar uma temporada em Vichy, que não conheço, e volto ao meu Paris onde tanto se aprende.

Lembranças a sua mãe, a toda sua familia e aos que se lembrem do

Seu muito afeiçãoado

D. PEDRO DE ALCANTARA

Tannay

Vou passando bem, e com proveito para os meus estudos linguisticos e historicos.

Passeio por estes logares lindissimos; falta-me porem a sociedade que mais me agrada.

Breve irei para Baden-Baden por causa do meu tratamento de duchas e de gymnastica nos diversos aparelhos, sem contar a natação de que tanto gosto.

Reenvio-lhe o seu folheto sobre o Paraná anotado por mim, para a prova do quanto me interessou a sua leitura. Se quizer guarda-lo peço-lhe outro exemplar, em que copie minhas notas, a que deseje talvez ajunctar outras.

*Peço-lhe que dê muitas lembranças minhas
a toda sua familia, começando por sua mãe.*

Nunca me esquecerei do que devo a seu pae.

Adeus! Acceite o abraço de

Seu muito affeïçoadado

D. PEDRO DE ALCANTARA

Cannes, 12 de Julho de 1890.

Taunay

Muito obrigado por sua carta de 22 de Fevereiro e o seu "Estudo historico". Já principiei a lê-lo. Para que não me pareça injusto o que diz de mim, enviar-lhe-ei brevemente a minha fé de officio de Imperador do Brasil.

Escreva-me sempre dando-me noticias de tudo que saiba interessar-me, sobretudo do que de qualquer modo se refira a colonização.

Vou bem de saude e estudo, bastante para mesmo de longe servir á nossa Patria.

Como vão os seus? Falle-me de Petropolis...

Adeus! Receba um abraço do amigo de seu pae e seu

D. PEDRO DE ALCANTARA

Cannes, 21 de Março de 1891.

IV

Taunay

Lendo sua carta de 16 de Abril parecia-me gozar da bella vegetação do Brasil.

Falle-me tambem das pessoas que sabe mais prezava eu, augmentando-me ellas o prazer dos passeios e agora as entranhadissimas saudades (59).

De Versailles já vi quasi tudo, não esquecendo, bem entendido, os quadros de seu avô.

Um destes dias tenho, no theatro Trianon, uma representação pela companhia do theatro

(59) Allusão de uma delicadeza tocante. Refere-se o monarcha aos passeios matutinos a pé que, diariamente, dera em Petropolis no ultimo verão alli passado, em companhia do seu correspondente, do conde de Aljezur e de André Rebouças.

francez do Devin du village e de La gageure imprévue. Fui hontem a Paris ouvir no theatro francez: Grisélidis. Deve conhecer o conto de Boccacio; aproveitaram-no bem, e os versos de Armand Silvestre são mui bellos e dos que se repetem depois de ouvidos.

Mlle. Bartet representou perfeitamente o papel sympathico de Grisélidis. Coquelin Cadet não me agradou no de Diabo.

Continuo os meus estudos de sciencias naturaes, e facto curioso, psychologico: depois de minha grande molestia a intelligencia tornou-se muito mais apta para as mathematicas; reconheço-o sobretudo pela leitura dos Compte-rendus, que vou annotando conforme o que sei, e mais estudo para melhor faze-lo. Infelizmente não estamos na epocha musical de Paris. Arrisquei alguns passeios pelo Parnaso: sobretudo traducções como a do poema de Lucrecio.

Emfim se soffro não me aborreço nem a outros com as minhas queixas — e agora, até outra, pois as tentações ahi estão em torno da minha mesa e sobre ella bem á mão.

Muitas lembranças a todos os seus, e conte sempre com

Seu amigo

D. PEDRO DE ALCANTARA

Versailles, 22 de Maio de 1891.

V

Versailles, 29 de Maio de 1891.

Taunay

Recebi sua carta de 30 de Abril e respondo já a Sylvío Dinarte nome que me recorda escriptos tão estimados de quem gosta da boa litteratura.

Não fallo do estellionato artistico do... Está bem punido pelos artigos da imprensa; tenho mesmo pressa de occupar-me do meu Rio de Janeiro (60).

Concordo plenamente no juizo que forma da pintura do panorama e, como para detalhes achou

(60) Referencia ao Panorama do Rio de Janeiro de Victor Meirelles.

minucias ou pormenores também substituiria aproveitamento — lavra (quanto a minas) — exploração — vá pela palavra traduzindo nuance, embora de aspecto estranho, pois matiz não exprime completamente a ideia. E luciven (51)? Elle não se espichou somente nas palavras que phantasiou, merecendo embora elogios por esse seu trabalho e sobretudo serviços prestados ao estudo do latim tão deslembrado por quem fallando a propria lingua não reflecte quanto imagina com o poeta:

“Com pouca corrupção crê que é latina” tal qual Mr. Jourdain a exprimir-se em prosa.

A data 7 de Maio provou-me bem que nunca é importuno a quem tanto prezo e á sua familia...

Com effeito non est ibi locus para a estatua, e prefiro vê-la onde dia. Prevaleceu porém o empenho aliás bem justo do Vasques, e a gratidão não é comesinha (62).

Sursum corda! esperava que os seus artigos fossem repercussão dos meus sentimentos.

(61) Allusão a diversos neologismos inventados pelo Dr. Castro Lopes.

(62) Referencia ao monumento de João Caetano e a discussão pela imprensa acerca de melhor lugar a ser collocado.

Continue, continue seus estudos sôbre Villa Bella.

As informações sobre Rivardo Franco de Almeida Serra, apreciando seus trabalhos, serão justa homenagem ao seu merito. Não me recordo agora de publicações que lhe possam aproveitar, pois vejo que, como eu, conhece o minucioso Philippe Coelho. O conego Guimarães poderá ter deixado escriptos curiosos.

Os bispos de Matto Grosso tem sido homens illustrados e poderão talvez fornecer bom subsidio.

O actual é muito intelligente e instruido — embora não tanto como o que foi ultimamente transferido de Goiaz e, pela proximidade relativa das duas provincias, poderá ter estudado o que se refira a Matto Grosso.

Emfim, vá-me escrevendo e, á medida que progredir o trabalho, eu lhe lembrarei o que me lembrar.

30 — *Acabo de ler o seu folheto (63).*

Pag. 7. Integralisada? Não entendo bem.

Pag. 8. Fiz o que pude; — mares encapella-

(63) Reporta-se o Imperador ao opusculo *Algumas verdades* que o seu correspondente lhe dedicara e imprimira em 1891. Transcrevo aqui as annotações á margem do pamphleto.

dos — agradeço-lhe a intenção, mas acho-a por demais poetica.

Pag. 14. "Tambem de seus labios..." etc. Creio que ali tambem ha poesia.

15. Não é difficil ser assim, basta ter verdadeiro sentimento religioso; é querer ageitar-se. Não comprehendendo effeito sem causa; o exercito não é a tropa que se achava no Rio.

16. Alfinetadas; admittirei. — Sem fallar... etc., inteiramente de accordo, apesar de eu sempre esforçar-me por boa força de policia.

(Aguardo com impaciencia a livro que facilitará as minhas reflexões).

17. Melhor remuneração — Tem razão, mas a despesa? Porisso penso como sabe quanto ao exercito permanente no Brasil.

18. Quem foi?

19. Fiz meu dever?

20. Por fim já não achava opposição por parte dos ministros.

22. Não ha duvida. Sempre pugnei por inteira liberdade de imprensa; seu correctivo está nella mesmo.

23. Pela evolução sempre a quiz; seria a prova do desenvolvimento, sobretudo moral, do Brasil.

31. *Li, e com tanto maior satisfação quanto elle mesmo concorreu para a calunnia do governo pessoal.*

35. *Todos os dias; e só penso na posição que occupei, por ella permittir-me prestar mais facilmente serviços á nossa terra. Serviços presto-os eu, todos os dias, occupando-me de tudo o que mais ou menos directamente lhe possa ser util.*

Obrigado ainda pelas suas Verdades!

Adeus! lembranças a todos os seus; breve espero carta sua.

Seu muito afeiçãoado

D. PEDRO DE ALCANTARA.

VI

Taunay

Respondendo á sua carta de 28, datada de nosso Petropolis só tenho que lhe agradecer o que fez para a publicação de minha "Fé de Officio".

Ainda direi que me confessei perante a Nação. A posteridade me absolverá de meus erros, attendendo ás intenções.

Creia que lhe escrevo estas linhas com as lagrimas nos olhos. Tenho tanta fé em tudo o que fiz e faço que, penso, seria martyr nos primeiros seculos do christianismo. Não exagero.

Aguardo impaciente o seu trabalho sobre Matto Grosso.

Queira dar muitas lembranças á sua veneranda mãe e a todos os seus.

Estive bastantes dias de cama por causa de um callo. Houve gangrena, mas graças ao meu já duas vezes salvador Motta Maia, não preciso cortar o pé esquerdo. Agora tudo vai bem. Mas sempre li e escrevi, o que é o meu consôlo, longe da patria como da affeição dos que querem ao

Seu muito seu

D. PEDRO DE ALCANTARA.

Vichy, 27 de Junho de 1891.

VII

Vichy, 20 de Julho de 1891.

Taunay

Vou bem, embora se tivesse aggravado o incommodo do callo mal tirado, onde até houve gangrena. Em poucos dias poderei partir daqui para a Auvergne, que desejo conhecer.

Minha futura digressão já está fixada.

*Muito aproveitei do *De bello gallico* que descreve a região de Vichy, cujos contornos já na realidade percorri.*

Admirei sempre o talento de Proudhon, mas não sei em que me poderia elle aproveitar.

Tambem gostei muito da encyclica do Papa.

Sobre musica sabe que estamos, em geral, sempre de accordo. Já ouvi trechos de Sigurd e pretendo escuta-lo na Opera de Paris. O que conheço do Condor me agradou, mas ás vezes não me parece original.

Adeus! Até breve? (64).

Muitas lembranças á sua familia.

Seu de sempre

D. PEDRO DE ALCANTARA.

(64) Falara-lhe Taunay numa viagem á Europa com o fim de o visitar.

VIII

Taunay

Não sei si já respondi á sua carta de 8 de Agosto, mas tomara ter muitas maneiras de conversarmos.

Nada lhe direi do que se refere ao meu character, e apenas repetirei o verso de Camões, que sempre me inspirou e me inspira.

“A minha patria amei e a minha gente”.

Não conheço esses livros de Tolstoi, e escreverei ao bom Rebouças que me diga quaes são.

Espero com impaciencia novos escriptos seus.

Muitas e respeitosas lembranças a sua mãe; nunca esqueço a familia de Felix Emilio Taunay,

a quem tanto devo, o que talvez não seja completamente aquilatado.

Cada dia vou melhor.

Seu muito seu

D. PEDRO DE ALCANTARA.

Vichy, 5 de Setembro de 1891.

IX

Vichy, 15 de Setembro de 1891.

Tauray

Chins!! Não sabem o que querem (65).

Tenho as minhas traducções da Biblia e das Mil e Uma Noites soffrivelmente adeantadas.

Tambem releio a Odisséa mas, desde muito tempo, comparando com o original as traducções do Odorico, reparo que bem mostra não saber o grego, lançando mão das traducções de Piedemonte, de outras e dos commentadores. Como é bello o

(65) Allusão ao projecto apresentado ao Congresso sobre immigração chinesa e vigorosamente combatido pela imprensa fluminense por Tauray.

gregol Estimaria muito cartear-me com o senhor sobre taes assumptos.

Continuo os meus outros estudos.

Conto brevemente sahir daqui, e em Paris ou perto de Paris trabalhar a meu gosto.

Que trabalhadeira mandar vir livros! Bem o experimentei agora para obter os de que preciso para explicar um pouco de Egyptologia aos meus companheiros. Os pontos das licções já estão escriptos, faltava-me agora pôr-me ao nivel do estado actual desses conhecimentos.

Escreva-me sempre, como disse, e creia-me

Seu amigo

D. PEDRO DE ALCANTARA

Muitas lembranças a todos os seus.

X

Paris, 28 de Outubro de 1891.

Taunay

Muito prazer causou-me, como sempre, a sua carta de 18.

Já vi seu mano, com o que muito folgaram as lembranças dos bons tempos.

Si o corpo envelhece e já não presta, o espirito é sempre moço; vou agora estudar com Picard, da Academia das Sciencias, novos processos mathematicos.

Cumpre tentar sempre atingir a exactidão.

Que progressos nas applicações! Já determinamos o ponto do navio com um erro maximo de.

200 metros. *Vejo quasi resolvida a navegação aerea e submarina. Zombaremos das montanhas e tempestades.*

Hei de escrever-lhe regularmente sôbre todos esses melhoramentos; aproveite, como melhor lhe parecer, taes informações.

Que saudades me faz tudo o que de Campos me diz!

Approvo completamente sua opinião sobre o destino de meus livros, que espero ainda ver, antes da minha morte, como a filhos queridos.

Proximamente, escrever-lhe-hei carta maior. Lembranças a todos que lhe fallarem de mim meus respeitos affectuosos a sua mãe. Jamais exquecerei sua familia.

Seu muito affeçoado

D. PEDRO DE ALCANTARA

XI

Paris, 24 de Novembro de 1891.

Taunay

Vou bem e já ando com o apoio da bengala.

Tenho trabalhado bastante, estou aprendendo novos processos mathematicos com um collega do Instituto e da Academia Franceza onde muito me agradou o discurso do "Prix de vertu" pelo Cherbulliez.

O C. Doucet, secretario, apesar de todo o seu espirito delicado, mal lhe posso comparar.

Obrigado por todas as suas cartas. Lembranças a sua mãe, aos Dorias e á familia. Seu filho deve estar muito crescido.

Adeus! Falle-me de tudo.

Seu amigo muito affeiçãoado

D. PEDRO DE ALCANTARA

** Este livro foi composto e impresso nas officinas da Empresa Graphica da «Revista dos Tribunaes», Rua Xavier de Toledo, 72 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, Rua dos Gusmões, 118 — S. Paulo, em Outubro de 1938.*

BRASILIANA

6.ª SERIE DA

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO.

VOLUMES PUBLICADOS

- 1 — Baptista Pereira: Figuras do Imperio e outras cenas — 2.ª edição.
- 2 — Pandiá Calogeras: O Marquez de Barbacena — 2.ª edição.
- 3 — Alcides Gentil: As Idéas de Alberto Torres (synthese com breve remissivo).
- 4 — Oliveira Vianna: Raça e Assimilação — 3.ª edição (augmentada).
- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo (1833) — Trad. de Affonso de E. Taunay — 2.ª ed.
- 6 — Baptista Pereira: Vultos e epizodios do Brasil.
- 7 — Baptista Pereira, Directrices de Ruy Barbosa — (Segundo textos escolhidos).
- 8 — Oliveira Vianna: Populações Meridionaes do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefacio de Homero Pires). Profusamente illustrado — 2.ª edição.
- 10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 2.ª edição (illustrada).
- 11 — Luiz da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. illustrado.
- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cotegipo — Vol. illustrado.
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: A margem da Historia do Brasil.
- 14 — Pedro Calmon: Historia da Civilização Brasileira — 2.ª edição.
- 15 — Pandiá Calogeras: Da Regencia á queda de Roxas — 3.º volume (da serie "Relações Exteriores do Brasil").
- 16 — Alberto Torres: A Organizaçã Nacional.
- 17 — Alberto Torres: O Problema Nacional Brasileiro.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II. — 2.ª Ed.
- 19 — Affonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVII). — 2.ª Ed.
- 20 — Alberto de Faria: Mauá (com tres Illustrações fóra do texto).
- 21 — Baptista Pereira: Pelo Brasil Malor.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 23 — Evaristo de Moraes: A escravidão africana no Brasil.
- 24 — Pandiá Calogeras: Problemas de administração.
- 25 — Mario Marroquim: A lingua do Nordeste.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 27 — Alfredo Ellis Junior: Populações Paulistas.
- 28 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaya — 4.ª edição.
- 29 — José de Castro: O problema da alimentação no Brasil — Prefacio de prof. Pedro Escudero.
- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. illustrada.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na crise actual.
- 32 — C. de Mello-Leitão: Visitantes do Primeiro Imperio — Ed. illustrada (com 19 figuras).
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.
- 34 — Argemiro Costa: Introdução á Archeologia Brasileira — Ed. illustrada.
- 35 — A. J. de Sampaio: Phytogeographia do Brasil — Ed. illustrada.
- 36 — Alfredo Ellis Junior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo da Meridiana — 2.ª edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. illustrada).
- 38 — Ruy Barbosa: Mocidade e Exilio (Cartas ineditas, Prefaciadas e annotadas por America Jacobina Lacombe) — Ed. illustrada.
- 39 — E. Roquette-Pinto: Rondonia — 3.ª edição (augmentada e illustrada).
- 40 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 1.º Tomo — Espirito da Sociedade Colonial — 2.ª edição illustrada (com 13 gravuras).
- 41 — José-Maria Bello: A intelligença do Brasil.
- 42 — Pandiá Calogeras: Formação Historica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mappas fóra do texto).

- 43 — A. Saboia Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 44 — Estevão Pinto: Os indígenas do Nordeste (com 15 gravuras e mapas) — 1.º volume.
- 45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geographica do Brasil Colonial.
- 46 — Renato Mendonça: A influencia africana no portuguez do Brasil — Ed. illustrada.
- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Mar. l.
- 48 — Ursino Vianna: Bandeiras e sertanistas bahianos.
- 49 — Gustavo Barroso: Historia Militar do Brasil — Ed. illustrada (com 69 gravuras e mapas).
- 50 — Mario Travassos: Projecção Continental do Brasil — Prefacio do Pandá Calogeras — 2.ª edição ampliada.
- 51 — Octavio de Freitas: Doenças africanas no Brasil.
- 52 — General Couto de Magalhães: O selvagem — 3.ª edição completa, com parte original Topy-guarany.
- 53 — A. J. de Sampaio: Biogeographia dynamica.
- 54 — Antonio Gontijo do Carvalho — Calogeras.
- 55 — Hildebrando Actoly: O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.
- 56 — Charles Exilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Traducção, prefacio e notas de Gastão Penha.
- 57 — Flauzino Rodrigues Vetter: Elementos do Folk-lore musical Brasileiro.
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem á Provincia de Santa Catharina (1820) — Traducção de Carlos da Costa Pereira.
- 59 — Alfredo Ellis Junior: Os Primeiros Trocos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.
- 60 — Emilio Rivasseau: A vida dos Indios Guayacurá — Edição illustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefacio e 19 cartas do Principe d'Orleans, commentadas por Max Fleury) — Edição illustrada.
- 62 — Agner Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição illustrada.
- 63 — Armando Moraes: Na Planicie Amazonica — 4.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Sobrados e Mucambis — Decadencia patriarcal rural no Brasil — Edição illustrada.
- 65 — João Dorcas Filho: Silva Jardim.
- 66 — Primivo Mancy: A Instrucção e o Imperio (Subalidos para a historia da educação no Brasil) — 1829-1862 — 1.º volume.
- 67 — Pandá Calogeras: Problemas do Governo — 2.ª edição.
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás Nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 1.º tomo — Traducção e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 69 — Prado Maia: Atravez da Historia Naval Brasileira.
- 70 — Afonso Arinos de Mello Franco: Conhecio do Civilização Brasileira.
- 71 — F. C. Hoehne — Botanica e Agricultura no Brasil no Seculo XVI — (Pequisas e contribuções).
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao Interior do Brasil — "Espirito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 73 — Lucia Miguel-Pereira — Marchada de Anais — (Estudo Critico-Biographico) — Edição illustrada.
- 74 — Pandá Calogeras — Estudos Historicos e Politicos — (Res Nostre...) — 2.ª edição.
- 75 — Affonso A. de Freitas: Vocabulario Nheengatu (vernaculizado pelo portuguez falado em S. Paulo) — Lingua Topy-guarany, (com 3 illustrações fora do texto).
- 76 — Gustavo Barroso: Historia secreta do Brasil — 1.ª parte: "Do descobrimento á abdicção de Pedro I" — Edição illustrada.
- 77 — C. de Mello-Lellão: Zoologia do Brasil — Edição illustrada.
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ás nascentes do Rio São Francisco e pela Provincia de Goyaz — 2.º tomo — Traducção e notas de Cláudio Ribeiro Lessa.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Bimbuá — Sua vida e sua acção na politica nacional — 1840-1880.
- 80 — Oswaldo R. Cahral: Santa Catharina — Edição illustrada.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Botafina do Primeiro Imperio — Frel Caneca — Ed. illustrada.
- 82 — C. de Mello-Lellão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 83 — Pedro Calmon: Historia Social do Brasil — 2.º Tomo — Espirito da Sociedade Imperial.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentales do Municipio — Edição illustrada.
- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. illustrada.
- 86 — Aurelio Pinheiro: A Margem do Amazonas — Ed. illustrada.

- 87 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio — (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino 1854-1888.
- 88 — Hello Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: As Forças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.
- 90 — Alfredo Elitz Junior: A Evolução da Economia Paulista e suas Causas — Edição Illustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco.
- 92 — Almirante Antonio Alves Comara: Ensaio Sobre as Construções Naveas Indígenas do Brasil — 2.ª edição Illustrada.
- 93 — Seraphim Leite: Páginas de História do Brasil.
- 94 — Saleme de Vasconcellos: O Fico — Minas e os Mineiros da Independência — Edição Illustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1866. 1866 — Trad. de Edgar Süsskind de Mendonça — Edição Illustrada.
- 96 — Oorlo da Rocha Diniz: A Política que convem ao Brasil.
- 97 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Illustrada.
- 98 — Fernando de Azevedo: A Educação Pública em São Paulo - Problemas e discussões (Inquerito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).
- 99 — C. de Mello-Leitão: A Biologia no Brasil.
- 100 — Roberto Simonsen: História Económica do Brasil -- Ed. Illustrada em 2 tomos — 100 e 100-A.
- 101 — Herbert Baldus: Ensaio de Ethnologia Brasileira. — Edição Illustrada.
- 102 — S. Froes Abreu: A riqueza mineral do Brasil — Edição Illustrada.
- 103 — Souza Carneiro: Mythos Africanos no Brasil. — Edição Illustrada.
- 104 — Arnau Lima — Amazonia — A Terra e o Homem — (Introdução à Anthropogeographia) — 2.ª edição.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Provincia — 2.ª edição.
- 106 — A. C. Tavares Bastos: O Valle do Amazonas — 2.ª edição.
- 107 — Luis da Comara Custodo: O Marquez de Olinda e seu tempo (1793-1876) — Edição Illustrada.
- 108 — Pedro Antonio Vieira: Per Brazil e Portugal — Sermões commentados por Pedro Calmon.
- 109 — Georges Raedem: D. Pedro II e o Conde de Gobineau (Correspondencia inédita).
- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brazil — Com um estudo do Prof. Afranio Peixoto.
- 111 — Washington Luis: Capitania de São Paulo — Governo de Rodrigo César de Menezes — 2.ª edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos Indígenas do nordeste brasileiro).
- 113 — Gastão Cruz: A Amazonia que eu vi — Obidos-Turucum-Humac — Prefacio de Poquette-V'no — Illustrado. 2.ª edição.
- 114 — Carlos Süsskind de Mendonça: Sylvia Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1853 — Com uma illustração bibliographica — edição Illustrada.
- 115 — A. C. Tavares Bastos — Cartas do Solitario — 3.ª edição.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda — Estudos Paulistaos — Edição Illustrada.
- 117 — Gabriel Soares de Souza: Tratado Descriptivo do Brasil em 1567 — Commentarios de Francisco Adolpho Varnhagen — 3.ª Edição.
- 118 — Von Spix e Von Martius: Azares da Bahia — Excerptos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Pirajá da Silva e Paulo Wolf.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Garay — Edição Illustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Philosopho — Vida de D. Pedro II — Edição Illustrada.
- 121 — Primitivo Moacyr: A Instrução e o Imperio (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 3.º volume — 1851-1889.
- 122 — Fernando Saboya de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America.
- 123 — Hermann Wütjen: O Dominio Colonial Holandês no Brasil — Um Capitulo da História Colonial do Seculo XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavacanti.

- 124 — Luis Norton: A Corte de Portugal no Brasil — Notas, documentos e cartas diplomaticas da Imperatriz Leopoldina — Edição Illustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padroado e a Igreja Brasileira.
- 126 e 126-A — Augusto de Santa-Hilário: Viagens pelas Provincias de Rio de Janeiro e Minas Geraes — em 2 tomos — Edição Illustrada. Tradução e Notas de Cláudio Ribeiro de Lencastre.
- 128 e 128-A — Almirante Custodio José de Mello: O Governo Provisorio e a Revolução de 1833 — 1.º Volume, em 2 tomos.

- 129 — Afranio Peixoto: Clima e Saúde — Introdução bio-geographica á civilização brasileira.
- 130 — Major Frederico Rondon: Na Rondônia Occidental — Edição Illustrada.
- 131 — Hildebrando Accloly: Limites do Brasil — A fronteira com o Paraguay — Edição Illustrada com 2 mappas e 66rs do texto.
- 132 — Sebastião Pagan: O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817 — Edição Illustrada.

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo